



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Simone Vieira Resende

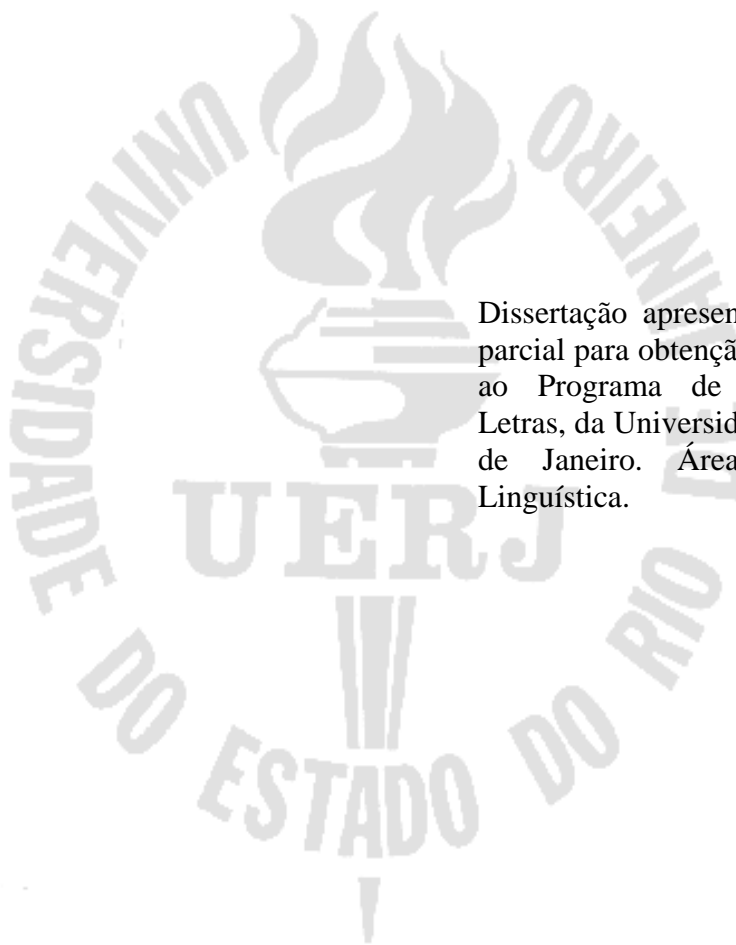
**Normas tradutórias: o caso dos artigos científicos e suas condicionantes
culturais**

Rio de Janeiro

2011

Simone Vieira Resende

Normas tradutórias: o caso dos artigos científicos e suas condicionantes culturais



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Alice Gonçalves Antunes

Rio de Janeiro

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

R433 Resende, Simone Vieira.
Normas tradutórias: o caso dos artigos científicos e suas condicionantes culturais / Simone Vieira Resende. - 2011.
139 f.

Orientadora: Maria Alice Gonçalves Antunes.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Publicações científicas – Traduções – Teses. 2. Tradução e interpretação – Normas – Teses. I. Antunes, M. Alice (Maria Alice), 1964-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82.035

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Simone Vieira Resende

Normas tradutórias: o caso dos artigos científicos e suas condicionantes culturais

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 31 de março de 2011.

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Maria Alice Gonçalves Antunes (Orientadora)
Instituto de Letras da UERJ

Prof^a. Dra. Márcia A. P. Martins
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof^a. Dra. Gisele de Carvalho
Instituto de Letras da UERJ

Rio de Janeiro

2011

DEDICATÓRIA

À minha pequena família, minha mãe e meu filho por conviverem com a minha ausência e por me apoiarem.
Guilherme, meu anjo, meu mundo, meu tudo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela luz e pela força para prosseguir quando a vontade era desistir.

A **Miguel Furtado Freire**, o primeiro a me incentivar a ingressar no mundo acadêmico e a acreditar em mim, um amigo querido.

A **Rosane Augusta Fernandez**, pela amizade e pelo exemplo de perseverança.

A **Michelle Ribeiro de Almeida** por revisar meus textos, ler com paciência, organizar meus horários de estudos e ainda ser minha amiga.

Aos meus amigos queridos **Alexandri Hage, André Luiz Custódio de Faria, Bárbara Tannuri, Fabiana Medeiros e Luciana Penna Franca** por cuidarem de mim com amor e pela amizade incondicional.

A **Renata Meireles**, por me proporcionar muitas chances, confiar em mim e ter sido mais que apenas chefe.

Aos Professores e Doutores:

João Azenha Jr., por responder a minhas mensagens com rapidez e me enviar seu livro.

Renato Veras pela entrevista concedida e pela disponibilidade.

Tânia Saliés e Tânia Shepherd por acreditarem em mim, me incentivarem, me ensinarem e terem sempre uma palavra amiga.

Membros da banca examinadora: **Márcia Amaral P. Martins, Gisele de Carvalho, Anna Elizabeth Balocco e Maria Paula Frota** pela gentileza e disponibilidade para ler o meu trabalho.

Todos os demais docentes do curso de mestrado por compartilharem comigo o conhecimento.

E também...

Aos professores doutores da UERJ, **meus ilustres alunos** do curso de Língua Inglesa para docentes, por me ouvirem e me aconselharem. Eu aprendi muito mais do que ensinei.

Maria Alice G. Antunes, minha orientadora, pela generosidade e pelo incentivo. Obrigada pela confiança e pela oportunidade de trabalharmos juntas. O meu respeito e a minha admiração.

Good, better, best. Never let it rest. Until your good is better and your better is best.

St. Jerome

RESUMO

RESENDE, Simone Vieira. *Normas Tradutórias: o caso dos Artigos Científicos e suas Condicionantes Culturais*. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Esta dissertação investiga o gênero artigo científico e suas condicionantes culturais, ou seja, as marcas textuais que podem apresentar determinada dificuldade para o tradutor por problemas de interculturalidade, a partir da perspectiva do conceito de normas nos estudos da tradução e da descrição do gênero artigo científico. O objetivo deste trabalho é identificar estas condicionantes em artigos científicos da área de Geriatria e Gerontologia, exemplificando partes deste universo de condicionantes através do levantamento das características desse gênero, assim como da comparação das traduções. Demonstrar através da reflexão teórica, de exemplos práticos e de análises comparativas, como a tradução se beneficia do estudo de gêneros, das normas e do levantamento das condicionantes culturais para auxiliar a tarefa tradutória de artigos científicos. Os procedimentos de análise dos corpora foram baseados no modelo de Lambert e Van Gorp (1985) para a análise da tradução literária, adaptado aqui à tradução técnica. Finalmente, analisando as condicionantes culturais levantadas nesta pesquisa, assim como as características do gênero, o estudo culmina com reflexões a respeito da tradução de artigos científicos.

Palavras-chave: Tradução técnica. Artigos científicos. Condicionantes culturais. Normas.

ABSTRACT

This dissertation searches into research article genre and their cultural conditioning factors, which are the textual markers that may present certain difficulties to the translator due to intercultural problems, as from the perspective of translation norms and the description of scientific research article genre. The aim of this assignment was to identify these cultural makers in the scientific articles in the field of Geriatrics and Gerontology, exemplifying parts of this conditioning universe through the survey of research article features and through translation comparisons. The intention was to demonstrate through theoretical reflection, practical samples and comparative analyses, how translation can take advantage of genre studies, translational norms and cultural conditioning factors in order to help the translations of scientific research articles. The corpus analysis procedures were based on the model created Lambert and Van Gorp (1985) in order to analyze literary translation here adapted to technical translation. After analyzing these cultural conditioning factors, as well as the genre features, this research leads to reflections on research article translation.

Key words: Technical translation. Research article. Cultural conditioning factors. Norms.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - A Hierarquia das Normas	42
Figura 2 - A superestrutura do Artigo Científico.....	75
Figura 3 - A Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia – Brazilian Journal of Geriatrics and Gerontology.....	92
Figura 4 - Título anterior da revista: Textos sobre Envelhecimento.....	93
Figura 5 - Tela inicial da ferramenta VisualTCA.....	99
Figura 6 - O Alinhamento do AC1P e AC1L.....	100

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Nível de explicitação das normas de acordo com a gradação.....	33
Tabela 2 - Poder de coerção das normas sobre o comportamento.....	35
Tabela 3 - As obras de Swales 1990 e 1992.....	60
Tabela 4 - Tipos de Artigos Científicos.....	69
Tabela 5 - Tipos Textuais e Gêneros Textuais.....	71
Tabela 6 - Artigos da RBGG que compõem o corpus.....	97
Tabela 7 - Os ACs da RBGG e os ACs da BJGG.....	98
Tabela 8 - As adaptações do modelo de Lambert e van Gorp.....	103
Tabela 9 - As normas referentes à publicação dos ACs da RBGG.....	107
Tabela 10 - Resumo do modelo de análise adaptado: a macroestrutura dos ACs.....	112
Tabela 11 - AC1P e AC1I - Macroestrutura - Artigo Original.....	113
Tabela 12 - AC2P e AC2I - Macroestrutura - Artigo Original.....	114
Tabela 13 - AC3P e AC3I - Macroestrutura - Artigo Original.....	115
Tabela 14 - AC4P e AC4I - Macroestrutura - Artigo de Revisão.....	117
Tabela 15 - AC5P e AC5I - Macroestrutura - Artigo de Revisão.....	118
Tabela 16 - As marcas culturais dos ACs de Geriatria e Gerontologia.....	120
Tabela 17 - As marcas culturais dos ACs de Geriatria e Gerontologia (continuação).....	122
Tabela 18 - As marcas culturais dos ACs de Geriatria e Gerontologia (continuação).....	123
Tabela 19 - As marcas culturais dos ACs de Geriatria e Gerontologia (continuação).....	124
Tabela 20 - As marcas culturais dos ACs de Geriatria e Gerontologia (continuação).....	126
Tabela 21 - As marcas culturais dos ACs de Geriatria e Gerontologia (continuação).....	127
Tabela 22 - Resumo das marcas analisadas.....	129

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEC	Associação Brasileira de Editores Científicos
ACs	Artigos Científicos
ADC	Artigo de Divulgação Científica
AMB	Associação Médica Brasileira
BNC	<i>British National Corpus</i>
BJGG	<i>Brazilian Journal of Geriatrics and Gerontology</i>
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CARS	<i>Create a Research Space</i>
DTS	<i>Descriptive Translation Studies</i> / Estudos Descritivos da Tradução
ICMJE	Comitê Internacional de Editores de Revistas Biomédicas
IEC	Item de Especificidade Cultural
IMRAD	<i>Introduction Methods Results and Discussion</i>
IMRD	Introdução Métodos Resultados e Discussão
NEESI	Núcleo de Estudos de Educação e Saúde do Idoso
OMS	Organização Mundial de Saúde
PGET	Pós-Graduação em Estudos da Tradução
RAMB	Revista da Associação Médica Brasileira
RBGG	Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia
SINTRA	Sindicato dos Tradutores
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UnATI	Universidade Aberta da Terceira Idade
UNIVERTI	Universidade da Terceira Idade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 NORMAS.....	22
1.1 Contexto Histórico.....	22
1.2 Normas e tradução.....	28
1.2.1 <u>Normas e convenções.....</u>	<u>30</u>
1.2.2 <u>Normas, Regras e Idiosincrasias.....</u>	<u>33</u>
1.2.3 <u>Os tipos de normas.....</u>	<u>36</u>
1.3 Estudando as normas: o modelo metodológico de Lambert e Van Gorp.....	44
1.4 Normas, o texto técnico e as condicionantes culturais.....	49
2 O GÊNERO ARTIGO CIENTÍFICO.....	55
2.1 Gênero.....	56
2.2 Gênero textual artigo científico.....	59
2.2.1 <u>Breve histórico sobre a origem dos artigos científicos.....</u>	<u>65</u>
2.2.2 <u>Conceituação e características do artigo científico.....</u>	<u>66</u>
2.3 O artigo científico de Geriatria e Gerontologia.....	69
2.4 A macroestrutura do artigo científico.....	73
2.5 A microestrutura do artigo científico.....	77
2.6 O artigo científico como um gênero culturalmente condicionado.....	84
3 O CORPUS E A METODOLOGIA.....	92
3.1 A descrição da Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia.....	92
3.2 Questões metodológicas.....	101
3.2.1 <u>O modelo de Lambert e van Gorp adaptado à tradução de artigos científicos.....</u>	<u>102</u>
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	105
4.1 Dados preliminares: as normas referentes à publicação dos artigos científicos.....	106
4.2 As normas referentes à macroestrutura dos artigos científicos.....	110
As normas referentes à microestrutura dos artigos científicos: as condicionantes culturais.....	118
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS.....	133

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa investiga o gênero artigo científico e suas condicionantes culturais a partir da perspectiva do conceito de normas nos estudos da tradução. Dentre os estudos e as atividades que envolvem textos, a definição, a classificação e a descrição dos gêneros têm uma importância basilar. A partir da sua observação é possível analisar e agrupar, de acordo com as analogias, as concretizações e distinções dos enunciados. Sendo a tradução uma atividade que envolve textos, ela se torna uma das muitas possibilidades de aplicação de investigações desta natureza.

Justificativa

O mundo acadêmico exige que os pesquisadores produzam. Para mostrar o produto de suas pesquisas eles precisam publicar seus trabalhos, sendo a publicação de artigos científicos (ACs) fundamental para a disseminação das pesquisas no meio acadêmico. A tradução é uma das ferramentas responsáveis pela disseminação da produção acadêmica em todo o mundo. Em conversas com alguns pesquisadores dentro da universidade, descobri que são muitos os que produzem o próprio artigo científico já em inglês, uma vez que o objetivo é a publicação das pesquisas em periódicos e revistas de âmbito internacional. Alguns desses pesquisadores pedem apenas a revisão do artigo, outros necessitam da tradução, mas a grande maioria ainda sente insegurança em relação às adaptações exigidas pelos editoriais das publicações para que os artigos sejam aceitos. Muitos pesquisadores, escritores e clientes que precisam de um trabalho de tradução por desejarem publicar seus textos em revistas e periódicos de alcance internacional necessitam do trabalho de um tradutor. Contudo, o tradutor que se compromete com essa tarefa vai além de simplesmente transportar a informação do artigo de um idioma para o outro. “Será que você poderia traduzir esse resumo pra mim?”. Inúmeras foram as vezes em que ouvi esse pedido. Mesmo após a conclusão do curso de tradução e vivenciar o mundo acadêmico como docente, discente e tradutora, ainda me inquietavam algumas questões referentes à estruturação dos artigos científicos, que sempre foram objetos de trabalho muito próximos do meu cotidiano. Certamente o artigo científico é um gênero textual presente na vida de muitos tradutores, uma vez que a demanda por esse tipo de tradução aumenta significativamente. Contudo, sabemos que o número de estudos e pesquisas sobre o tema não aumenta na mesma proporção. De acordo com a pesquisadora Ana Julia Perrotti-Garcia (2009), as revistas médicas brasileiras têm apresentado, nos últimos anos, um número

crescente de artigos publicados em inglês, em um esforço para atrair leitores do exterior e dar maior visibilidade aos textos de pesquisadores nacionais. Entretanto, ela lembra que pouco se sabe sobre as características dessas produções, o que não apenas justifica a necessidade de ampliar as pesquisas nessa área como também reforça a importância do estudo desse gênero, tanto para aqueles que produzem os textos como para aqueles que os traduzem.

Outro pesquisador que reforça a necessidade da ampliação das pesquisas nessa área, pesquisas que tenham como foco textos que não sejam apenas literários, é o irlandês Michael Cronin (2003). Ele foi professor da *Université François Rabelais* e atualmente é professor na *Dublin City University*, possuindo inúmeras publicações no campo dos estudos da tradução. Na introdução do seu livro *Translation and Globalization*, ele afirma que, apesar da maioria dos trabalhos tradutórios serem feitos nas áreas científicas, técnicas, comerciais, legais, administrativas ou institucionais, quase toda a teoria escrita sobre tradução é feita na área literária. Segundo Cronin (2003, p. 2), essa divisão pode ter consequências desastrosas e precisa mudar. Para ele, a complexidade da tradução técnica é subestimada. Isso não se deve ao fato da tradução literária ocupar um lugar de mais prestígio na academia - para Cronin, ela não ocupa -, mas sim porque os fundamentos intelectuais e culturais da tradução não-literária são pouco esclarecidos em detalhes e geralmente se refletem em termos vagos e opacos. As conexões existentes entre o mundo do trabalho, a sociedade, a política e a tradução são feitas apenas parcialmente. Cronin (2003) diz que “os Estudos da Tradução na área de textos técnicos podem parecer condenados a uma forma puramente reativa” (p. 2), ou seja, em vez de perceber que é o momento para este tipo de pesquisa, que há coisas importantes para serem ditas a respeito das mudanças no mundo contemporâneo, os estudos pragmáticos se contentam em abordar as mudanças ocorridas ou a forma pela qual se estrutura um curso de tradução. Há, portanto, uma grande necessidade de investimentos nos estudos da tradução não literária, já que a produção de tradução de textos nesta área é altíssima.

Na sua dissertação, Perrotti-Garcia (2009, p.13) afirma que a produção científica brasileira na área médica apresentou uma crescente internacionalização, além de um aumento expressivo nos últimos vinte e cinco anos. Ela diz ainda que muitas revistas médicas publicadas no Brasil vêm sendo redigidas em português e em inglês, como o caso do corpus escolhido como base para análise deste estudo, a *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia* (doravante RBGG), uma publicação bilíngue da UnATI/UERJ (Universidade Aberta da Terceira Idade/Universidade do Estado do Rio de Janeiro), sob o título *Brazilian Journal of Geriatrics and Gerontology* (BJGG). Entretanto, pouco se sabe sobre as características do gênero aqui em questão, assim como sobre algumas das características e

padrões exigidos pelas revistas científicas. Quando um pesquisador encaminha o texto para a publicação internacional, ele contrata o trabalho de um tradutor, que irá traduzir o texto para o idioma contratado pelo cliente. Contudo, além de traduzir o texto, ele precisa fazê-lo de acordo com o exigido pelo editorial da pretendida publicação, não sendo uma simples transposição de um artigo em português para a língua inglesa. Perrotti-Garcia (2009) lembra da importância de investigar os padrões léxico-gramaticais apresentados na publicação dos artigos científicos no Brasil, com o intuito de colocar tais publicações em igualdade de condições com os textos publicados nas revistas científicas de referência internacional (p. 13).

Há alguns estudos sobre a análise da produção científica a partir da avaliação qualitativa do conteúdo científico dos textos médicos, assim como da análise quantitativa dos textos publicados em periódicos de diferentes áreas e das instruções aos autores. Entretanto, ainda é escassa a produção de estudos a respeito da tradução destes artigos. Destacamos como relevantes a própria dissertação de Perrotti-Garcia (2009) e a dissertação de Viviane Possamai (2004) sobre a tradução de artigos científicos com base na linguística de corpus, que descreveremos adiante.

Acreditamos que os padrões léxico-gramaticais são apenas alguns dos aspectos relevantes do estudo do gênero artigos científicos com base na tradução. Outros aspectos fundamentais como as considerações culturais ou até as considerações extratextuais (como as exigências apresentadas nos editoriais das revistas internacionais) também podem e devem fazer parte deste contexto. Consideramos importante destacar a tendência de os autores brasileiros publicarem em revistas internacionais. Em relação a essa tendência, entre 1983 e 1990, mais da metade dos trabalhos de pesquisadores de instituições brasileiras indexados na base Pascal foram publicados em revistas do Brasil. Ao final da década de 90, menos de 10% dos artigos de brasileiros foram publicados em revistas nacionais (PERROTTI-GARCIA, 2009). Percebemos assim o grande aumento no número de traduções desse gênero e até de produções já confeccionadas em uma segunda língua.

Assim como a revista utilizada como corpus para esta pesquisa, algumas revistas médicas publicadas no Brasil vêm sendo redigidas em português e em inglês, com o objetivo de ampliar o acesso aos seus conteúdos. Contudo, ainda há a necessidade de mais pesquisas a respeito das características do inglês apresentado por esses periódicos, bem como as características das marcas que identificam esse gênero textual.

O corpus de análise para este trabalho é composto por dois conjuntos de artigos científicos da área médica de Geriatria e Gerontologia, redigidos originalmente em português e vertidos para o inglês, em sua maioria, por um mesmo tradutor. Os textos foram

posteriormente publicados pela editora da UERJ/UnATI na RBGG, disponibilizados eletronicamente na página da própria revista e na página da Organização Mundial da Saúde (OMS). Sendo assim, este trabalho lida com textos que foram vertidos para o inglês. Consideramos importante mencionar esta diferença, já que ela afeta diretamente a produção dos textos com os quais trabalhamos. De acordo com Perotti-Garcia (2009, p. 21), em língua portuguesa há dois termos equivalentes a *translation*, que consideram a direção em que se traduz: ao traduzir de uma língua estrangeira para a língua materna, usamos o termo tradução e, ao passar um texto em língua materna para uma língua estrangeira, dizemos versão. Segundo ela, essa diferenciação é bastante importante, uma vez que alguns autores (NEWMARK, 1981) argumentam que o tradutor deve fazer apenas traduções, não versões. Isso se deve à crença que o tradutor possui habilidades mais evidentes quando escreve apenas na sua língua materna.

No caso da RBGG, o tradutor que fez a versão da maioria dos artigos é brasileiro. Ele afirmou em uma entrevista por e-mail que morou na Inglaterra durante alguns anos, tem experiência de tradução na área médica, mas não possui formação na área de tradução. Outros artigos da RBGG foram vertidos para o inglês pelos próprios autores. Esse quadro é bem comum no mercado brasileiro. Muitas vezes, os profissionais de saúde do Brasil, por estarem habituados a ler artigos científicos em inglês, dispensam a ajuda de um tradutor e produzem seus próprios textos médicos em inglês. Por exemplo, alunos do Curso de Língua Inglesa para Docentes do curso de pós-graduação da UERJ confirmam essa situação, escrevendo os próprios textos em inglês ou, às vezes, fazendo versões de textos escritos originalmente em português. Alguns desses pesquisadores pedem a intervenção de um tradutor profissional apenas para a revisão final de seus textos, em uma situação extrema, quando os textos são devolvidos pelos periódicos para ajustes necessários, muitas vezes em relação à linguagem e à estruturação. Contudo, esta descrição é apenas um exemplo do que acontece em uma situação específica. Não possuímos dados sobre o número de artigos científicos produzidos diretamente pelos médicos e aqueles que passam pela mão de um tradutor.

A área de Geriatria e Gerontologia foi escolhida por diversos motivos. As pesquisas na área do envelhecimento (PRADO; SAYD, 2004; VERAS; DUTRA, 2008; GONÇALVES, 1999) apontam que o envelhecimento da população será um dos maiores problemas sociais a serem enfrentados em um futuro próximo, em todo o mundo. É urgente que o governo e as universidades comecem a dar atenção a essa grave questão, organizando centros ou institutos não apenas para os estudos biológicos do envelhecimento, mas também para os sociais. Para que isso aconteça, é preciso disseminar as pesquisas realizadas sobre esse assunto, não só aqui

no Brasil, mas também em outros países. Há muitos estudos sobre o envelhecimento e sobre o idoso, muitas são as publicações no país e no exterior sobre o assunto. Certamente é a tradução desses artigos científicos que dissemina as pesquisas realizadas em todo o mundo. Essa transmissão de conhecimento, tão importante para todas as sociedades, depende primordialmente da rapidez e da eficácia com que as informações são distribuídas e corretamente compreendidas. A necessidade de incrementar os estudos sobre a tradução de textos técnicos é salientada também nas pesquisas de Lambert (2009), ressaltando que a tradução tem um papel fundamental na disseminação de toda a produção científica feita atualmente, principalmente dentro das universidades. A estrutura das sociedades desabaria sem o suporte desse tipo de tradução. José Lambert é o fundador, ao lado do norte-americano James S. Holmes e o israelense Gideon Toury, da disciplina Estudos da Tradução. Professor e pesquisador da *Katholieke Universiteit Leuven*, na Bélgica, foi também professor visitante, no Brasil, da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, no centro de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET).

Enfim, a justificativa pela escolha do corpus está associada a três pontos importantes. Primeiramente, a experiência de lecionar por quatro anos para a terceira idade e a prática na tradução e estudos de textos técnicos sobre os idosos, já que participava do Núcleo de Estudos de Educação e Saúde dos Idosos (NEESI), na Fundação Educacional Serra dos Órgãos - Universidade da Terceira Idade (UNIVERTI), em Teresópolis, Rio de Janeiro. Em seguida, consideramos o fácil acesso e disponibilização do rico material produzido pela UnATI – Universidade Aberta da Terceira Idade, que funciona na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), coordenada pelo Professor Renato Peixoto Veras, referência internacional em pesquisa sobre a terceira idade. E, por último, o fato de gostar muito do estudo relacionado à saúde e ao bem-estar dos idosos.

Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a tradução dos artigos científicos da área de Geriatria e Gerontologia.

O objetivo específico é investigar a tradução de artigos científicos, aplicando o modelo de José Lambert e Hendrik Van Gorp (1985) para a análise da tradução literária, adaptado para a análise da tradução de textos de especialidade, verificando a instrumentalidade do modelo para a análise desse tipo de tradução.

Pretendemos verificar se os procedimentos técnicos da tradução utilizados para a versão dos artigos científicos tendem a apresentar aproximação, distanciamento ou técnicas híbridas de tradução. Para tanto, fazemos um estudo das normas operantes no contexto tradutório, verificando as ocorrências de aproximação e distanciamento do texto ao leitor-alvo. O foco está no levantamento das normas iniciais e operacionais do tipo textuais, com vista a analisar o transporte para a cultura-alvo das marcas culturais, conceitos que serão apresentados no Capítulo 1 desse trabalho.

Para atingir os objetivos propostos acima será demonstrada, por meio da reflexão teórica, de exemplos práticos e de análises comparativas, a forma pela qual a tradução tira proveito do estudo de gêneros, do estudo das normas e das condicionantes culturais, considerando as características e a natureza dos artigos científicos de modo sistemático, para identificar e compreender as relações envolvidas na tradução desse gênero.

Nosso objetivo é exemplificar, com a aplicação prática e a teoria, a importância de considerar os aspectos culturais durante o processo tradutório. Sendo tarefa do tradutor a transposição de realizações textuais de um idioma para outro, entendemos que, nesse processo, estará intermediando também a transposição de modos de dizer das comunidades envolvidas na produção e realização desses textos.

Sabendo que não apenas os textos literários, mas também os textos técnicos estão culturalmente condicionados a uma realidade, quais seriam então algumas das marcas culturais presentes nos textos da área de Geriatria e Gerontologia? Até que ponto o tradutor de artigos científicos deve considerar os aspectos culturais no decorrer do processo tradutório? Quanto o conhecimento das estruturas de um artigo científico é relevante para o tradutor? Estas descobertas e levantamentos a respeito do gênero e das condicionantes culturais podem determinar tanto a feição quanto a tradução dos segmentos textuais? Esses questionamentos serão debatidos e respondidos no decorrer deste trabalho.

Estrutura e organização da pesquisa

Esta pesquisa está dividida em cinco capítulos distintos. O primeiro trata das normas nos estudos da tradução, o segundo, do gênero artigo científico nos estudos da tradução, o terceiro trata da descrição do corpus utilizado na investigação e também da metodologia de análise. O quarto capítulo traz a análise da tradução dos artigos científicos da área de Geriatria e Gerontologia e o quinto e último capítulo trata das considerações finais da pesquisa.

A base teórica e metodológica adotada tem como ponto de partida o conceito de normas tradutórias e os estudos sobre gêneros textuais, os quais são aqui ampliados e adaptados de modo a incorporar o campo da tradução técnica. A tradução de artigos científicos é então investigada a partir de um contexto em maior escala — no qual se incluem os periódicos e as revistas onde são publicados, assim como os profissionais e os procedimentos envolvidos na publicação de um artigo —, sendo enfocadas unidades progressivamente menores: as características do gênero textual artigo científico da área médica, suas macro e microestruturas, suas características sintáticas e estilísticas, com vistas a examinar a tradução das marcas culturais. Finalmente, examinando o processo tradutório dos artigos científicos de Geriatria e Gerontologia, o estudo culmina em reflexões sobre as escolhas tradutórias das marcas culturais e as técnicas de tradução adotadas. Tratamos ainda da dimensão singular do trabalho do tradutor de artigos científicos da área médica.

O Capítulo 1, que trata das normas, começa com uma contextualização histórica sobre os estudos da tradução e normas e termina com as considerações a respeito das normas e da tradução dos artigos científicos. Neste capítulo decorremos brevemente sobre a origem das normas, sua conceituação e a diferenciação entre normas, regras e idiossincrasias. As considerações levantadas neste capítulo estão baseadas nas teorias e nos estudos de Toury (1995, 1999), Hermans (2009), Baker (1998, 1999), Bassnet (2007), Martins (2002), Schäffner (1998) e Carvalho (2005). Este primeiro capítulo descreve também o modelo desenvolvido por Lambert e van Gorp (1985) para a análise da tradução literária, aqui adaptado para a análise da tradução técnica. O capítulo termina com a apresentação do conceito de condicionantes culturais e sua relação com as normas.

No segundo capítulo há uma descrição do gênero artigo científico e suas características. Para tanto, utilizamos os conceitos de Marcuschi (2002), Swales (1990) e Bakhtin (1997). Para a associação do estudo do gênero com a tradução, nos baseamos em pesquisas recentes como as de Possamai (2004) e Perroti-Garcia (2009). Neste capítulo tratamos também das questões sobre a tradução dos artigos científicos, sua publicação e o mercado brasileiro. Apresentamos ainda uma descrição das macro e microestruturas dos artigos científicos, assim como uma seção sobre o condicionamento cultural do gênero.

No terceiro capítulo tratamos da descrição do corpus e da metodologia. O capítulo começa com a descrição do corpus analisado e, em seguida, descreve a adaptação do instrumento utilizado na análise dos dados. Os procedimentos de análise dos corpora são baseados no modelo desenvolvido por Lambert e Van Gorp (1985) para traduções literárias e foi adaptado à tradução de textos de especialidades. Apesar de desenvolvido para a análise da

tradução literária, acreditamos que esse modelo investigativo seja apropriado para o estudo da tradução técnica, mais especificamente o caso do gênero textual artigo científico do tipo Geriatria e Gerontologia, pois ele possibilita o exame de aspectos que influenciam todo o processo tradutório.

No quarto e último capítulo apresentamos a nossa análise das traduções dos artigos científicos publicados na *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia* e sua versão em inglês, *Brazilian Journal of Geriatrics and Gerontology*. Consideramos o processo de tradução dos artigos científicos, as normas da tradução dos artigos, as normas referentes ao meio e as normas referentes às condicionantes culturais. Terminamos a análise com algumas considerações a respeito do condicionamento cultural do artigo científico da área de Geriatria e Gerontologia. As considerações finais versam sobre as questões que se sobressaíram na discussão acerca do processo de tradução dos artigos científicos e as últimas conclusões.

1 NORMAS TRADUTÓRIAS

Neste primeiro momento, faremos um resumo do conceito de normas e um histórico da associação entre o conceito de normas e os Estudos da Tradução. Nesta seção serão utilizadas as abordagens pesquisadas por Toury (1995, 1999), Schäffner (1999), Baker (1999, 1998), Hermans (1999), Bassnet (2007), Martins (2002) e Carvalho (2005).

Posteriormente apresentaremos uma diferenciação entre as normas, as convenções, as regras e as idiossincrasias. Logo após, será abordada a questão da tradução como uma atividade governada por normas e as considerações sobre normas tradutórias e sobre como investigar as normas usando o modelo de José Lambert e Hendrik van Gorp (1985). A parte final desta seção traz dois tópicos, o primeiro sobre as normas e a necessidade do estudo do texto técnico e o segundo sobre as normas e os gêneros.

1.1 Contexto Histórico

A estrutura referencial deste primeiro capítulo está totalmente baseada no conceito de normas dentro dos Estudos da Tradução. Toda a contextualização tem o intuito de levantar evidências a respeito das normas operantes no mundo tradutório dos artigos científicos. A noção de normas em relação à tradução vem sendo debatida desde os anos 70. Contudo, nos estudos sobre a tradução técnica, ou seja, a tradução das linguagens técnicas ou línguas de especialidade, este tipo de consideração ainda é bastante escasso.

Não encontramos registros de pesquisas que usam como corpus textos de especialidade e a noção de normas, sendo possível destacar apenas pesquisas como a de Carolina Alfaro de Carvalho (2005) sobre legendas e a de Veerle Duflou (2007a, 2007b) sobre interpretação, que apesar de não tratarem especificamente de textos de especialidade, levam em consideração a noção de normas e não têm como fonte primária de pesquisa o texto literário. Este fato, porém, não se apresenta como uma surpresa. Basta examinarmos de perto as origens da noção de normas dentro da tradução e veremos que os exemplos e aspectos considerados são baseados em textos literários¹ e não em textos técnicos ou de especialidade. Para entender melhor esses aspectos precisamos contextualizar o que ocorria com os estudos tradutórios quando do início das considerações a respeito das normas.

¹ A definição de texto técnico e a diferenciação entre texto técnico e texto literário serão apresentadas na seção 1.4 desse mesmo capítulo.

Até pelo menos o início dos anos 80, os estudos da tradução ainda não eram vistos como uma disciplina, uma linha de pesquisa ou área de concentração. A Professora Doutora Cristina Carneiro Rodrigues (2003), no prefácio do livro *Tradução Fragmentos de um diálogo*, organizado pela pesquisadora Ofir Bergemann de Aguiar, lembra que o rumo dominante dos estudos seguia uma abordagem que se considerava científica, baseada na linguística e que buscava sistematizar a tradução, propor regras para produzir uma boa tradução que se aproximasse ao máximo possível do texto de partida. Considerava julgamentos de valor, sendo “boa” tradução aquela que repetisse ou refletisse o texto de partida (p 7). Abordagens desse tipo consideram a tradução um texto secundário e derivado e buscam determinar como uma tradução deve ser. Apesar desse quadro, pesquisadores de diversas nacionalidades buscaram imprimir uma direção diferente para as pesquisas. A relação de equivalência, ou seja, a relação unilateral do texto de partida com a tradução, já não satisfazia os pesquisadores que, conseqüentemente, começaram a buscar novos rumos para as pesquisas e tomaram as relações entre texto de partida e tradução como abertas e complexas, não previsíveis, e envolvendo uma série de outros fatores que não exclusivamente a materialidade do texto a ser traduzido (RODRIGUES, 2003, p. 6). Contudo, queremos explicitar que estas considerações a respeito da linguística não apresentam apenas desvantagens. Ao contrário, são paradigmas diferentes que se complementam. Para Rodrigues (2003, p. 6), essa alteração da situação dos estudos se dá em várias frentes, ainda que muito diferentes em suas concepções, orientações e metodologias. Para os teóricos que trabalham nesses “novos rumos”, a tradução opera uma transformação.

Salienta-se a diferença, ou seja, o fato de que a tradução não é igual ao texto de partida, e a alteridade, o fato de o texto traduzido ser “outro”, em um outro contexto, mantendo relações com outros textos, em outra cultura. Enfatiza-se que a tradução transpõe fronteiras linguísticas e se processa em um contexto histórico e cultural determinado – ou seja, não se considera que a tradução seja um processo isolado e ahistórico de transferência. Aceita-se enfim, que a diferença é inerente à tradução. [...] A partir do momento em que não se considera a tradução como marginal e secundária, pensar que ela pode fazer alguma coisa na cultura que a recebe passa a ser um importante ponto de reflexão. (RODRIGUES, 2003, p. 6)

A autora lembra ainda que, enquanto a tradução era tomada apenas como uma relação de equivalência, não se desencadeava a reflexão sobre a complexidade do encontro entre o doméstico e o estrangeiro, sobre as relações de poder, de identidade nacional, estratégias tradutórias, políticas. Para ela, enquanto se pensava eminentemente na homogeneidade entre línguas e culturas, num suposto universalismo que transcendia línguas e culturas, não se dava tanta importância para as relações de poder que existem entre as diferentes línguas, culturas e

os povos que essas línguas representam. Percebemos como vantagem o fato dos teóricos passarem a refletir sobre essas questões, conscientes de que tradução não é uma relação de troca em perfeito equilíbrio.

Para entender melhor como a mudança nos estudos da tradução ocorreu, é preciso lembrar que a noção de que a tradução reflete uma relação ideal, em que diferentes povos e culturas ocupariam posições simétricas, ficou cada vez mais distante. Por exemplo, a pesquisadora Mona Baker (1999) aborda uma discussão interessante a respeito da diferença entre dois paradigmas. No artigo intitulado *Linguística e Estudos Culturais, Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução?*² a autora afirma que um dos maiores cismas que ameaçava reduzir o discurso sobre a tradução a uma série de dicotomias e raciocínios normativos era o existente entre os estudos culturais e os modelos derivados da linguística. Baker (p. 15) afirma ainda que os modelos culturais foram propostos como um paradigma capaz de examinar o fenômeno tradutório com mais propriedade do que se fez sob a influência da linguística, mesmo quando este último incorpora o conceito de cultura em suas análises. Segundo ela, os estudos culturais não se preocupam apenas em priorizar as questões culturais propriamente ditas, mas também as questões políticas, questões de poder, dentre outras. Para Baker é importante considerar os dois paradigmas como complementares.

A pesquisadora Susan Bassnett (2007) também aborda esta mudança em seu texto *Culture and Translation*. Ela ressalta que os Estudos da Tradução se desenvolveram como uma disciplina distinta ao longo dos anos 80 e que havia chegado o momento para que os aspectos culturais também fossem considerados nas pesquisas sobre tradução. Foi então que se deu a *virada cultural*, como destaca em seu artigo, quando responde à pergunta: “Por que os estudos da tradução tiveram uma virada cultural?”. A autora conclui que a virada cultural foi um fenômeno intelectual grandioso e que, de forma alguma, aconteceu apenas nos estudos da tradução³ (p. 15).

Bassnett afirma que a mudança no objeto de pesquisa da tradução, ou seja, a ampliação do objeto de pesquisa para além do texto, já havia começado muito antes da virada cultural, com os trabalhos sobre a Teoria dos Polisistemas de Even-Zohar (1978) e os trabalhos de Gideon Toury (1978) e James Holmes (1978). Estes já apresentavam algumas perspectivas diferentes, como a preocupação com a genealogia da tradução em seu próprio

² Este artigo foi publicado, originalmente, em inglês, com o título “*Linguistics and Cultural Studies: Complementary or competing paradigms in Translation Studies?*” Aqui, porém, utilizamos a tradução feita por Márcia A.P. Martins e Patrícia Broers-Lehmann, publicada em Martins, M.A.P. (Org.). *Tradução e multidisciplinaridade*. RJ: Lucerna, 1999.

³ “The cultural turn was a massive intellectual phenomenon, and was by no means only happening in translation studies. (Bassnett, 2007, p. 15).

contexto cultural, a exploração mais aprofundada da tradução com as relações de poder envolvidas quando um texto é levado de um contexto cultural para outro (BASNETT, 2007, p. 14). Outros pesquisadores seguiam um caminho paralelo, como a teoria dos Skopos de Hans Vermeer e Katharina Reiß (1984), postulando que o objetivo e a função de uma tradução é o que determina as estratégias tradutórias que devem ser empregadas. Nas palavras de Bassnett, prevalece a subjetividade do tradutor. É a função que a tradução ocupa na cultura-alvo que vai habilitar o tradutor a fazer determinadas escolhas. Diferente do paradigma anterior, focado no texto-fonte, esta nova preocupação funcional com o texto na cultura-alvo reflete também uma virada cultural. Portanto, assim como fez Edwin Gentzler (2001) em seu artigo, destacamos os dois fatores mais relevantes para o desenvolvimento dos estudos da tradução, a concentração no texto-alvo e as considerações culturais.

É fundamental entendermos historicamente como se deu o desenvolvimento dos estudos tradutórios para podermos direcionar o futuro dos estudos desta área. Podemos dizer que a virada cultural, atualmente, não é novidade para os pesquisadores da tradução, já que, como apresentado, muitos pesquisadores escreveram sobre ela. Entretanto, a “novidade” nesta pesquisa está em considerar aspectos culturais, como as condicionantes culturais, na análise da tradução do texto técnico como o gênero artigo científico.

Além das teorias mencionadas no parágrafo anterior, outro exemplo da virada cultural nos estudos da tradução que consideramos muito relevante para este trabalho é a expansão das pesquisas sobre as normas que governam as estratégias e técnicas tradutórias. O precursor no estudo das normas foi o israelense Gideon Toury (1978; 1995), assim como Andrew Chesterman (1993) e Theo Hermans (2009). Para Bassnett (2007, p. 18), a intenção dos pesquisadores ao estudarem as normas não é apenas explorar as convenções textuais, mas também as expectativas culturais. O próprio Toury (1978, p. 83) afirma que as atividades tradutórias devem ser consideradas como tendo um valor cultural. Portanto, o papel do tradutor, ou o que ele chama de *translatorship*, seria a capacidade de possuir uma função social, como executar uma função determinada por uma comunidade, de forma apropriada e dentro dos seus termos de referência. Em outras palavras, para que o tradutor obtenha sucesso em um processo tradutório dentro de um determinado ambiente cultural, para que o produto do seu trabalho, a tradução, seja aceita na cultura receptora, ele precisa saber quais são as normas operantes naquela cultura.

A pesquisadora Márcia Martins (2002, p. 34) faz um resumo breve e consistente de como ocorreu esta evolução. Ela relata que “em meados dos anos 70, um grupo de estudiosos de Israel e dos Países Baixos, egressos da área da literatura comparada, propôs um novo

paradigma para o estudo da tradução, mas especificamente da literatura traduzida.” Segundo Martins (2002, p. 34), foi assim que nasceu e se desenvolveu o modelo teórico conhecido como *Descriptive Translations Studies* (DTS). Pensando na questão da pragmática e da contextualização, um grupo de pesquisadores europeus procurou “estabelecer um novo paradigma para o estudo da tradução literária, com base numa teoria abrangente e pesquisa prática contínua” (HERMANS, 1985, p. 10). Os pesquisadores envolvidos eram José Lambert, Lieven D’hulst e André Lefevere, incluindo ainda Gideon Toury, Kitty Van Leuven-Zwart, Susan Bassnett e Theo Hermans.

André Lefevere e Susan Bassnett destacaram-se especialmente pela ênfase conferida à função cultural das traduções. Theo Hermans (1985) chegou a afirmar que este grupo é formado por pessoas com interesses bastante variados, que compartilham alguns conceitos e pressupostos básicos. Assim como fez Martins (2002, p. 34), destacamos as afinidades entre estes estudiosos: (i) uma visão da literatura como um sistema dinâmico e complexo; (ii) a convicção de que deve haver uma interação permanente entre modelos teóricos e estudos de caso; (iii) uma abordagem da tradução literária de caráter descritivo e voltada para o texto-meta, além de funcional e sistêmica; e (iv) um interesse nas normas e coerções que governam a produção e a recepção de traduções, na relação entre a tradução e outros tipos de reescritura e no lugar e função da literatura traduzida tanto num determinado sistema literário quanto na interação entre literaturas (HERMANS, 1985).

Os pesquisadores mencionados propuseram-se a retomar o estudo da tradução literária, agora sob uma perspectiva não prescritiva. Ao mesmo tempo em que analisam a linguística como sendo proveitosa para o estudo de textos não-literários, eles também acreditam que a direção formalizadora da linguística restringe seu campo de atuação, não lhe permitindo dar conta de estudos literários em geral e das traduções literárias em particular. O grupo procurou transcender as fronteiras do sistema da *langue* saussuriana, ampliando o campo de trabalho da tradução de modo a incorporar também aspectos culturais nos estudos.

Martins (2002, p. 34) relata que o “modelo dos DTS fundamenta-se na suposição de que traduzir é uma atividade orientada por normas culturais e históricas.” Segundo ela, este modelo leva o estudioso a considerar vários elementos que concorrem para a natureza de uma tradução. A autora postula que “os DTS analisam as traduções inseridas em uma situação comunicativa, na tentativa de determinar os vários fatores que contribuíram para criar diferentes produtos” (2002, p. 34). Uma abordagem como esta não poderia deixar de ser mencionada neste trabalho, que tem a noção de normas como fundamento básico de análise

do corpus, ainda que não seja o tema central do trabalho.⁴ Os *Descriptive Translation Studies* também procuram entender o comportamento dos tradutores, que seria regido por normas. Entre os pressupostos teóricos compartilhados pelos estudiosos descritivistas está a abordagem da tradução literária voltada para o texto-meta. Tal abordagem faz com que não se tenha como objetivo central a averiguação do grau de equivalência entre o original e a tradução, mas sim a investigação das normas. Apesar de sabermos que esses pressupostos teóricos destacados aqui, como os DTS e as normas, foram elaborados com o foco de análise no texto literário e não o técnico, sabemos que tais considerações podem ser ampliadas e aplicadas a vários tipos diferentes de corpora, como previu o próprio precursor do conceito de normas na tradução, o pesquisador Gideon Toury, quando afirmou que os textos chamados de literários não são os únicos governados por normas (1999, p. 13). Em seus trabalhos, Toury adota uma visão sistêmica da tradução, a qual é entendida como parte de um sistema maior de uma cultura. Sendo assim, o foco não se restringe à literatura, nem à tradução literária. O autor considera como objeto passível de estudo todo texto que seja aceito como tradução por uma dada cultura. Ele desenvolveu uma metodologia para o estudo de traduções fortemente baseada em sua exploração do conceito de norma.

Toury defende uma abordagem por ele denominada *target-oriented*, ou seja, baseada na cultura-alvo. Carvalho (2005) traduz essa abordagem como o *foco no sistema-alvo*. Segundo Carvalho (2005, p. 41), “a necessidade da tradução é geralmente determinada pela cultura-alvo e ela é ali produzida com o objetivo de ocupar um lugar ou preencher alguma lacuna nesse sistema”. Portanto, é a partir da cultura-alvo que é possível constatar que um determinado texto é tratado como uma tradução. Por outro lado, Toury não descarta da sua teoria o texto, nem a cultura de partida ou processo de produção da tradução, mas deixa claro que considera a cultura-alvo em primeiro lugar, já que ela é o ponto de partida para o pesquisador. Importante considerar que, para ele, o objetivo do estudioso é investigar o campo da tradução, assim como a sua concepção em cada cultura, o seu funcionamento, as intenções e coerções que direcionam os processos tradutórios para poder entender como a tradução se comporta, que lugar ela ocupa, e então determinar seus comportamentos futuros. Essas concepções levantadas por Toury nos levam para a base nuclear da sua teoria: o conceito de normas.

⁴ Para aprofundar a discussão sobre DTS ver: Toury (1995), Lambert e Van Gorp (1985), Carvalho (2005), Martins (1999 e 2003) e Gentzler (2003).

1.2 Normas e tradução

O próprio Toury nega o pioneirismo do conceito das normas nos estudos da tradução, contudo é impossível negar a relevância da sua pesquisa para a estruturação desse conceito. “Não fui eu quem sugeriu a associação entre tradução e normas. Essa associação já estava presente, ou se não implícita, nos trabalhos de Levý (1963; 1969) e Holmes (1988) e também de outros pesquisadores.” (TOURY, 1999, p. 10). Ao ler as suas pesquisas é possível constatar que foi ele o responsável por “injetar uma grande dose de normas nas veias dos Estudos da Tradução” (TOURY, 1999, p. 11). Ao fazer algumas considerações históricas a respeito da associação das normas e da tradução, Toury (p. 11) relata como a necessidade do estudo de normas entrou na sua pesquisa. Para ele a noção de norma apareceu para preencher uma lacuna, como estudar o comportamento tradutório de uma determinada época, tendo um determinado tipo de texto (prosa literária) como corpus e levando em consideração uma determinada língua/cultura-alvo, neste caso o Hebraico. Logo Toury descobriu que para fazer esta ligação precisaria olhar para a tradução de uma forma diferente, considerando todas as suas variabilidades e inconstâncias. Portanto, uma definição de tradução para Toury (1999, p. 12) deveria ser uma “através da qual qualquer tentativa para compreendê-la estaria necessariamente histórica, social e culturalmente determinada, ou seja, seria governada por normas” (tradução nossa).⁵ Obviamente, não bastava introduzir apenas a palavra “normas” nas teorias tradutórias. As normas deveriam se tornar “operáveis”, ou seja, funcionar como uma ferramenta para explorar, para investigar os valores e as idéias partilhadas por um grupo, e foi assim que tudo começou. A partir daí muitos pesquisadores começaram a utilizar a noção de normas desenvolvidas por Toury em seus próprios corpora, fazendo adaptações, modificações que atendessem às suas próprias investigações. Segundo Toury (1999, p. 13), grande parte destas pesquisas foi primeiramente aplicadas apenas nos estudos da tradução literária, atitude compreensível para a época, porém este não é o único campo onde as normas operam. Para o autor esta é uma falha nos estudos da tradução, já que a noção de normas é tão ampla que, segundo ele, poderia ser universalmente aplicada. Mas o que são as normas, como elas operam e que ligação podem ter com a tradução dos artigos científicos?

Toury (1995, p. 39) define normas como “a tradução de ideias e valores gerais compartilhados por uma comunidade com respeito ao que é certo e errado, adequado ou

⁵ O trecho correspondente na tradução é: “[...]the notion of translation [...] whereby any kind of realization of that notion would necessarily be regarded as historically, socially and culturally determined; in brief, as norm-governed.” (Toury, 1999, p. 12). Todas as traduções das citações apresentadas neste trabalho são nossas.

inadequado, em instruções de desempenho aplicáveis a situações específicas, desde que não sejam (ainda) formuladas como leis”. Em outras palavras, trata-se de coerções socioculturais específicas de uma cultura, sociedade e época. Segundo Antunes (2009, p. 38), as normas podem ser hipoteticamente reconstruídas através da análise do texto traduzido, assim como através dos paratextos e metatextos, pois se inserem em um contexto sociocultural. A autora afirma que as traduções estariam também sujeitas a outros tipos de coerções, como as dimensões da política e do poder. Maria Alice Antunes (2009, p. 38) postula ainda que

há limites que circundam, explícita ou implicitamente, o processo tradutório, já que a própria seleção dos textos a serem traduzidos, por exemplo, não se dá em um vácuo histórico e social, nem é um processo apolítico ou no qual não se verificam as relações de poder. Tampouco a tradução propriamente dita é um processo que não sofre influências, e as estratégias utilizadas, consciente ou inconscientemente, pelo tradutor dependem dos sistemas em que autor, original, tradutor, tradução e leitores estão inseridos e das relações que mantêm entre si.

Gideon Toury (1995, p. 61) afirma que a tradução é uma atividade governada por normas e que essas normas “determinam o tipo e a extensão da equivalência manifestada em traduções reais”. Contudo, não se trata de um conjunto de especificações prescritivas, mas sim de uma categoria de análise que descreve os padrões de comportamento adotados em todo o processo da tradução. Sabendo que a tradução é uma das ferramentas responsáveis pela disseminação da produção acadêmica em todo o mundo e que o artigo científico é um gênero textual presente na vida de muitos tradutores, uma vez que a demanda por esse tipo de tradução aumenta de maneira significativa, entendemos ser fundamental o levantamento das normas que governam a atividade de tradução neste contexto específico. É papel do pesquisador a tentativa de chegar às normas operantes em cada contexto específico. A ele caberá compreender o papel da tradução naquela cultura. Precisar estabelecer as relações e os conceitos para entender a função de cada norma, estudando as coerções, os procedimentos e os objetivos implicados nas realizações tradutórias.

A partir do momento em que utilizamos o conceito de normas para investigar o texto técnico, lançamos um olhar crítico para esse conceito. Consideramos importante essa visão sobre a teoria, pois é ela que vai nos guiar na tentativa de uma aplicação mais pragmática dos conceitos levantados. Para determinarmos as normas operantes quando um artigo científico da área de Geriatria e Gerontologia é transportado de sua língua-cultura original para uma outra língua-cultura, precisamos investigar essas coerções e estratégias que muitas vezes não estão explícitas no produto traduzido, mas sim embutidas de subjetividades; cobertas por uma

constelação de fatores que precisam ser considerados pelo tradutor no momento do transporte do artigo.

A próxima seção apresenta uma contextualização detalhada para estabelecer as relações e os conceitos na tentativa de entender a função de cada norma. Para tanto, aprofundaremos a conceituação de normas dissertando sobre suas origens nas convenções sociais.

1.2.1 Normas e convenções

O conceito de norma é o pilar da teoria defendida pelo israelense Gideon Toury. Esta teoria foi adaptada por ele ao campo da tradução a partir da Antropologia, da Sociologia e da Psicologia. Como veremos nesta seção, as normas são provenientes das convenções sociais.

As comunidades em geral possuem um conjunto de valores que são partilhados por seus indivíduos. As normas são provenientes das convenções sociais, são negociadas constantemente de acordo com as ações realizadas. No seu livro *Translation in Systems*, Theo Hermans (1999, p. 72) apresenta um exemplo clássico e simples do que são e como operam as normas. Ele relata a história de uma típica família que comprou um jogo de tabuleiro, de montar palavras. O pai, a mãe e os dois filhos se reuniram na primeira noite para jogar. Colocaram o tabuleiro sobre a mesa, dividiram as peças entre si e um problema surgiu: todos queriam ser o primeiro a jogar. Eles começaram a discutir, a brigar, a bater portas e gritar e resolveram abandonar o jogo. Na noite seguinte eles tentaram jogar novamente, mas a discussão foi ainda mais acalorada e todos desistiram. Alguns dias mais tarde, uma nova tentativa. O filho mais velho pegou uma peça, colocou no tabuleiro e começou o jogo. Ninguém se manifestou. Logo depois a mãe continuou o jogo, depois o filho mais novo, o pai e eles jogaram a noite inteira. No dia seguinte, o filho mais velho simplesmente colocou a peça no tabuleiro e começou o jogo novamente, com todos se divertindo. E foi assim durante muito tempo, todas as noites de jogo a família já esperava que o filho mais velho começasse, ele mesmo já sabia que era sua aquela função. Duas semanas depois, enquanto a família ainda arrumava os lugares na mesa, o filho mais novo foi mais rápido que o irmão e colocou uma peça no tabuleiro, começando o jogo. A mãe olhou de cara feia, o pai franziu a testa e o irmão mais velho deu um grito e reclamou logo, o pequenino logo tirou a peça do tabuleiro com vergonha e o irmão mais velho começou o jogo como de costume. Depois disso era sempre o irmão mais velho que começava o jogo, com o divertimento de toda a família.

É com essa pequena história que Hermans (1999, p. 72) ilustra como as convenções e as normas operam, qual a diferença entre uma convenção e uma norma e porque as normas existem. Para o autor, as convenções e as normas ajudam a regulamentar nossas vidas, criando uma forma sustentável de coexistência.⁶ Elas resolvem problemas de coordenação, nesse caso, um problema de interação social. A convenção criada por eles de deixar o filho mais velho começar o jogo foi uma solução arbitrária, mas efetiva, já que qualquer um poderia ter feito a mesma coisa e começado o jogo. Isso quer dizer que foi desenvolvida uma regularidade no comportamento, uma adequação a essa regularidade e todos esperavam que os demais fizessem o mesmo. Depois de algumas semanas, essa convenção se transformou em uma norma e o pequeno irmão a transgrediu quando tentou começar o jogo, pois todos já sabiam, já esperavam que o irmão mais velho “deveria” começar. Houve então uma comoção geral, quando todos concordavam que o irmão mais novo estava errado. Com esse exemplo, fica claro que as normas são prescrições de comportamento. Como já abordado, o conceito de normas corresponde às expectativas sociais acerca do que é um comportamento adequado ou não, correto ou não (TOURY, 1999, p. 14). Sendo assim, a interação entre os indivíduos não obedece ao acaso, os grupos humanos seguem normas definidas, que muitas vezes são reforçadas por sanções de ordens diferentes, de sentido positivo ou negativo, que pode ir desde uma recompensa até uma desaprovação informal ou mesmo à punição formal.

Pode parecer difícil pensar sobre normas porque elas são ações seguidas diariamente sem que percebamos que as estamos seguindo, porque estamos simplesmente condicionados a segui-las. Elas são o resultado das escolhas que os indivíduos fazem quando estão em busca dos seus interesses e variam de uma comunidade para outra. Por exemplo, no Japão, não usar sapatos dentro de casa é uma norma, ao passo que em outras sociedades as pessoas sentem-se confortáveis usando sapatos dentro de casa. Cada vez que uma norma é seguida pelos indivíduos de uma comunidade, ela é reforçada. Portanto, pode-se pensar que quanto maior a comunidade, mais difícil será encontrar e reconhecer as normas, pois elas são mais vagas e amplas. Quanto menor e mais restrita a comunidade, mais gritante, claras e eficientes serão as normas.

Segundo Toury (1999), a busca pelas normas, em qualquer setor do comportamento humano, indica a escolha por uma perspectiva sociocultural. A justificativa dada por ele é a de que não há como não levar a sério tudo o que as Ciências Sociais têm a oferecer para nós. Para o autor “nós não precisamos virar sociólogos para fazer isso. Podemos até desejar

⁶ O trecho correspondente na tradução é: “Conventions and norms help regulate our lives so as to develop a sustainable form of coexistence.” (Hermans, 1999, p. 72).


resolver os mistérios da tradução, mas faremos isso tendo em mente que a tradução é uma atividade sociocultural e, conseqüentemente, governada por normas” (TOURY, 1999, p. 13). De acordo com Toury, hipoteticamente os sociólogos e antropólogos acreditam que o ser humano possui uma habilidade para se socializar, por eles denominada sociabilidade. Esta é ativada sempre que um grupo de pessoas está reunido. Toda vez que um novo grupo surge ou um grupo já existente precisa se sustentar, a sociabilidade entra em cena. O sociólogo J. Davis procurou sistematizar esta noção de sociabilidade e disse que “as pessoas usam a sociabilidade para criar acordos em relação às ações que devem ter. Então o mundo ganha uma aparência de estabilidade e regularidade porque nós concordamos que certas ações são aceitáveis e apropriadas e outras não” (DAVIS *apud* TOURY, 1999, p. 13). Para Toury, além de fornecidos, esses acordos em relação às ações praticadas são sempre negociados, com ou sem a intervenção da língua. Tais negociações exigem tempo e, conseqüentemente, resultam no estabelecimento de uma convenção social, que por sua vez vai estabelecer como os componentes do grupo irão se comportar em determinada situação. Em outras palavras, as normas são as idéias, os conceitos, as opiniões e os valores distribuídos e compartilhados por uma comunidade. As normas classificam o que pode ser considerado como certo ou errado, adequado, natural, apropriado ou inadequado, inconveniente e impróprio. Há, portanto, um conjunto de valores gerais, como por exemplo, a busca pelo bem-estar, partilhados por um grupo ou uma comunidade. Esses valores gerais se materializam em condutas, em desempenhos, atitudes e comportamentos em determinadas situações específicas.

Qual a diferença entre uma convenção e uma norma? Para esclarecer essa diferença é preciso lembrar que tão logo um grupo seja formado, o processo que envolve a “negociação ou a renegociação” (TOURY, 1999, p. 14) dos acordos e convenções torna-se inevitável. Contanto que o grupo não acabe, este processo de negociação é infinito. Assim, toda vez que um novo membro entra no grupo, os acordos e convenções são negociados ou renegociados, e o processo de negociação, conseqüentemente, sofre mudanças e ajustes, assim como as convenções, as normas e as regras. Portanto, ainda de acordo com Toury (1999, p. 14), “as convenções são conseqüências de qualquer esforço para manter uma sociedade, neste caso, um grupo, uma ordem social, ou seja, a convenção é um meio de manutenção e realização desta ordem social.”

As convenções são mais vagas do que as normas. A aquisição de convenções é um problema para os novos membros do grupo. Só as normas podem então estabelecer a conexão entre este novo membro e a sociedade. Geralmente, as normas procedem das convenções sociais, que são constantemente negociadas em função das ações tomadas. Hermans (1991, p.

162) afirma que as convenções decorrem de comportamentos regulares que se apresentam como soluções eficientes em face de problemas recorrentes, passando, portanto, a ação favorita de um grupo de pessoas em certas situações. Desta forma, as regularidades criam expectativas em relação ao comportamento, que, por sua vez, eleva a previsibilidade dos atos, diminuindo as opções de respostas e adquirindo então poder normativo. Por exemplo, como as convenções são mais opacas, obscuras e difusas, elas ocupariam gradativamente um eixo mais fraco, tendo como extremo oposto as regras, que serão abordadas a seguir. Assim, as normas ocupariam o meio entre os dois extremos.

Tabela 1. Nível de explicitação das normas de acordo com a gradação.

CONVENÇÕES	NORMAS	REGRAS
		
Eixo mais fraco		Eixo mais forte
<p>Convenções: enunciadas de forma implícita e obscura (HERMANS, 1999)</p> <p>Regras: enunciadas de forma explícita e clara</p> <p>Entre as convenções e as regras estariam as normas com uma grande variação entre um extremo e outro.</p>		

1.2.2 Normas, regras e idiosincrasias

Uma leitura mais atenta do item anterior pode nos conduzir à capacidade de definir, de forma distinta e independente, os conceitos de convenções e normas. Contudo, é preciso lembrar que, como visto, as ações são constantemente negociadas e o papel de cada norma nunca é o mesmo. Portanto, a gradação e a distinção entre elas são muito relativas. A diferenciação entre o que seria uma convenção e uma idiosincrasia só vai existir em um âmbito conceitual e de acordo com quem as define. Para nós, interessados no funcionamento de uma determinada comunidade – a comunidade internacional interessada nos artigos

científicos de Geriatria e Gerontologia –, analisar as coerções genéricas e específicas relacionadas ao comportamento da mesma é fundamental. Vale lembrar que, em termos de gradação, Toury (1999, p. 16) situa as normas entre as regras, ou seja, espécie de normas mais explícitas e objetivas, e as idiossincrasias, por sua vez, uma espécie de normas mais difusas e subjetivas. De acordo com Carvalho (2005, p. 49), “na extremidade mais forte estariam as regras gerais, amplamente aceitas e consideradas, por assim dizer, absolutas, e, na mais fraca, as idiossincrasias.” As normas ocupariam o espaço entre elas, podendo assumir o caráter de regra absoluta ou de idiossincrasia quando próximas desse eixo. Para entender melhor, podemos afirmar que as regras e as idiossincrasias não passam de uma variação das normas. Elas não são entidades independentes. As regras são normas mais objetivas e as idiossincrasias são normas mais subjetivas. A idiossincrasia é uma constituição individual, em virtude da qual cada indivíduo sofre diferentemente os efeitos da mesma causa, como também qualquer detalhe de conduta peculiar a um determinado indivíduo que não possa ser atribuído a processos psicológicos gerais, bem conhecidos. Em outras palavras, é uma particularidade comportamental própria de um indivíduo ou grupo de pessoas, responsável pelo entendimento de uma situação segundo a sua formação educacional e a sua cultura.

A Tabela 2 exemplifica claramente o que Toury denomina de continuum graduado, ou seja, o tempo e o espaço onde as normas operam, o vasto terreno entre as regras e as idiossincrasias. Algumas normas operantes neste terreno podem ser mais absolutas, como as regras, ou mais subjetivas, como as idiossincrasias. A pesquisadora Carolina Alfaro de Carvalho (2005, p. 49) explica que

É claro que a gradação e a distinção entre as várias normas são relativas e um tanto quanto difusas, até porque os sistemas são dinâmicos, as ações são permanentemente renegociadas e o papel de cada norma nunca é totalmente cristalizado. A própria diferenciação entre o que seria uma convenção ou uma idiossincrasia só existe no âmbito da rede conceitual em que elas estão inseridas e de acordo com a perspectiva de quem pretende estabelecer essa diferenciação.

As normas podem variar não somente com o tempo, mas também entre as culturas. Elas absorvem diferentes graus de coerção e generalização de acordo com cada cultura, cada grupo, cada comunidade e cada pessoa, não esquecendo as relações políticas e de poder que podem aparecer entre as mesmas. Desta maneira, algumas normas podem se tornar mais fortes enquanto outras podem ficar mais fracas.

Essa diversidade de funções, assim como a convivência com normas características de mais de uma cultura, constituem uma questão bastante relevante no contexto desse trabalho.

No final deste capítulo serão abordados os vários conjuntos de normas com os quais o tradutor de artigos científicos da área de Geriatria e Gerontologia deve lidar em diferentes circunstâncias de trabalho e como eles podem influenciar o resultado das traduções.

Tabela 2. Poder de coerção das normas sobre o comportamento

IDIOSSINCRASIAS	NORMAS	REGRAS GERAIS
Eixo mais fraco		Eixo mais forte
<p>Idiossincrasias: variação da norma (mais subjetivas)</p> <p>Regras gerais: variação da norma, aceitas e absolutas (mais objetivas)</p> <p>Normas: preenchem um vasto espaço, mas podem assumir as duas extremidades. (contínuo graduado)</p>		

A noção de normas sociais integra amplamente o campo dos Estudos da Tradução, tendo início com a publicação do trabalho de Toury intitulado “*The nature and role of norms in Translation Studies*”⁷. Nesta pesquisa, as normas são entendidas como um fenômeno sociocultural localizado entre dois extremos de uma escala de coerção sociocultural (TOURY, 1995). Em um extremo estariam as regras, no outro, as idiossincrasias e, no meio delas, as normas. Uma norma pode estar mais ou menos próxima a cada um desses extremos. Ela também é passível de mudança dentro da escala, podendo até desaparecer, aparecer, ou mesmo mudar com o tempo. Desta forma, conforme apontado por Toury (1995, p. 54), conclui-se que as normas são basicamente instáveis.

É durante o processo de socialização que os indivíduos aderem ou não às normas. Essa escolha poderá acarretar sanções de vários tipos, podendo ser negativas ou positivas. É por meio da observação das padronizações e dos comportamentos recorrentes que as normas podem ser apreendidas e estudadas. As normas não podem ser observadas de forma direta, mas pelos resultados imediatos do comportamento tradutório, por meio da observação do

⁷ Publicado primeiramente em “*In Search of a Theory of Translation Studies*” (TOURY, 1980) e reproduzido quase totalmente em *Descriptive Translation Studies and Beyond* (1995).

texto, dos paratextos e dos metatextos. Para Kirsten Malmkjaer (2008, p. 50), os estudiosos da tradução chegam a considerar informações como os fatores extratextuais, por exemplo, a política tradutória, as limitações de publicação, os costumes e as crenças socioculturais, como verbalizações claras de normas. Porém, fora da teoria, as normas raramente são verbalizadas tão explicitamente, o que conduz à tendência de alguns tradutores de segui-las sem intenção, de forma intuitiva.

1.2.3 Os tipos de normas

Gideon Toury (1999, p. 14) defende a ideia que a tradução é orientada por normas, sendo também influenciada por diferentes fatores que podem ser tanto sociais como temporais. Além de definir e conceituar as normas, Toury (1995) desenvolveu formas práticas para classificá-las e identificá-las. A observação das escolhas do tradutor e sua regularidade, a partir de uma abordagem comportamental, pode esclarecer como essas são feitas. Hermans (1999, p. 75) explica que,

se não levarmos em consideração as regularidades atribuídas às diferenças estruturais entre as línguas envolvidas e focarmos nas escolhas não obrigatórias, nós poderemos olhar para o lado externo, para as limitações socioculturais e assim explicar as preferências recorrentes apresentadas pelos tradutores. Essas limitações são chamadas de normas por Toury.”⁸

Hermans afirma ainda que as normas operam em um nível intermediário entre a competência e a performance, sendo a competência as opções que o tradutor tem e a performance, as opções selecionadas pelo tradutor. Segundo Toury (1995, p. 53), “a aquisição, por parte do tradutor, de um conjunto de normas que determinem tanto o comportamento adequado quanto as táticas para lidar com todos os fatores que possam restringir esse comportamento é um pré-requisito para que o tradutor se engaje em um ambiente cultural”.⁹

Já que o comportamento tradutório pode ser considerado como um comportamento social contextualizado, as normas tradutórias podem ser entendidas como limitações, restrições comportamentais que expressam os valores compartilhados por uma comunidade. Os pesquisadores Gideon Toury e Theo Hermans contribuem e representam papéis influentes

⁸ O trecho correspondente na tradução é: “If we disregard regularities attributable to structural differences between the languages involved and focus on non-obligatory choices, we can look for external, social-cultural constraints to explain the recurrent preferences which translators show. These constraints Toury calls norms.” (HERMANS, 1999 p. 75).

⁹ O trecho correspondente na tradução é: “The acquisition of a set of norms for determining the suitability of that kind of behavior, and for maneuvering between all the factors which may constrain it, is therefore a prerequisite for becoming a translator within a cultural environment”. (TOURY, 1995, p. 53).

no desenvolvimento do conceito de normas como uma ferramenta de análise útil para a investigação de traduções. O principal argumento desses pesquisadores é que todas as decisões tomadas durante o processo tradutório são primeiramente governadas por normas e ilustram a ação, ou seja, a influência, o efeito recíproco tanto entre as respostas e as reações às expectativas do tradutor quanto às limitações, restrições e pressões dentro de um contexto social.

Desta forma, descrever a tradução como um comportamento governado por normas dentro de uma situação social, cultural e histórica suscita uma série de questionamentos e problemas. Por exemplo, como podemos reconstruir as normas a partir da análise de uma tradução ou das características apresentadas por uma tradução? Qual seria a relação entre as características regulares apresentadas por uma tradução e as normas? Seria possível um tradutor adquirir essas normas? Será que eles se comportam de acordo com as normas? De acordo com Loredana Polezzi (1999, p. 39), a noção de normas é essencialmente importante porque favorece os questionamentos. Toury (1999, p. 39) corrobora essa afirmação quando afirma que os questionamentos são possíveis, eles vão acontecer, porém as perguntas nunca serão as mesmas, “vamos deixar o corpus guiar, pelo menos direcionar que tipo de perguntas iremos fazer.” Para ele, as atividades tradutórias deveriam ser consideradas como tendo um sentido cultural, bem como um papel social. A partir dessas considerações, pode-se supor como primordial que o tradutor saiba quais são as normas operantes no texto que vai traduzir.

Todas as decisões do tradutor são governadas por essas normas, que são materializadas por ele por meio das suas ações e decisões. No que tange à questão da tomada de decisão, Hermans (1999, p. 73) lembra que a tradução pode ser caracterizada como um processo de tomada de decisão, sendo que o tradutor faz uma escolha dentre muitas alternativas possíveis e que, conseqüentemente, essa escolha vai afetar todas as decisões posteriores. Segundo o autor (1999, p. 73), esse processo envolve várias etapas, desde a seleção do texto que será traduzido, no nível macro, até a construção das frases, a escolha das palavras, a pontuação e a ortografia no nível micro. É exatamente esse grupo complexo de decisões e alternativas consideradas e rejeitadas que determinará a estrutura final do texto traduzido.

Ainda de acordo com Hermans (1999, p. 74), traduzir envolve dois grupos linguísticos de normas e convenções, aquelas que regulam o texto-fonte e aquelas que regulam o texto-alvo, ou seja, quando o tradutor faz suas escolhas, ele pode escolher favorecer um grupo ou o outro porque ele, o tradutor, está consciente e concorda com determinadas exigências retiradas a partir da leitura do texto-fonte, assim como certas preferências e expectativas

existentes no público-alvo. Hermans (1999, p.74) destaca também que a regularidade dessas decisões em diferentes tipos de texto vai estabelecer padrões que afetarão as expectativas dos leitores em relação aos textos traduzidos.

Assim, as normas são estabelecidas e vão explicar o que motiva os tradutores a tomar determinadas decisões. Toury (1995) distingue três tipos de normas da tradução: as normas preliminares, as normas iniciais e as normas operacionais.

Normas preliminares são aquelas que antecedem o assunto ou o objeto principal. Elas servem para esclarecer ou para facilitar a compreensão das normas, por isso são introdutórias. Não estão ligadas ao tradutor, ao contrário, são normas extratextuais. Segundo Hermans (1999, p. 75), as normas preliminares

levam em conta questões como a escolha do texto que será traduzido ou a decisão de trabalhar diretamente da língua original ou de uma tradução já existente em uma outra língua (neste último caso, as regras que permitem ou proíbem uma tradução a partir de uma língua intermediária, ao invés da original, variam com o tempo, assim como, com a cultural, os gêneros e as línguas-fonte); talvez seja possível adicionar ainda a tradução para uma língua nativa ou até uma segunda ou terceira língua.¹⁰

Elas possuem procedência lógica e cronológica, estão ligadas à existência de uma política de tradução, ou seja, as normas preliminares aplicam-se à seleção de textos e aos autores que serão traduzidos, assim como à estratégia global para a realização e inserção da tradução no sistema-alvo. São as normas preliminares que determinam a escolha de textos a traduzir para uma determinada cultura, num determinado período de tempo. Determinam também até que ponto uma tradução será direta, por exemplo, do alemão para o português, ou indireta, do alemão para o inglês e só depois para o português. Tais decisões em geral não são tomadas pelo tradutor, mas pelos editores e instituições envolvidas no processo tradutório, isto é, as escolhas dos autores, das obras, dos gêneros e periódicos a traduzir dependem basicamente de fatores que envolvem relações extraliterárias, confinadas a determinados contextos espaço-temporais ou à satisfação de necessidades coletivas. As normas preliminares determinam a seleção dos textos a serem traduzidos e também as estratégias globais que serão adotadas para a tradução. Por exemplo, no caso da Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, as publicações são produções científicas no âmbito da Geriatria e Gerontologia, com o objetivo de contribuir para o aprofundamento das questões atinentes ao envelhecimento humano. Portanto, o periódico recebe artigos originais, artigos de revisão bibliográfica, relatos

¹⁰ O trecho correspondente na tradução é: "Preliminary norms, which concern such things as the choice of the text to translate, or the decision to work directly from the original language or from an existing translation in another language (the point about this latter decision is that the rules permitting or forbidding translation from an intermediate language rather than from the original source language vary over time as well as cross-culturally and in relation to particular genres and source languages); perhaps one could add here the decisions to translate into the native or into a second or third language;" (HERMANS, 1999 p. 75)

de experiências, resumos de dissertações de mestrado e de teses de doutorado, resenhas de livros publicados nos últimos dois anos, relacionados ao campo temático da revistas. Algumas dessas regras gerais podem ser encontradas nas instruções de publicação da própria revista, normas pré-estabelecidas para a publicação, normas explícitas. Entretanto, há também algumas normas implícitas que rondam a publicação, tais como a seleção de artigos que apresentem apenas ideias originais, que tenham autores múltiplos e até algumas idiossincrasias como “bom” nível de inglês. A decisão de recorrer à tradução também não é verdadeiramente individual. Ao contrário, é sempre governada por normas concebidas para satisfazer certas necessidades da cultura receptora e dos seus membros. Desta forma, a decisão de fazer uma versão da RBGG, por exemplo, surgiu a partir da vontade de disseminar as informações do periódico, mas principalmente, a partir dos muitos pedidos formulados por leitores internacionais que apresentaram interesse pelo conteúdo da revista.

Normas iniciais são aquelas que governam as escolhas do tradutor. Hermans (1999, p. 76) as resume dizendo que as

normas iniciais são aquelas que regulam a escolha do tradutor entre duas alternativas contrárias relacionadas à orientação abrangente de tradução, uma que se apóia o máximo possível ao texto-fonte, e outra que se apóia no estilo, nas convenções da cultura receptora; Toury denomina um dos lados de ‘adequação’ e o outro de ‘aceitação’.

Caso fôssemos enumerar as normas hierarquicamente, as normas iniciais estariam no topo da cadeia, visto que, se consistentes, acabariam por influenciar todas as outras decisões tradutórias. Elas apresentam correspondência com as deliberações basilares adotadas pelo tradutor no sentido de tornar a tradução mais **adequada**, ou seja, uma tradução em adequação, que procura firmar as normas da língua e cultura de partida, isto é, reproduzir as normas, tanto linguísticas como textuais, do texto de partida. Por outro lado, o tradutor pode também tornar a tradução mais **aceitável**, ou seja, uma tradução em aceitabilidade, que procura dar uma aproximação maior em relação às normas da cultura de chegada, isto é, adotar as normas da língua e cultura de chegada. É importante entender que ambos os polos – adequação e aceitabilidade – não são excludentes, pois o tradutor pode adotar uma solução intermediária e fazer uma combinação de normas.

As normas iniciais são caracterizadas pela necessidade de o tradutor escolher qual o comportamento a adotar diante de uma tradução, que escolhas fazer, que caminho seguir. Assim, algumas alterações em relação ao texto de partida são inevitáveis. Como abordado anteriormente, as normas iniciais estão intimamente ligadas às decisões tomadas pelo tradutor. Elas determinam suas decisões, suas políticas e estratégias em função do lugar que a tradução

pretende ocupar no sistema-alvo. Por exemplo, no caso da Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia ou *Brazilian Journal of Geriatrics and Gerontology*, o tradutor escolheu adotar um comportamento que podemos denominar de adequado quando não traduz nem explica em nota alguma o que é a APAE ou o IBGE. Por outro lado, adota um comportamento aceitável quando explica o que é ILP, instituição de longa permanência, ou em inglês, *long-stay institutions*.

Hermans (1999, p. 76) considera a questão da aceitabilidade e da adequação um problema. Ele afirma que a problemática se baseia numa questão terminológica e conceitual. Terminológica no que se refere à significação das duas palavras em si, segundo ele uma escolha infeliz, já que os dois termos se confundem quando usados no sentido padronizado. Ele sugere que os termos sejam substituídos por palavras do tipo aceitável por “baseado no texto-alvo” do inglês, *target-oriented*, e adequado por “com base no texto-fonte” do inglês, *source-oriented*, ou até pelo par “prospectiva” e “retrospectiva”. Uma outra solução apresentada por Hermans seria não pensar na norma inicial como uma escolha entre duas alternativas, mas uma escolha que envolve fatores múltiplos, que dependem de como o texto-fonte é visto, se textos similares já foram traduzidos antes, se a tradução é feita para a importação ou a exportação, para que tipo de público, por falantes de que língua e assim por diante. Entendemos que a problemática levantada por Hermans tem fundamento em relação à segunda consideração apresentada, a questão da norma inicial considerar uma escolha que envolve fatores múltiplos. Se tomada a tradução como uma atividade sociocultural, como sugere o conceito de normas, de acordo com o autor não faz sentido reduzir essa conceituação a uma escolha entre apenas dois eixos, ou seja, aceitabilidade e adequação, que não seriam suficientes para definir todas as possibilidades em relação às normas. Contudo, em relação à escolha dos termos aceitabilidade e adequação ou com base no texto-fonte ou no texto-alvo, não a percebemos como uma problemática ou uma fonte de ambiguidade.

Normas operacionais são aquelas que guiam a tomada de decisões durante a negociação tradutória (HERMANS, 1999, p. 76). Toury (1995) faz uma distinção entre as normas operacionais subdividindo-as em matriciais e textuais. Essas normas decorrem de uma posição central ou periférica, ocupada pelo texto traduzido na cultura-alvo. Concernem às deliberações tradutórias, isto é, são normas que envolvem a relação existente entre a tradução e o original. O que difere as normas preliminares das operacionais em relação à tomada de decisão é que as preliminares, como o próprio nome diz, referem-se às decisões tomadas antes do início do processo tradutório e as operacionais, durante ou depois. Elas servem de modelo, a partir do qual se constrói uma tradução. São as normas operacionais que determinam a

forma, o modelo a partir do qual o texto traduzido ganhará sua forma, seu modelo e seu estilo. Para melhor entender essa definição seguimos as explicações de Baker (1998, p. 164), que afirma que “as normas operacionais estão relacionadas às tomadas de decisões feitas durante e não anteriormente ao ato tradutório”.¹¹

As normas operacionais podem ainda ser divididas em duas categorias, normas matriciais e normas textuais. As chamadas normas matriciais determinam os acréscimos, as omissões, as alterações e as segmentações feitas com relação ao texto de partida. De acordo com Hermans (1999, p. 76), as normas matriciais são aquelas que auxiliam na determinação da macroestrutura do texto e envolvem as tomadas de decisão, como, por exemplo, traduzir todo ou apenas parte do texto-fonte, dividir em capítulos, em atos, estrofes e parágrafos. No caso da revista de Geriatria e Gerontologia, o autor optou por reproduzir as tabelas, os desenhos, da mesma forma que aparecem no original, até mesmo a numeração das páginas é igual nos pares publicados. As normas textuais regem as opções linguísticas e estilísticas. Para Hermans (1999, p. 76), as normas textuais afetam o nível microtextual, os pequenos detalhes da construção de uma frase, a escolha das palavras, o uso dos marcadores textuais como itálico, negrito, aspas e similares, empregadas para dar ênfase ou simplesmente destacar pontos importantes. Na RBGG, o tradutor optou por manter o tipo de linguagem especializada característica do AC da área médica, ou seja, ele manteve o tipo de linguagem que podemos denominar de comunicação entre médicos. Em outras palavras, as linguagens utilizadas em ACs da área médica são diferentes daquelas usadas em AC destinados à população em geral. A linguagem destinada aos profissionais da área é muito específica e, caso seja transformada, pode causar estranheza na cultura-alvo. Por exemplo, em um dos ACs o médico usa a palavra *fracture* para descrever a quebra de um osso na queda de um idoso, sendo essa a opção de escolha do tradutor para a palavra *fratura*. Caso escolhesse a palavra *break*, em vez de *fracture*, ele quebraria a norma de comunicação entre médicos.

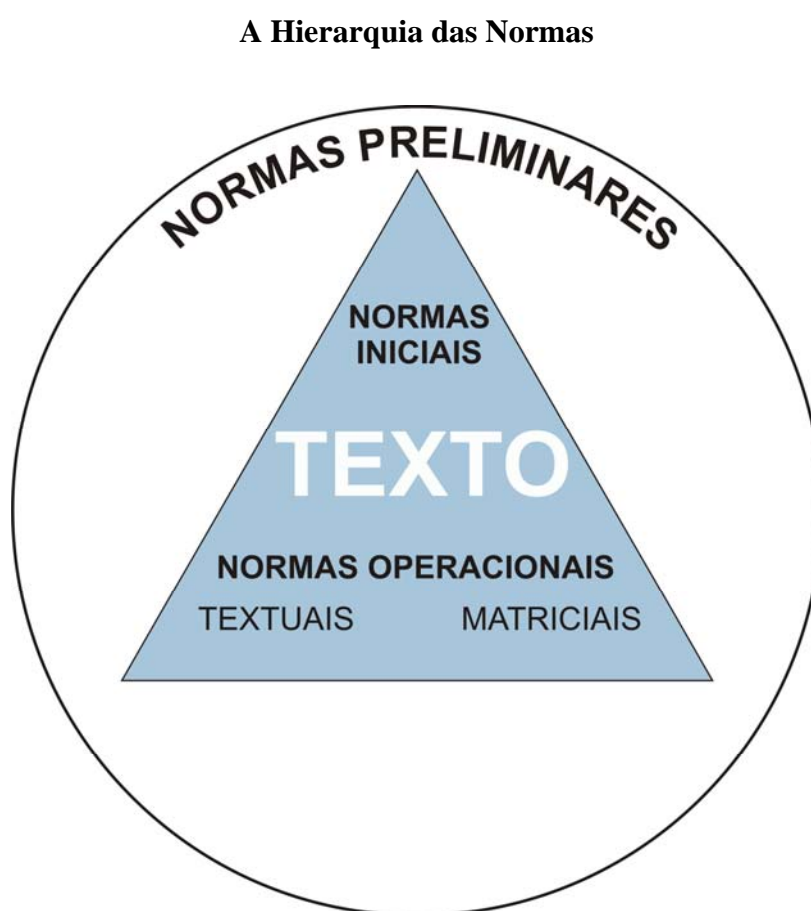
Investigar o tipo de registro utilizado na tradução de um AC seria descobrir qual a norma textual que opera naquele contexto. O registro seria o tipo de linguagem usada por quem escreve para se comunicar com o leitor idealizado do texto escrito. Nesse caso, o registro mais apropriado é aquele reconhecido pela comunidade receptora, aqui, a comunidade de médicos leitores interessados na área de Geriatria e Gerontologia.

O esquema a seguir apresenta a hierarquia entre as normas. O círculo representa o mundo fora do texto, onde as normas preliminares operam, neste caso, as revistas e suas

¹¹ O trecho correspondente na tradução é: “Operational norms concern decisions made during, rather than prior to, the actual act of translation.”(Baker, 1998, p. 164)

regras gerais, os editores, os prazos, os clientes e tudo que opera fora do mundo textual. O triângulo representa o texto, onde operam primeiramente as normas iniciais, ou seja, as escolhas do tradutor antes de iniciar o processo de tradução e depois, na base da pirâmide estão as normas operacionais, que podem ser divididas em matriciais e textuais.

Figura 1. A Hierarquia das Normas



Poderíamos prolongar a discussão e a descrição dos tipos e usos das normas demasiadamente. Entretanto, devido à natureza dissertativa desta pesquisa focalizaremos nossas análises na conceituação e estudo das normas operacionais. Não deixaremos, porém, de mencionar brevemente, quando necessário, as características e descobertas quanto às normas preliminares e iniciais que operam nos corpora analisados. Entendemos que as distinções não são totalmente demarcadas, elas formam um apoio metodológico para os

pesquisadores. Apesar das normas serem estabelecidas nas sociedades a partir da classificação de inúmeras situações e comportamentos recorrentes, Toury (1999, p. 23) esclarece que não há regularidades absolutas no comportamento humano, o que há na verdade, é uma combinação de fatores. Ou, como afirma Carvalho (2005, p. 51), “o comportamento nunca será nem 100% regrado nem 100% errático”.

Se pensarmos que na atividade tradutória há uma combinação das normas operantes na cultura de partida e na cultura de chegada, podemos entender como os tipos de normas mencionados anteriormente se combinam. O papel do tradutor seria a produção de um texto na cultura-alvo que fosse adequado e satisfatório e que atendesse às expectativas daquela cultura receptora. O “texto traduzido deve conjugar um grau satisfatório de adequação e um nível suficiente de aceitação para os seus propósitos” (CARVALHO, 2005, p. 52). Contudo, como afirma Martins (1999, p. 60), “caberá ao estudioso compreender, na cultura e no contexto analisados, que normas tiveram de ser atendidas para que um texto fosse aceito como equivalente a outro.”

Na verdade, sabemos que a partir do momento em que o tradutor se encontra diante da tarefa tradutória, faz suas escolhas e toma suas decisões, muitas vezes de forma idiossincrática, procurando, quando lhe convém, equilibrar as concessões necessárias tanto a respeito de uma, como de outra comunidade. Contudo, o resultado dessas escolhas está publicado em forma de tradução, o leitor tem acesso a essa publicação e o impacto que esse trabalho apresenta na cultura-alvo pode indicar que na verdade há uma série de regularidades operantes nas estratégias adotadas por esses tradutores. Além disso, por causas das normas que governam a atividade da tradução em contextos diferentes, os textos traduzidos possuem algumas características formais — arcabouços estilísticos, construções sintáticas e semânticas, opções lexicais — que permitem identificá-los como pertencentes a um mesmo gênero textual. O contato do tradutor com as normas operantes tanto na cultura-alvo como na cultura-fonte funciona da mesma forma que descrevemos o contato de um indivíduo com a norma operante em um determinado grupo social. Assim como um indivíduo que deseja ser aceito por um grupo de uma determinada comunidade precisa escolher que atitudes e ações tomar para fazer parte do todo, o tradutor também terá seu trabalho facilitado caso consiga determinar que normas operam em uma determinada comunidade e produzir, portanto, um texto que atenda às expectativas daquele grupo alvo. Caso suas escolhas não estejam de acordo com as normas operantes naquele tempo e lugar, suas ações podem acarretar sanções produtoras ou contraproducentes.

No caso da publicação de artigos científicos, o grande objetivo é a disseminação de conhecimento, contudo, para que isso aconteça, é fundamental que o artigo seja publicado internacionalmente, e, para isso, precisa ser aceito por uma revista internacional. Quanto mais ciente o tradutor a respeito das normas operantes na comunidade para qual ele produz, mais fácil será ajustar suas estratégias e decisões em função de suas finalidades e tentar antecipar a recepção que seu texto provocará na cultura-alvo. No decorrer do trabalho as normas podem ser negociadas, renegociadas e até se perpetuarem. Segundo Carvalho (2005, p. 52), “com a experiência, muitas estratégias acabarão ficando automatizadas, de modo que diversas decisões tradutórias serão tomadas sem que o tradutor precise ponderar explicitamente sobre as consequências de cada ato”.

A tarefa do pesquisador é buscar as normas que governam a tradução em um determinado contexto (neste caso, na tradução de artigos científicos da área de Geriatria e Gerontologia) e tentar compreender o papel da tradução nesta comunidade, para então estabelecer as relações entre os conceitos e a função de cada norma. Nas seções seguintes será abordada a forma pela qual as normas têm sido estudadas por meio da descrição do modelo para investigação da tradução literária desenvolvido por Lambert e van Gorp (1985). Descreveremos o modelo metodológico e as adaptações realizadas para as investigações propostas nesta dissertação. Esse capítulo termina com algumas considerações a respeito das normas que operam na tradução do texto técnico e no gênero artigo científico.

1.3. Estudando as normas: o modelo metodológico de Lambert e Van Gorp

Como identificar as normas que operam em um determinado contexto? Podemos começar analisando as fontes de estudos das normas. Toury (1999, p. 9) denomina essas fontes de produtos primários, secundários e regras explícitas. Carvalho (2005, p. 54) resumiu as observações dividindo desta forma as fontes: (i) o texto traduzido, através do levantamento das estratégias e padronizações, investigação das escolhas recorrentes (fonte textual), fontes primárias; (ii) os paratextos (capa, contracapa, orelhas) e os metatextos (resenhas e críticas), que indicam os interesses em torno da publicação (fonte extratextual), as fontes secundárias; e, por último, (iii) as regras explícitas, que são as instruções fornecidas aos tradutores pelos clientes.

A identificação das normas pode ser feita investigando os próprios textos traduzidos, ou seja, através da comparação do texto original com o texto-alvo, observando-se as estratégias, as escolhas e as padronizações. No caso do texto técnico, como veremos na seção

seguinte, ele possui uma gama de estruturas padronizadas que se perpetuam pelo gênero e se repetem em várias publicações, portanto, devem ser levadas em consideração e analisadas pelos pesquisadores. Em segundo lugar estão as fontes extratextuais, como críticas das traduções, as declarações dos tradutores ou dos editores. Neste último caso deve-se tratar as informações com cautela, pois é possível que sejam parciais ou tendenciosas. No caso da tradução dos artigos científicos, o que chamamos aqui de paratextos (a capa, a contracapa, a orelha etc.) e metatextos (as resenhas, as citações, o prefácio etc.) são ainda mais complexos. Por exemplo, os artigos científicos não recebem críticas ou resenhas publicadas por escrito em outras revistas ou livros, então, para conhecermos a opinião do leitor sobre o artigo ou o impacto daquele estudo na comunidade-alvo, podemos apenas acompanhar as citações desse trabalho em outras publicações ou verificar o número de acessos aos sítios onde as páginas estão disponíveis para consulta. Outro exemplo seria o fato do pesquisador poder utilizar a classificação recebida pela revista na qual o artigo científico foi publicado como ferramenta criteriosa para levantar normas a respeito do corpus. Sabemos que as revistas da área médica, como a utilizada por nós neste trabalho, são classificadas segundo os critérios do *Qualis* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) ou de acordo com as instruções da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC). A produção científica classificada pelo *Qualis* constitui um dos itens principais da avaliação dos programas de pós-graduação das universidades, o que demonstra a importância de levantar as normas operantes nesta comunidade. Pois, como afirma Antunes (2009, p. 39),

o processo tradutório não se inicia quando o autor começa a produzir a tradução e tampouco termina quando o tradutor escreve a última linha de seu trabalho; na verdade esse processo tem início quando um texto é selecionado para publicação em um país estrangeiro e se estende até o momento em que a obra é revisitada por leitores – profissionais ou não – e seu impacto é verificado no sistema-alvo.

Contudo, apesar da capacidade dos pesquisadores de identificar normas comportamentais de tradução por meio do estudo de corpora de traduções, caracterizando assim padrões regulares de tradução e estratégias escolhidas pelos tradutores, é primordial explicitar que não se trata de uma metodologia fechada e prescritiva, muito menos que o objetivo seja fazer generalizações a respeito das normas. Não devemos pensar que uma vez descobertas as normas operantes, elas serão sempre as mesmas. Ao contrário, como abordado anteriormente, as normas são instáveis. Nos estudos de casos de traduções para o hebraico, por exemplo, Toury (1999) identificou padrões de comportamento, fez algumas generalizações acerca do processo de tomada de decisão e só posteriormente reconstruiu as

normas operantes naquela situação, para então levantar hipóteses que pudessem ser estudadas no futuro. Entretanto, sabemos que tais generalizações e conclusões referem-se somente a uma situação específica. Antunes (2009, p. 39) destaca que o mais “interessante é a preocupação com a descrição do processo tradutório, para melhor entendê-lo e explicá-lo, e não com a prescrição de normas para a tradução geral”.

Em 1985, os pesquisadores José Lambert e Hendrik van Gorp, da Universidade de Louven, na Bélgica, elaboraram um esquema para descrever as traduções de um modo mais completo e sistemático, em contrapartida aos métodos mais intuitivos da primeira fase dos Estudos da Tradução. O título dado por eles ao esquema foi *A hypothetical Scheme for Describing Translations*. Esse modelo foi baseado em um esquema desenvolvido anteriormente por Lambert e Lefevere em 1978, que continha os parâmetros básicos do fenômeno tradutório, mas ainda não era estruturado de uma forma prática, contendo as etapas de análise existentes no esquema de 1985.

Segundo Carvalho (2005, p. 88), o modelo metodológico de Lambert e van Gorp tornou-se referência entre os pesquisadores de tradução vinculados aos Estudos Descritivos (DTS) por ser simples e prático, contribuindo para a padronização da contextualização do objeto de estudo nos vários níveis sistêmicos e para a orientação do processo em que se alternam a formulação de hipóteses e as constatações concretas. Este esquema para descrição de traduções foi elaborado para a análise de tradução literária, e tem como base a abordagem da tradução literária voltada para o texto-alvo, demonstrando que os descritivistas não tinham como preocupação central a verificação do grau de equivalência entre o original e a tradução, mas sim a investigação das normas (TOURY, 1995) que governam o processo tradutório, percebido para além dos limites dos textos – original e tradução. Contudo, este esquema já foi adaptado algumas vezes e utilizado em outros contextos, como na pesquisa de Carolina Alfaro de Carvalho do ano de 2005, sobre a tradução de legendas e no trabalho de Veerle Duflou (2007) sobre interpretação.

A pesquisadora Lucia Maria Jolkesky (2007, p. 26), da Universidade Federal de Santa Catarina, explica que a análise descrita no modelo de Lambert e van Gorp baseia-se nas seguintes suposições: o sistema cultural do texto-fonte é formado por autores, textos e leitores; o sistema cultural do texto traduzido é formado por tradutores, traduções e leitores; esses sistemas não são estritamente literários, uma vez que estes não podem ser isolados dos sistemas social, religioso ou outros da cultura à qual pertencem. A nosso ver, esta seria a porta aberta que nos permite adaptar o esquema para analisar tipos diferentes de tradução, ou seja, a tradução do gênero textual artigo científico. Como afirma Jolkesky (2007, p. 26), todos os

elementos dos dois sistemas são complexos e dinâmicos e existe uma ligação não previsível entre eles que depende das prioridades dadas pelo tradutor ao realizar a tradução que, por sua vez, dependem de certas normas próprias do sistema-alvo. Segundo a autora, a aceitação da existência desse tipo de relacionamento entre os diversos elementos dos dois sistemas (fonte e alvo) permite inúmeros tipos de estudos, entre eles: as relações entre o original e sua tradução; entre o autor e o tradutor; entre os leitores dos dois sistemas. Portanto, o objetivo do esquema proposto por Lambert e van Gorp é auxiliar o exame das relações entre sistemas literários das culturas fonte e alvo e entre os elementos desses sistemas, tais como autores, tradutores, originais, traduções e leitores. Assim, ele é um esquema extremamente relevante para aqueles que adotam uma abordagem descritivista no estudo do texto traduzido (ANTUNES, 2009, p. 39).

O esquema compreende quatro etapas: (1) a análise dos dados preliminares; (2) o nível macroestrutural; (3) o nível microestrutural; e (4) o contexto sistêmico. O pesquisador transita entre um nível e outro, formulando hipóteses a partir de suas observações em um dos níveis e avaliando e refinando essas hipóteses com as constatações feitas em outro nível — e assim sucessivamente (CARVALHO, 2005, p. 90). Cada etapa contribui com os resultados da próxima etapa numa relação de interdependência.

A primeira parte abrange o estudo dos aspectos extratextuais, permitindo que o leitor construa uma ideia geral sobre a obra analisada. Durante a análise dos dados preliminares, o pesquisador fica atento ao produto a ser estudado, o tipo de obra, o gênero, a editora, a agência responsável pela tradução, o tradutor, as língua(s) original(is) e da tradução; os paratextos, os metatextos, título, capa, a estrutura geral da tradução. Ele verifica, por exemplo, se o texto é apresentado como uma tradução, se o nome do tradutor é mencionado – no caso do texto técnico essa informação raramente aparece. Em relação aos ACs, a invisibilidade do tradutor é uma realidade, a RBGG não traz essa informação. As descobertas feitas durante essa primeira etapa irão colaborar para a construção de hipóteses a respeito da estratégia geral de tradução que poderão ou não ser confirmadas quando da análise macro e microestrutural.

Na segunda etapa, comparam-se aspectos da estrutura do texto-fonte e do texto-alvo. Por exemplo, a análise é realizada no nível macroestrutural, ou seja, o pesquisador fica atento à estrutura interna do produto, como as divisões dos parágrafos, as traduções das tabelas e as ilustrações, as estruturas narrativas: número de linhas, número de páginas; no caso dos artigos científicos, a estrutura de elaboração dos mesmos e a divisão em seções (introdução, resumo, métodos, conclusões); a relação adequação/aceitabilidade; normas e políticas gerais de tradução, omissões, acréscimos e paráfrases, entre outros. As análises da macroestrutura são

baseadas nas hipóteses levantadas no item anterior. O pesquisador verifica se o tradutor acrescenta ou omite informações, de forma que as hipóteses levantadas possam ser confirmadas ou reconstruídas. A ênfase desta etapa é na estrutura principal do corpus e as descobertas irão auxiliar as análises da próxima etapa.

É na terceira etapa do esquema que o pesquisador analisará se o tradutor segue as normas reconstituídas nos estágios 1 e 2 ou não. Ele examina as escolhas gramaticais e lexicais, assim como as escolhas formais e estilísticas, como a sintaxe, a semântica, o registro, as estratégias de organização do texto como as paráfrases e as omissões, assim como a coesão e a coerência internas, as referências, as condicionantes culturais, as modalizações, os itens de especificidade cultural, entre outros. Nesta etapa o pesquisador verificará o modo pelo qual o tradutor lida com as escolhas. Sendo o recorte inevitável, essa terceira etapa funciona de base para nossa pesquisa, de outra forma, nossas considerações poderiam crescer infinitamente.

A quarta e última etapa contrapõe os níveis macro e micro descritos nas duas etapas anteriores. O pesquisador analisará metatextos para compreender a posição da tradução no contexto sociocultural estrangeiro. O contexto sistêmico abrange as relações macro e microsistêmicas do corpus estudado, ou seja, as relações entre o autor, o leitor-alvo, o gênero e o tema do texto com outros equivalentes no sistema de origem e no de chegada. Nesta etapa são considerados comentários, resenhas e críticas publicadas em jornais e revistas e obras de referencia geral, assim como o número de acessos ao site onde o texto está disponibilizado.

Lambert e van Gorp (1985, p. 47) atentam para a importância de determinar as prioridades durante as análises, para que o foco e os objetivos não se percam, uma vez que a gama de informações coletadas pode crescer demasiadamente. Portanto, o pesquisador deverá priorizar a(s) etapa(s) do modelo que esteja (m) de acordo com seus objetivos de pesquisa. Os autores dizem que “é impossível resumir as relações envolvidas na atividade tradutória. [...] Na verdade, tanto o pesquisador quanto o tradutor devem estabelecer prioridades” (LAMBERT E VAN GORP, 1985, p. 47). De fato, o foco de interesse aqui é a tradução do texto técnico, mais especificamente a tradução de artigos científicos da área de Geriatria e Gerontologia e as condicionantes culturais – marcas culturais – que aparecem nos textos analisados. Portanto o foco de interesse desta pesquisa é o nível microestrutural, com o objetivo de verificar os tipos de condicionantes culturais presentes no texto classificado como artigo científico e os procedimentos tradutórios¹² utilizados no transporte dessas marcas de uma cultura para outra. Essa ênfase não descarta a análise de paratextos, metatextos e,

¹² Procedimentos tradutórios e procedimentos técnicos da tradução referem-se aos conceitos e ideias apresentados por Heloísa Barbosa no livro *Procedimentos Técnicos da Tradução: uma nova proposta*, 2004.

principalmente, do nível macroestrutural, para que o estudo de gêneros que apresentaremos no segundo capítulo possa ser bem exemplificado.

Apesar de focarmos a investigação nas questões microtextuais, ou seja, nas questões que envolvem a terceira etapa do esquema, procuramos seguir a sugestão de Toury (1999) e não ignorar as informações que saltam dos textos analisados. Toury afirma que devemos deixar o corpus nos guiar ou pelo menos direcionar que tipo de perguntas podemos fazer. Assim, além das considerações microtextuais, apresentamos também algumas considerações a respeito dessa primeira etapa – os aspectos extratextuais – fazendo um levantamento das normas preliminares que operam nesta fase do esquema de análise.

Enfim, o esquema proposto por Lambert e van Gorp nos proporciona a liberdade de adaptá-lo às nossas prioridades. Eles afirmam que o pesquisador ou o tradutor que utiliza esse modelo pode encontrar meios de se tornar sistemático, em vez de ser simplesmente intuitivo, evitando assim convicções e julgamentos antecipados.

Esta breve descrição a respeito de como as normas são estudadas e a descrição do esquema de análise de Lambert e van Gorp (1985) teve por objetivo apresentar a teoria das normas, fundamento teórico desta pesquisa, e a instrumentalidade do esquema proposto por Lambert e van Gorp, que serve de base para a análise da tradução da RBGG. Sendo o gênero textual da obra analisada nesta dissertação o artigo científico da área médica, um texto técnico, torna-se necessário um embasamento teórico específico para fundamentar a análise da tradução desse gênero, sendo esse o assunto da próxima seção.

1.4 Normas, o texto técnico e suas condicionantes culturais

Poucas são as pesquisas sobre normas tradutórias, o texto técnico e suas condicionantes culturais, já que a maioria dos trabalhos é a respeito dos textos que chamamos literários e não dos técnicos ou texto de especialidade. Essa seção trata do conceito de normas, do texto técnico e suas condicionantes culturais. Azenha Júnior (1999) constata que, entre os professores e estudiosos da tradução, há uma visão largamente difundida, segundo a qual os textos técnicos, diferentes dos textos sagrados e da literatura, constituiriam um universo à parte, sujeito aos ditames do mercado e marcado pela estabilidade de sentido dos termos técnicos. Em outras palavras, segundo ele, admitia-se para a tradução técnica algo que, de resto, era veementemente condenado para a tradução como um todo: a noção de sentidos estáveis e, como consequência dela, uma noção de tradução centrada eminentemente numa operação de transcodificação, processada à margem de um enquadramento cultural

(AZENHA JÚNIOR, 1999, p. 10). Entretanto, como o próprio pesquisador afirma, se isso fosse verdade, deveria haver então um sistema de classificação tipológica de textos capaz de estabelecer uma divisão estanque e inquestionável entre o texto técnico e os outros tipos de textos. Contudo, a realidade é bem diferente. O autor (1999, p. 11) afirma que “os textos são formas híbridas expostas à ação de um número elevadíssimo de variáveis e a terminologia, longe de ser estática, é dinâmica e admite uma margem de subjetividade no tratamento do seu objeto”. Portanto, um trabalho como este, que tem a tradução do texto técnico como objeto de estudo e que busca o levantamento de marcas culturais em textos de especialidade, ou seja, artigos científicos da área médica, é uma amostra de que o estudo tradutório com base no texto técnico pode ser hierarquicamente colocado em igualdade de importância com qualquer outro tipo de gênero.

Por esta se tratar de uma pesquisa interessada na tradução das marcas culturais presentes no texto técnico, a noção de texto técnico que mais se assemelha às idéias que apresentamos aqui é a conceituada por João Azenha Júnior. De acordo com o autor (1999, p. 11), o texto chamado de técnico é uma estrutura multidimensional ancorada historicamente e composta por diferentes planos inter-relacionados, todos eles portadores de sentido e, portanto, de relevância para o tradutor. Escolhemos esta definição, pois ao considerarmos o texto técnico como uma estrutura multidimensional, podemos adicionar novos elementos às discussões levantadas nesta dissertação, como as marcas culturais e o gênero artigo científico. Segundo Azenha Júnior, não é possível imaginar que a tradução de um texto técnico – seja ele veiculado no interior de uma área técnica ou de dentro para fora dela – ocorra num vácuo de interesses. Para ele, num caso ou no outro, uma análise mais detalhada sobre a relação do texto com a constelação de fatores que cerca a sua produção, tradução e recepção, pode revelar vários tipos de elementos, por exemplo, os fatores recorrentes que descobrimos ao levantarmos as normas operantes em um determinado sistema, como as políticas de publicação, as estratégias que podem levar um leitor a adquirir um produto (compra e venda), transferência de tecnologias, ou até resultados de pesquisas, como o caso dos artigos científicos.

De acordo com Azenha Júnior (1999, p. 12), ao tradutor caberá definir – a partir das características específicas das culturas envolvidas e das instruções da tarefa de tradução – uma estratégia de trabalho que, ao mesmo tempo (1) preserve a referência à instância que transfere ao saber específico e/ou (2) possa ser eficaz na cultura para qual o texto é transportado. A nosso ver, esta seria uma concepção muito parecida com a descrita anteriormente, a respeito das normas iniciais (1.2.3.). Uma zona de intersecção entre a noção de normas e as

concepções a respeito da tradução técnica apresentadas por Azenha Júnior. Mais importante do que a ligação entre as duas noções está o fato de que a exploração dessa zona de intersecção pode ter como consequência. Primeiro, o enriquecimento de metodologia, que pode ser aplicada em outras áreas dos Estudos da Tradução e do texto técnico. Segundo, o acesso ao conhecimento teórico que pode facilitar e justificar o trabalho do tradutor, reduzindo os riscos de escolhas inadequadas.

A noção de normas e as concepções a respeito da tradução técnica utilizada por Azenha Júnior têm outro ponto em comum, uma intersecção com os estudos culturais, cujas contribuições também podem ser úteis para o fazer tradutório.

O objetivo da pesquisa do citado autor é fornecer subsídios teóricos e metodológicos para a construção de argumentos capazes de sustentar a discussão sobre a importância de considerar aspectos culturais na tradução de textos técnicos (AZENHA JÚNIOR, 1999, p.14). Portanto, utilizamos partes dessas considerações, assim como o conceito de normas e as características do gênero para levantar as condicionantes culturais presentes nos artigos científicos da área de Geriatria e Gerontologia. A preocupação central da pesquisa do Azenha Júnior é redimensionar as considerações sobre a tradução técnica por meio da tentativa de integrar teoria e prática de tradução.

Retomando a questão cultural é preciso esclarecer o que realmente se entende por condicionante cultural e por marcador cultural nesta dissertação. Há considerações e definições a respeito das marcas culturais em outros trabalhos, como as pesquisas de Francis Hendrik Aubert (2006), mas para o conceito de condicionantes culturais, precisamos ir um pouco além do léxico e do conceito terminológico. Contudo, tanto a noção de marcadores culturais quanto a noção de condicionantes culturais nos limita a considerar aspectos restritos aos textos e a terminologia, já que é através deles que podemos identificar essas manifestações. Para ampliar essa dimensão, desenvolvemos nossa própria conceituação do que vem a ser uma condicionante cultural.

O marcador cultural, também chamado de marcador textual é a materialização do que chamamos de condicionante cultural. Uma condicionante cultural é uma constelação de fatores externos que influenciam a produção dos textos, e as marcas textuais são os registros dessas influências. Sendo assim, quando afirmamos que o texto técnico é culturalmente condicionado estamos dizendo que ele sofre influências nucleares tanto da cultura em que foi criado como da cultura para a qual está sendo transportado. Quando identificadas, as condicionantes culturais passam a representar uma marca dentro do texto, uma marca textual

culturalmente condicionada, uma marca cultural. As condicionantes culturais vão além do campo terminológico, vão além do próprio texto.

Segundo Azenha Junior (1999, p. 84), não há dúvida de que, de todos os níveis da análise linguística, o léxico é a instância em que as linguagens técnicas diferem com maior clareza de outras linguagens. Mas os elementos diferenciadores, no plano linguístico, não se manifestam apenas no plano do léxico. O plano lexical é onde as marcas culturais se materializam, essa materialização esta condicionada a uma série de influências culturais.

Resumindo, as marcas culturais são as materializações das influências culturais que os textos sofrem, são essas influências culturais que chamamos condicionantes.

Para ilustrar parte desse universo de condicionantes culturais a que estão sujeitos os conceitos e suas definições nas diferentes culturas, lançamos mão de algumas categorias propostas por João Azenha Junior (1999, p.79) e outras que consideramos relevantes no contexto dos ACs de Geriatria e Gerontologia. Essas categorias de condicionantes influenciam os conceitos, os procedimentos técnicos e a tradução dentro de uma mesma área, em culturas distintas. Por exemplo, no caso de textos de instrução ou qualquer outro texto científico que trate de conceitos ilustrados por exemplos e comparações do tipo “...duas vezes maior do que a área do Estado de São Paulo...”, ou então de referências tais como “...semelhante ao processo empregado no sistema de calefação convencionais...” Segundo Azenha Junior (1999, p. 82), tais declarações impõem ao tradutor uma reflexão sobre optar entre a eliminação da passagem, com prejuízo para o entendimento, e a substituição por um exemplo adequado à cultura de chegada. Um outro exemplo seria a problemática das regulamentações que regem métodos de medição, que variam de uma cultura para outra e que podem afetar os mais diversos campos, desde as revisões de veículos que atendem aos padrões de segurança de apenas um país e são totalmente diferentes em outros, até os procedimentos de produção queijo que para os franceses é uma tradução secular ou ainda a indicação dos rótulos de vitaminas que trazem indicação para serem usadas por *seniors* e *elderly* sem definir com certeza quem seriam esses indivíduos. Considerações como estas descritas anteriormente são as influências denominadas condicionantes culturais e a forma pela qual elas se materializam são chamadas de marcas culturais.

Como nos lembra Azenha Junior (1999, p. 84), é relevante contestar a noção de invariância de sentido entre conceitos de áreas técnicas, de imobilidade das terminologias e de univocidade dos textos técnicos. Sendo assim, precisamos ir mais além e não nos determos ao campo do léxico, nunca deixando de lado a problemática da sintaxe, da estruturação geral do texto e das considerações do campo cultural.

Como mencionado anteriormente, um dos autores que levanta indagações a respeito dos marcadores culturais na tradução é o pesquisador Francis Henrik Aubert. Ele publicou um artigo em 2006 a respeito dos marcadores culturais. Segundo Aubert (2006, p. 23), nos estudos descritivos da tradução, a identificação dos marcadores culturais depara-se com certas dificuldades teóricas e metodológicas: “a própria conceituação de marcador cultural; suas subcategorias, linguísticas e extralinguísticas; os procedimentos apropriados para proceder à sua identificação” (AUBERT, 2006, p. 23). Trataremos desse assunto com mais detalhes no final Capítulo 2, seção 2.6.

Não é a intenção lançar mão de generalizações a respeito da tradução técnica, tanto porque o recorte que fazemos é bem claro, ou seja, artigos científicos da área de Geriatria e Gerontologia, mais especificamente os publicados na Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia da UERJ/UnATI. Contudo, muito já se sabe sobre a importância dos estudos de caso¹³ e consideramos incontestáveis as contribuições que este tipo de pesquisa pode fornecer. Segundo Alves-Mazzotti (2006, p. 550), o estudo de caso qualitativo constitui uma investigação de uma unidade específica, situada em seu contexto, selecionada segundo critérios pré-determinados e, utilizando múltiplas fontes de dados, se propõe a oferecer uma visão holística do fenômeno estudado. Por outro lado, sabemos que muitas são as perspectivas das quais podemos fazer uso para olhar um corpus – o próprio Azenha Júnior relaciona, no mínimo, uma dúzia delas em seu livro (1999, p. 24 - 26) –, e que esta variedade de correntes teóricas nos chamam à atenção para o perigo das generalizações e nos desafiam a buscar elementos que – abstraídas as peculiaridades do caso particular – apontem para um denominador comum, capaz de identificar o processo de tradução como tal e de garantir uma certa unidade e coerência às considerações sobre ele (AZENHA JÚNIOR, 1999, p. 27). O importante é que haja critérios explícitos para a seleção do caso e que este seja realmente um “caso”, isto é, uma situação complexa e/ou integrante, cuja relevância justifique o esforço de compreensão. Sendo assim, acreditamos que os critérios para a identificação e seleção do caso, bem como as formas de generalização propostas, variam segundo a vinculação paradigmática do pesquisador, a qual é de sua livre escolha e deve ser respeitada (ALVES-MAZZOTTI, 2006, p. 650).

Azenha Júnior (1999, p. 94) discute ainda as características das linguagens técnicas. O autor, contrariando o senso comum, procura demonstrar que a noção de equivalência um-a-

¹³ Veja: Usos e abusos dos estudos de caso – Alda Judith Alves-Mazzotti, 2006. Introduction to Case Study by Winston Tellis, 1997.

um na passagem de termos técnicos de uma cultura para outra não se sustenta diante do complexo quadro de variáveis a que estão sujeitos o léxico em geral, e o vocabulário técnico em especial.

Segundo ele (1999, p. 94), o controle de muitas variáveis coloca o tradutor diante de decisões que fogem ao âmbito de sua atuação, contudo, sua participação no processo decisório é fundamental. A atividade de tradução é um trabalho de equipe em que se dividem responsabilidades e se conciliam interesses, muitas vezes conflitantes, em função de um objetivo comum. Como vimos nas seções anteriores, o tradutor precisa conhecer e lidar intimamente com as normas referentes à modalidade de tradução com a qual ele está trabalhando, as convenções e os parâmetros próprios do meio no qual o seu objeto traduzido será transmitido, publicado e distribuído, assim como as regras impostas pelos responsáveis por essas publicações e pelos clientes que contratam seus serviços. No caso estudado aqui, a modalidade é a tradução de artigos científicos da área médica. Esse gênero possui um vasto número de *regras* particulares (entende-se *regras* conforme as descritas no item 1.2.3, ou seja, regras gerais, explícitas e claras), na maioria das vezes fornecidas e estabelecidas pelos responsáveis pela disseminação dos produtos e que, se não forem atendidas, comprometerão a publicação do material.

2 O GÊNERO ARTIGO CIENTÍFICO

Neste capítulo descrevemos o gênero textual artigo científico e apresentamos considerações a respeito das normas (conforme apresentadas no Capítulo 1) e as condicionantes culturais. Dissertamos aqui não apenas a respeito de como a tradução tira proveito do estudo de gênero, mas também como o estudo dos gêneros pode influenciar diretamente a maneira pela qual a tradução é construída e culturalmente condicionada. Segundo Viviane Possamai (2007, p. 2016), a descrição e a classificação de gêneros têm, para estudos e atividades que envolvem textos, e a tradução é uma delas, uma importância fundamental, pois permitem observar e agrupar, sob o prisma de similaridades, as diversas materializações e heterogeneidades dos enunciados.

Abordamos primeiramente a questão da nomenclatura do gênero. Após algumas leituras, percebemos que não há consenso a respeito da nomenclatura de gênero, havendo teorias que adotam termos como gênero textual, gênero discursivo, gênero linguístico e alguns outros. Nossa opção será por gênero textual, pois adotaremos a ideia defendida por Marcuschi (2002, p. 22) de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto, concluindo então que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual.

Rica é a bibliografia de trabalhos a respeito de gêneros textuais. Marcuschi (2008, p. 48) afirma que “é de impressionar a quantidade de livros, coletâneas, números temáticos de revistas e teses que surgiram nesses últimos anos em torno da questão dos gêneros textuais”. Segundo ele, a qualidade dos trabalhos é muito variada. Portanto, em uma abordagem tão breve como esta não é possível abarcar uma produção tão vasta e rica, como também não é nosso objetivo fazê-lo¹⁴. Focalizaremos o cerne de estudo desta dissertação, que é o gênero artigo científico da área de Geriatria e Gerontologia. De acordo com Marcuschi, o estudo de gêneros textuais é um empreendimento cada vez mais multidisciplinar. Assim, a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder às questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral (MARCUSCHI, 2008, p. 149). As concepções de gêneros textuais admitem possibilidades diferentes de aplicação, investigação e análise, podendo o conhecimento de suas estruturas ser muito relevante tanto para os tradutores quanto para os Estudos da Tradução.

¹⁴ Para outras pesquisas a respeito dos gêneros textuais veja: Bazerman (2005); Cristóvão; Nascimento (2004; 2005), Karwoski; Gaydeczka; Brito (2006), Meurer; Bonini; Motta-Roth (2005), Zanotto (2005).

O capítulo começa com uma breve descrição do que seria um gênero, descreve também as características dos artigos científicos da área de Geriatria e Gerontologia, suas macro e microestruturas. Durante a descrição da estrutura dos artigos fazemos paralelos com as considerações a respeito da tradução dos artigos e das normas e convenções operantes, como um elo de ligação para a última seção do capítulo, que trata da tradução propriamente dita. Tratamos de questões sobre a tradução dos artigos científicos, sua publicação e o mercado brasileiro de periódicos. A última seção desse capítulo versa sobre o gênero artigo científico como sendo um gênero culturalmente condicionado. Além da definição do artigo científico como gênero, este capítulo trata ainda da sua estruturação e descrição. Contudo, antes de chegarmos à proposta analítica, vamos percorrer um caminho teórico, histórico e conceitual por algumas correntes que se ocupam do estudo de gêneros.

2.1 Gênero

As abordagens para o estudo de gêneros¹⁵ são muito variadas. Utilizaremos duas linhas teóricas para fundamentar nossas considerações. A primeira é baseada nas ideias de Swales (1990, 1992, 1996 e 2004) e Askehave; Swales (2001), por ter sido quem direcionou seus estudos para o campo dos artigos científicos; e a segunda gira em torno dos conceitos de Marcuschi (2002), simplesmente por uma questão de afinidade com as ideias apresentadas.

Apesar das diferenças entre as linhas de estudo de gêneros, podemos destacar alguns pontos em comum. O primeiro deles é o fato de que todas as abordagens, independente da origem e do autor, fazem uma análise dos elementos linguísticos que aparecem nos textos, mesmo quando a descrição linguística não é o objetivo da pesquisa. Por exemplo, a perspectiva sistêmico-funcional; a Escola de Sidney, com interesses voltados para o ensino de uma segunda língua; a Escola Norte-Americana, com uma análise de gêneros voltada para a questão social, as relações de poder e os problemas relacionados à história dos gêneros e seus papéis na sociedade. Em segundo lugar, todas as linhas mais contemporâneas enfatizam de que forma os gêneros estão relacionados à vida em sociedade. Tendo essas ideias em vista, apresentaremos agora alguns aspectos teóricos que consideramos importantes para a definição de gênero.

¹⁵ Por exemplo: As ideias de Michael Halliday (1992, 1994), com as propostas de Martin (1984 e 2000), Halliday & Hasan (1989). A proposta de uso do gênero para o ensino de línguas de Swales (1990) e Bhatia (1993), assim como a Análise do Discurso Francesa de Bronckart (1999) e as ideias de Bakhtin (2002).

Os gêneros textuais são formas verbais de ação social relativamente estáveis, realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos. Esta ideia é defendida por Marcuschi (2002, p. 25), que por sua vez baseou-se nas ideias de Bakhtin (1997). Essa estabilidade é revelada pelas recorrências que vemos presente em um corpus de exemplares de um mesmo gênero textual. Apesar de apresentar algumas características diferentes, grande parte dos textos tende a apresentar muitas características recorrentes em comum. Daí a possibilidade de se considerar o artigo científico como um gênero textual. Essa colocação é um argumento fundamental para esta pesquisa, pois a partir do momento em que consideramos o artigo científico um gênero textual, reconhecemos que suas formas, as quais chamamos de estáveis, são as características que possibilitam o seu reconhecimento e ao mesmo tempo o diferenciam de outros gêneros.

A constatação anterior nos mostra que o gênero artigo científico, apesar de possuidor de uma linguagem de especialidade, isto é, de ser um texto da área técnica, pode estar culturalmente condicionado, e que este condicionamento pode ser analisado por meio da comparação das estruturas recorrentes e do levantamento das normas e convenções (conforme definidas no Capítulo 1). Como afirma Possamai (2004, p. 27), “existem expressões textuais e discursivas no artigo científico que são frequentes e sistemáticas [...] e uma vez inseridas em grupos culturais distintos (seja pela língua ou pela esfera de atividade) tenderão a ter o seu uso e o seu emprego diferenciados.”

Os gêneros são também culturalmente definidos (HALLIDAY, 1992). Neste caso, entendemos por cultura tanto suas manifestações macro, como a cultura de uma nação, a cultura brasileira, por exemplo, quanto suas manifestações no nível micro, por exemplo, a cultura de uma escola ou de um departamento. Essas formas culturais (macro e micro) relacionam-se com a linguagem empregada nos gêneros por meio das configurações de variáveis de registro.

Na concepção de Marcuschi, os gêneros contribuem para consolidar e ordenar a comunicação diária, sem serem instrumentos que coíbem a criatividade. Para o autor (2002, p. 29), “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”. Esta visão privilegia a natureza funcional e interativa da língua. Ele propõe uma abordagem de gêneros por domínio discursivo e de modalidade (oral e escrita). Afirma que o domínio discursivo seria “uma esfera social ou institucional (religiosa, jurídica, jornalística, política etc) na qual se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão” (MARCUSCHI, 2002, p. 120). Esses domínios discursivos

seriam responsáveis pela produção de modelos de ação comunicativa (científicos, jornalísticos, religiosos, saúde, comercial etc). Costa (2003, p. 25) aponta ainda que “quase todos os domínios apresentam mais gêneros na modalidade escrita do que na oral, com exceção do domínio discursivo religioso”.

Para Marcuschi, é impossível se comunicar se não por algum gênero textual situado em algum domínio discursivo. A perspectiva dele baseia-se na situação de interação, nos participantes e nos propósitos comunicativos dos textos. Dizemos que Marcuschi baseia algumas de suas considerações na ideias de Bakhtin, pois a sua teoria é também sociointerativa e, portanto, coaduna-se com a perspectiva deste autor.

A concepção de Swales (1990, p. 46-58) baseia-se em cinco características centrais: (i) um gênero é uma classe de eventos comunicativos; (ii) o critério que torna uma coleção de eventos comunicativos um gênero é um conjunto partilhado de propósitos comunicativos; (iii) exemplares de gêneros variam em sua prototipicidade; (iv) a base lógica subjacente a um gênero estabelece restrições admissíveis quanto ao conteúdo, a posição e a forma; (v) uma nomenclatura dos gêneros por uma comunidade de discurso é uma importante fonte de instrução. Assim como Bakhtin, Swales reconhece que existe uma abundância de gêneros, e que estes variam bastante devido a diversos parâmetros, de acordo com a complexidade do propósito retórico; o preparo exigido para a sua produção; os meios de transmissão; a tecnologia utilizada; o público-alvo. Essa variação não é só dentro de uma cultura, mas entre culturas; por isso, para Swales, uma classificação universalmente válida dos gêneros é praticamente impossível.

Para entender melhor o motivo de escolhermos as idéias de Marcuschi e Swales como as mais adequadas para definirmos a noção de gênero textual utilizada nesta pesquisa, resumimos a aproximação feita por Possamai (2004, p. 2020) dessas duas teorias. A autora considera próxima a concepção defendida por Marcuschi – que por sua vez baseou-se nas ideias de Bakhtin –, daquela defendida por Swales. De acordo com a teoria de Bakhtin, todos os eventos nos quais o homem participa estão relacionados ao uso da língua, toda utilização da língua efetua-se em forma de enunciados, e cada esfera de utilização desses enunciados elabora tipos relativamente estáveis deles, ocasionando então que toda utilização da língua se dará por meio de algum gênero. Uma concepção bem parecida com a ideia de Swales, que defende a noção de que um gênero é uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham o mesmo conjunto de propósitos comunicativos.

Tendo apresentado o conceito de gênero textual, abordamos, em seguida, o gênero textual artigo científico e algumas de suas características, pois esse é o objeto de estudo deste trabalho.

2.2 Gênero textual artigo científico

Em sua obra *Genre Analysis: English in Academic and Research settings*, de 1990, Swales reúne os padrões organizacionais e retóricos responsáveis pela realização de um artigo científico, ou como dizemos em inglês, um paper. Ele apresenta algumas propostas para a análise da macro e das microestruturas de um artigo, assim como seu próprio modelo alternativo denominado CARS (*Create a Research Space*) para a descrição de artigos científicos em língua inglesa, para auxiliar o ensino da escrita desse gênero. Swales fez uma descrição detalhada da introdução dos artigos científicos. No CARS, Swales apresenta um modelo alternativo de *Introdução*. Ele fez uma identificação de blocos retóricos funcionais dessas introduções, denominados movimentos e passos, e esse estudo possibilitou a noção da organização retórica desse gênero, assim como dos seus aspectos imperativos e opcionais.

O CARS apresenta três **movimentos** (*moves*), que desempenham funções retóricas diferentes. Esses movimentos formam conjuntos que compõem a **Introdução**. Cada movimento possui ainda alguns **passos** (*steps*), que são opcionais. O modelo proposto por Swales enfatiza a necessidade da comunidade comunicativa restabelecer um olhar sobre a sua própria área de trabalho. O movimento 1 trata do estabelecimento do território, os três passos opcionais deste movimento podem ser (i) a reivindicação da centralidade, ou (ii) a produção de uma generalização temática, ou (iii) a revisão de itens de pesquisas anteriores. O autor pode usar os três ou apenas um deles. O movimento 2 trata do estabelecimento de um nicho, tendo como passos opcionais (i) a construção de contra-argumentações, ou (ii) a indicação de ausências, ou (iii) a proposição de questões, ou (iv) a continuação das questões antigas e tradicionais; e o movimento 3 trata da ocupação do nicho, tendo três passos opcionais, (i) o delineamento de objetivos, e (ii) a anunciação da pesquisa, ou (iii) a anunciação dos achados, ou (iv) a estruturação da pesquisa. Lembramos que o CARS trata apenas da estruturação da **Introdução** do artigo científico, contudo, as outras seções que compõem um artigo científico não são esquecidas por Swales e serão brevemente detalhadas nesta dissertação na seção 2.4, quando tratarmos da macroestrutura dos artigos científicos.

Outro motivo que nos fez escolher a abordagem de Swales como a mais adequada para esta pesquisa se deve à busca para mostrar que uma abordagem baseada no estudo de gêneros

viabiliza a compreensão da grande variedade de eventos comunicativos que acontecem na comunidade acadêmica, tanto na área de pesquisas, quanto na área de negócios. Esse trabalho feito por Swales (1990), a nosso ver, é de grande valor para as diferentes áreas, como a nossa proposta de pesquisa na área dos estudos da tradução.

Em trabalho posterior (1992), Swales discute a noção de comunidade discursiva. Nesse artigo, intitulado *Re-thinking Genre: another look at discourse community effects*, ele faz uma redefinição dos critérios que apresentou em seu livro de 1990, dizendo que os anteriores não resistiriam ao teste do tempo, devido ao caráter reducionista, imaginário e estático. Possamai (2004, p. 34-35) elaborou um quadro, no qual é possível visualizar as propriedades das comunidades discursivas em dois momentos da obra de Swales 1990 e 1992.

Tabela 3. As obras de Swales 1990 e 1992

SWALES 1990	SWALES 1992
Uma comunidade discursiva tem um conjunto de objetivos públicos comuns.	A comunidade discursiva não apenas aceita os objetivos, mas também os formula ou estabelece. Esses objetivos podem ser consensuais, mas também podem ser distintos e relacionarem-se.
Uma comunidade discursiva tem mecanismos de intercomunicação entre seus membros.	Quanto aos mecanismos de intercomunicação entre os membros de uma comunidade discursiva, não houve alterações. Esses mecanismos variam de acordo com a comunidade.
Uma comunidade discursiva utiliza seus mecanismos de participação principalmente para fornecer informações e <i>feedback</i> .	Nesse ponto, Swales acrescenta que uma comunidade discursiva usa mecanismos de participação para uma série de propósitos, não apenas para a informação e <i>feedback</i> .
Uma comunidade discursiva utiliza e, portanto, tem um ou mais gêneros para alcançar comunicativamente seus objetivos.	Ao invés de um ou mais gêneros para alcançar seus objetivos, uma comunidade discursiva utiliza uma seleção crescente de gêneros no alcance dos mesmos.
Além dos gêneros, uma comunidade discursiva adquire um vocabulário específico.	Uma comunidade discursiva adquire e continua a buscar uma terminologia específica.
Uma comunidade discursiva conta com uma estrutura de membros que detém um certo nível de conteúdo relevante e perícia discursiva.	Swales acrescenta que uma comunidade discursiva tem uma estrutura hierárquica explícita ou implícita que orienta os processos de admissão e de progresso dentro dela.

Fonte: Possamai, 2004, p. 34-35.

Em outro trabalho mais recente, Akeahave e Swales escrevem um artigo intitulado *Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution* (2001), no qual abordam a questão do propósito comunicativo como critério na categorização de um gênero, passando a considerar que um evento comunicativo está dentro de um contexto sociocultural e cognitivo e pode possuir um ou mais propósitos. Nesse artigo, a importância do propósito comunicativo é reiterada, sugerindo que o pesquisador, em vez de proceder a uma análise que comece do texto para identificar o gênero, ou seja, que comece da observação da estrutura, do estilo, do conteúdo, do propósito e do contexto, utilize um procedimento contextual ou etnográfico que seja capaz de permitir que o conceito de propósito seja fixado como fundamental. Nesse procedimento contextual, o pesquisador parte de fora para dentro. Ele primeiro identifica a comunidade discursiva no que tange às suas questões sociológicas, como seus valores, objetivos, condições materiais, ritmo de trabalho e expectativas, para posteriormente chegar às questões do gênero, caracterizando-o. Resumindo, os critérios e a comunidade discursiva continuam sendo privilegiados, contudo, as questões do contexto sociocultural e cognitivo, que não apareciam nos trabalhos anteriores, ganham destaque. É possível fazer um paralelo entre essas possibilidades da análise descrita por Swales, que além de levar o texto em consideração, inclui o mundo fora do texto como objeto de análise, com a noção de normas descrita no Capítulo 1, quando dissertamos a respeito das normas preliminares.

Como abordado, as normas preliminares são normas extratextuais, estão ligadas à existência de uma política de tradução. Elas se aplicam à seleção dos textos, aos autores que serão publicados, assim como à estratégia de inserção da tradução no sistema-alvo, ou seja, considera os aspectos extratextuais.

Para tornar esse paralelo (normas e gênero) ainda mais completo, lançamos mão das ideias de Bhatia (1993), que além de reafirmar a definição de Swales (1990), faz alguns acréscimos, como a possibilidade de um gênero ter mais de um propósito. Bhatia traz um novo ângulo para o conceito de gênero, pois acrescenta aos fatores linguísticos e sociológicos já existentes, a importância do aspecto psicológico ou cognitivo na construção do gênero. Segundo Bhatia (1993, p. 16), esse aspecto tem um “papel relevante para que o conceito de gênero possa ser visto como um processo social dinâmico, ao invés de estático”.

O caminho percorrido para o reconhecimento do gênero, que parte de fora para dentro, é muito similar ao caminho percorrido para o levantamento das normas que operam em um determinado contexto de produção de um enunciado, como também no transporte deste enunciado para outra língua / cultura.

Enfim, já que conhecer as características do gênero textual colabora no desempenho do tradutor no transporte do AC para uma outra língua-cultura, consideramos as características abordadas por Swales (CARS, descrita anteriormente e as macro e micro que descreveremos à frente) e as questões levantadas por Toury em relação ao conceito de normas, duas teorias que podem caminhar paralelamente. Essa união pode contribuir de forma direta na prática tradutória. A possibilidade de análise proposta por Swales (1990, 1992 e 2001) pode caminhar com o levantamento das normas operantes em uma comunidade discursiva. As duas teorias se complementam por serem, paralelamente, abrangentes e delimitadoras. Abrangentes quando consideram os aspectos sociológicos, valores, objetivos, condições materiais, ritmo de trabalho, horizonte de expectativas, aspectos cognitivos, entre outros, e delimitadoras, quando apresentam o gênero propriamente dito e algumas das convenções, normas e regras gerais que compõem este gênero.

Mas como podemos traçar esse paralelo entre as duas teorias? Tanto a análise para o reconhecimento do gênero, quanto o levantamento das normas operantes são categorias de analíticas que descrevem os padrões de comportamento adotados em todo processo, tanto na confecção, quanto na tradução do objeto. No caso dos ACs é possível identificar algumas convenções que deram origem a normas, que por sua vez viraram regras gerais e constantemente operam neste contexto. Por exemplo, quando um AC está completamente elaborado dentro dos padrões adotados por um periódico, seguindo todas as regras gerais de composição daquele gênero, mas ainda assim não é aceito para a publicação, provavelmente, algumas das convenções que operam neste processo não foram adequadamente detectadas pelos participantes em questão (lembramos que as convenções são menos explícitas do que as normas e do que as regras), ocasionando assim uma transgressão, ainda que inconsciente, que acarretará um rompimento, e, conseqüentemente, a quebra das expectativas daquela comunidade discursiva. Ou seja, o autor ou o tradutor daquele AC não preencheu as expectativas da comunidade que receberia aquele AC, neste caso o periódico, de alguma forma não detectou as normas que estavam em operação naquela situação. Observando a Figura 1 (A Hierarquia das Normas - Capítulo 1) notamos como as duas concepções estão intimamente interligadas e como ambas podem colaborar para a análise dos corpora desta pesquisa. A pirâmide que representa o texto – o gênero textual artigo científico – é retratada como o lugar onde as normas iniciais e operacionais se apresentam. Ao mesmo tempo, é nessa pirâmide que podemos visualizar a formação do gênero textual AC e as características que o compõe (IMRD). A pirâmide, ou seja, o gênero textual AC está dentro de um círculo que representa o mundo fora do texto, onde as normas preliminares operam. Do mesmo modo está

o gênero textual AC que para ser reconhecido como gênero textual não basta apenas apresentar a formação IMRD, mas também possuir toda uma constelação de influências do mundo ao seu redor, como as determinações dos periódicos, os temas de interesse das publicações, as políticas de seleção dos artigos, entre outros.

Em uma **comunidade discursiva**, na concepção de Swales, os propósitos comunicativos estariam condicionados por comunidades mais concretas, em um sentido mais relacionado a uma associação formal, com mecanismos de comunicação, membros associados e regras de aceitação. Ao nosso ver, a noção de comunidade defendida por Swales está intimamente ligada aos membros que compõem esta comunidade, que por sua vez são aqueles que determinam direta ou indiretamente as regras gerais, normas e convenções (conforme definidas no Capítulo 1) que operam nessa determinada comunidade. Portanto, para Swales, o gênero se dá por afinidades de propósitos comunicativos, que fornecem as bases para a constituição do gênero. Por exemplo, um grupo de pesquisadores da área de Geriatria que elabora uma pesquisa sobre a perda de memórias dos idosos deseja disseminar suas descobertas e publicar os resultados da pesquisa em uma revista internacional. Podemos inferir que o propósito comunicativo desses pesquisadores é a disseminação da pesquisa, porém esse propósito está condicionado à comunidade mais concreta, ou seja, o periódico onde se pretende a publicação, com suas regras e convenções. Ao seguir essas regras e convenções os pesquisadores estariam dando continuidade à formação do gênero artigo científico.

No caso da noção de Bakhtin (**esferas de atividades**), o critério de agrupamento é a própria atividade discursiva, já que para ele, todas as esferas de atividades humanas estão relacionadas à utilização da língua. Sendo assim, o enunciado vai refletir as condições de cada uma dessas esferas, ou seja, o seu tema, estilo e a sua estruturação. Os propósitos comunicativos parecem estar implícitos na idéia de pertinência de um enunciado a um gênero. Em outras palavras, nós humanos elaboramos gêneros, que para Bakhtin também podem ser chamados de enunciados. Os gêneros se diferem uns dos outros pelos temas que abordam, pelos estilos (verbal, lexical, fraseológico, etc) e pela composição (forma). Por exemplo, de acordo com essa concepção, o artigo científico da área médica de Geriatria poderia ser classificado como um gênero, pois possui características semelhantes no que tange ao tema, ao estilo e à forma.

A proposta de Swales (1990) é muito semelhante à proposta de Bakhtin, pois, apesar daquele abordar a noção de **comunidade discursiva** e este a noção de **esferas de atividades**, ambos apresentam ideias semelhantes, que podem ser resumidas se entendermos que os

gêneros têm uma tendência a serem delimitados por objetivos comunicativos. Embora Bakhtin use a expressão gênero discursivo e não textual, nos parece que discurso abrange não só o diálogo oral, como também o escrito, não havendo distinção. Possamai explica bem essa aproximação das duas ideias quando diz que

sempre que um gênero acontece dentro de uma *esfera*, ou de uma *comunidade*, ele irá determinar escolhas e estilos, e irá, no evento da comunicação, pressupor conhecimentos e buscar, digamos, uma cumplicidade dos participantes. Os gêneros também não são eventos fixos, isolados e que se excluem mutuamente, sendo que podemos agrupá-los a partir do estabelecimento de diferentes critérios, mesmo que alguns de seus elementos, considerados inerentes à sua constituição formal, não estejam presentes (POSSAMAI. 2004, p. 2020).

Por fim, entendemos o artigo científico como sendo textos confeccionados dentro de uma comunidade e direcionados para uma determinada comunidade, tanto a comunidade em que o artigo foi escrito, no caso desta pesquisa em português, como a comunidade que recebe o artigo vertido, neste caso o leitor-alvo, o consumidor do texto em inglês, e por consequência, toda a comunidade científica. Portanto, toda ideia de condicionamento cultural e social, assim como a ideia de pertinência a um grupo ou a uma situação são muito relevantes para os estudos da tradução, porque interferem e justificam diretamente as escolhas feitas pelo tradutor. Conforme afirma Possamai (2004, p. 38), “espera-se, então, que os textos produzidos por e para essas comunidades correspondam ao que se espera deles”. A nosso ver, essa será a forma para que o texto transportado para a cultura-alvo não seja tachado de incompreensível, causando assim estranhamento na cultura que o recebe.

Resumindo, podemos entender que um gênero acontece dentro de uma esfera ou de uma comunidade, como descrevem respectivamente Bakhtin e Swales, que por sua vez irá determinar escolhas e estilos e que no momento da comunicação buscam os pontos em comum com os participantes envolvidos, ou seja, uma cumplicidade entre eles. Os dois autores partem da produção para a recepção de uma obra ou um gênero específico. Eles levam em conta tanto o produtor quanto o receptor do gênero. Se pensarmos que o corpus que utilizamos nesta pesquisa foi elaborado dentro de uma dessas **esferas** ou **comunidades**, mesmo que primeiramente tenha sido direcionado a uma outra esfera ou comunidade, entenderemos que ele leva em consideração não apenas o idioma em que foi elaborado, mas também toda a comunidade internacional que será afetada por ele. Por exemplo, o autor de uma pesquisa redige seu artigo científico direcionando-o para uma determinada comunidade-alvo, como os médicos que leem os periódicos da OMS, uma esfera específica, que poderá determinar uma grande parcela das suas escolhas durante a confecção desse gênero. O mesmo vai acontecer com o tradutor, só que este tende a levar em consideração tanto a esfera

/comunidade de partida (os médicos que escreveram o artigo) quanto a esfera /comunidade de chegada (os médicos da OMS).

Portanto, consideramos que a noção de comunidade discursiva e de esfera de atividade estão intimamente ligadas. Tanto com a idéia da confecção do gênero, como da sua tradução, ou seja, como o seu transporte para uma outra **esfera** ou outra **comunidade** culturalmente distinta. Contudo, para que obtenha sucesso nessa tarefa, o tradutor poderá precisar conhecer um pouco mais das características que compõem este gênero. O que procuramos enfatizar é que as noções apresentadas a respeito das teorias de Swales, Marcuschi e Bakhtin a respeito da estruturação e formação do gênero textual também são aplicáveis quando consideramos a tradução dos mesmos.

2.2.1 Breve histórico sobre a origem dos artigos científicos

Segundo Costa (2003), os *Artigos científicos* (ACs) com o formato que conhecemos hoje foram desenvolvidos a partir dos *Artigos de Divulgação Científica* (ADCs). Ou seja, um jornal publicou algumas cartas informativas trocadas entre pesquisadores e quando o jornal ofereceu um espaço para a discussão dessas pesquisas, os textos começaram a assumir um novo formato, não mais o de cartas. Surgiu então o AC, com novas estratégias de escrita, fundamentadas em uma retórica que apresentasse os resultados das pesquisas. Sanches (2009, p. 12) destaca a importância de se diferenciar um **Artigo Científico** (AC) de um **Artigo de Divulgação Científica** (ADC). Segundo a pesquisadora, “o AC é redigido por pesquisadores, publicados em periódicos científicos, direcionado aos pares e tem por objetivo avançar o estado de conhecimento de determinada área do saber”. Por outro lado, o ADC, embora também possa ser redigido pelo próprio pesquisador, tem por objetivo aumentar, no outro, o conhecimento já existente, e não avançar o estado do conhecimento da esfera científica. Desse modo, difunde esses saberes ao grande público, criando uma cultura científica na sociedade. Por exemplo, os artigos publicados na RBGG que utilizamos como corpus de análise para esta pesquisa são vistos como ACs. Por outro lado, a publicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, chamada **UERJ em questão**, que apresenta reportagens sobre as pesquisas científicas em desenvolvimento na universidade apresenta ADCs, que nesse caso é um artigo jornalístico, direcionado a um público diferente daquele do AC.

2.2.2 Conceituação e Características do artigo científico

Segundo Costa (2003, p. 36), os textos produzidos em um contexto acadêmico, chamados textos científicos, subdividem-se em muitos gêneros (monografias, dissertações, teses etc.), e um desses gêneros é o artigo científico.

Marcantônio (1993, p. 71) define os artigos científicos como sendo “resultados de estudos completos de um dado objeto de pesquisa. Não chegam a constituir-se em matérias para dissertações, teses ou livros. Apresentam as pesquisas realizadas e são publicados em revistas ou periódicos especializados”. Portanto, eles apresentam uma dimensão menor, um conteúdo mais reduzido e, conseqüentemente, são menores do que outros trabalhos científicos como as monografias, dissertações e teses, porém apresentam pesquisas completas. Os ACs têm por objetivo disseminar os resultados de uma pesquisa científica, suas ideias e descobertas de maneira clara, direta e concisa, por tratar-se de um trabalho menor que outros trabalhos científicos. Os artigos científicos também apresentam informações verdadeiras, ou seja, são autênticos e fidedignos, pois servem de meio de comunicação entre cientistas e pesquisadores. Costa (2003) afirma que o que vai distinguir um AC de um outro gênero científico é o seu propósito comunicativo, já que tanto a dissertação como a tese podem apresentar as mesmas características dos artigos científicos, mas seus propósitos são outros. Como dissemos, o propósito do artigo científico é a disseminação, a divulgação dos resultados de uma pesquisa científica, suas ideias e descobertas de maneira clara, direta e concisa, diferente das teses e dissertações, que tratam de pesquisas com longas descrições.

Como vimos na seção anterior, os ACs tiveram sua origem em cartas, portanto, eram escritos na primeira pessoa, alguns continham até saudações e eram muito extensos. Com o passar do tempo, a extensão dos artigos diminuiu e eles se tornaram mais compactos e não são mais escritos na primeira pessoa do singular, como eram na época das cartas. Costa (2003, p. 39) destaca cinco aspectos que sofreram alterações com o passar do tempo: (i) a organização: antes não havia a divisão por seções como temos hoje; (ii) características sintáticas e lexicais: o tamanho da frase não mudou muito, mas as sentenças relativas deram lugar às sentenças nominais e subordinadas temporal e causal. No nível lexical, o conteúdo das sentenças se tornou um pouco mais abstrato, os autores passaram a lançar mão de modalizações e distanciamentos. (iii) material não-verbal: crescimento e complexidade dos gráficos; (iv) referências: ficaram mais completas, incluindo datas; (v) extensão: mais compacta. O autor (2003) ressalta ainda que essas características referem-se em grande parte aos artigos científicos das áreas de química, física, matemática e biologia.

Os ACs podem abordar um estudo pessoal ou uma descoberta. Podem também apresentar uma ideia contrária a uma já conhecida, oferecer soluções para problemas, preencher lacunas, abordar aspectos secundários. Em geral, apresentam ideias novas, e segundo Costa (2003, p. 34) podem ser divididos em duas categorias: (i) Artigos Científicos Originais e (ii) Artigos de Revisão (p.39). Segundo ele (2003), os ACs originais geralmente têm como alvo os simpósios, as conferências e as revistas. Eles informam o resultado de uma pesquisa e descrevem métodos, técnicas e processos, e como o próprio nome diz, apresentam ideias originais, que não apareceram em congressos, comunicações de pesquisa, ou outras publicações anteriores. Eles aparecem em evidência na maioria das publicações. No caso da área médica, o artigo original é um relato completo de uma investigação clínica ou experimental.

Já os ACs de revisão têm como alvo o início de projetos de pesquisa, pois o autor leva em conta outros trabalhos já publicados sobre o assunto. Eles são estudos sobre assuntos que já foram publicados anteriormente. Segundo as pesquisadoras Aline Evers e Maria José Bocorny Finatto (2009, p. 11), eles geralmente aparecem bem no começo das publicações e são publicados em número menor do que os ACs originais. Como o próprio nome diz, eles revisam outros artigos e outras publicações científicas e podem apresentar uma síntese dos dados coletados na pesquisa. No caso da área de ciências da saúde, os ACs de revisão tendem a ser mais didáticos e a historiar um tema de pesquisa, uma doença e seus tratamentos. Contudo, apesar das diferenças a respeito da abordagem do assunto, a macroestrutura dos dois tipos de artigos é diferente em alguns aspectos, mas não em muitos, apresentando mais semelhanças do que diferenças. Evers e Finatto (2009, p. 9) descrevem que a maioria dos artigos da área de ciências da saúde, ou seja, da área que nos interessa, a área médica, são divididos nas categorias descritas também por Costa (2003): ACs originais e ACs de revisão, contudo, ela acrescenta uma terceira classificação, o estudo de caso.

Evers e Finatto (2009) dizem que o estudo de caso pode ser definido como um artigo de menor extensão. No caso da área médica, o estudo de caso apresenta casos clínicos de interesse geral, que podem ser casos raros na literatura da área médica, ou apresentar uma forma de apresentação não usual da situação. A sua macroestrutura também segue o padrão dos outros dois tipos de artigos, ou seja, a sigla IMRD ou *IMRAD* que significa, Introdução, Métodos, Resultado e Discussão – *Introduction, Methods, Results And Discussion*. Consideramos esta classificação mais completa, pois segue a categorização e apresentação dos textos seguindo a Convenção de Vancouver.

A Convenção de Vancouver é conhecida como *Uniform Requirements for Manuscripts Submitted to Biomedical Journals: Writing and Editing for Biomedical Publication* (2008). Essa convenção foi estabelecida em 1978 e publicada em 1979 pela primeira vez. Ela situa parâmetros para as publicações nas áreas das ciências da saúde. Como a convenção é um documento amplamente conhecido no meio das publicações médicas, alguns periódicos a utilizam em larga escala. Contudo, nem todos os periódicos dessas áreas seguem à risca as recomendações da Convenção de Vancouver, sendo muito comum que os artigos sejam redigidos dentro dos padrões estabelecidos exclusivamente pelos periódicos. A Convenção de Vancouver propõe algumas normas, convenções e regras gerais para a redação dos ACs, ela estabelece que os ACs sigam um padrão. Esse padrão é reconhecido por apresentar introdução, método, resultados e discussão. Os títulos das seções, em alguns casos, variam, porém a estrutura dos artigos tende a esse padrão.¹⁶ Por exemplo, a revista *São Paulo Medical Journal / Evidence for Health Care* uma publicação bimestral da Associação Paulista de Medicina fundada em 1932. Ela aceita artigos nas áreas científicas de saúde. Os artigos podem ser originais, segundo as instruções da revista. Os artigos considerados originais são aqueles que apresentam estudos clínicos, estudos de corte, caso-controle, de prevalência ou incidência, acurácia, custo-efetividade e revisões sistemáticas com ou sem metanálise. A revista paulista aceita também revisões narrativas de literatura, relatos de caso, comunicações breves e cartas ao editor. Manuscritos com objetivo comercial ou estudos experimentais em animais não são aceitos.

Citamos o exemplo da revista paulista por ser muito similar à RBGG, que usamos nesta dissertação. Assim como na RBGG, a *São Paulo Medical Journal* e muitas outras revistas e periódicos da área médica seguem a Convenção de Vancouver que descrevemos aqui. Segundo a revista, todo artigo submetido deve cumprir os padrões editoriais estabelecidos pela Convenção de Vancouver – requerimentos uniformes para Manuscritos Submetidos a Revistas Biomédicas – o estilo conhecido como “estilo Vancouver” deve ser usado não somente quanto ao formato de referências, mas para todo texto. Os editores recomendam que os autores se familiarizem com o estilo antes de submeterem os artigos para a publicação. Sendo assim, acreditamos que tanto o autor como o tradutor devem se familiarizar com esse estilo de escrita médica, assim como com a divisão dos tipos de artigos que são aceitos pelas revistas e pelos periódicos.

Para uma melhor visualização das ideias apresentadas incluímos o quadro abaixo.

¹⁶ A Convenção de Vancouver pode ser acessada no endereço eletrônico: < <http://www.icmje.org/#prepare> >.

Tabela 4. Tipos de Artigos Científicos

AC Originais	AC de revisão	Estudos de caso / Relatos de caso
Relato completo	Síntese de dados antigos	Casos específicos
Ideia nova	Revisa outros artigos	Situação diferenciada
Em evidência na revista	Didático e histórico	Apresentação atípica

As revistas geralmente não publicam a palavra **original** ao lado de um AC original. É possível reconhecê-lo pelo seu destaque na revista, geralmente aparece nas páginas iniciais e possui as noções descritas anteriormente. Ressaltamos também que as revistas científicas ou os periódicos que publicam os artigos científicos originais, os artigos científicos de revisão e os estudos de caso também apresentam outros tipos de publicações, dentre as quais podemos destacar as resenhas de livros, que geralmente aparecem no final das revistas, os editoriais e as comunicações sucintas e breves.

A Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, que utilizamos como corpus nesta pesquisa, traz dois tipos de artigos, os artigos originais e os artigos de revisão. Eles, diferente de outras publicações, apresentam subtítulos onde podemos identificar as classificações dos artigos. O sumário também divide os artigos em Originais e artigos de Revisão. Além desses artigos, há também uma seção para Resenhas e outra para a divulgação de Dissertações e Teses em andamento ou recentemente defendidas, havendo também uma seção de instruções aos autores, no final do periódico e um editorial que abre a revista. O corpus que utilizamos neste estudo será descrito em detalhe no Capítulo 3, quando apresentarmos a metodologia de análise e o corpus.

2.3 O artigo científico de Geriatria e Gerontologia

Vale ressaltar que as considerações levantadas nesta pesquisa referem-se especificamente aos artigos científicos da área de Geriatria e Gerontologia, tanto a produção quanto a versão dos mesmos para o inglês. Portanto, o recorte no universo de estudos dos artigos científicos é ao mesmo tempo inevitável e necessário. Por isso, esclarecemos que as descrições e considerações levantadas nesta seção referem-se apenas a esta área médica específica. Nada impede que algumas características apresentadas sejam similares em outras áreas, afinal, trata-se do mesmo gênero.

Feito o recorte, nos deparamos com uma questão a solucionar. Conforme nos aponta Swales (1990), o artigo científico é um gênero textual. Seria então o artigo científico da área de Geriatria e Gerontologia um subgênero do gênero textual artigo científico e essa subdivisão não se faria necessária? Poderia ser então um tipo diferente de texto?

Para solucionar esta questão utilizaremos as considerações levantadas em um artigo de 2009, escrito por três pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Leonardo Zílio, Fernanda Scheeren e Maria José Bocorny Finatto. A pesquisa realizada por eles aborda os artigos científicos de cardiologia e faz um contraste das macro e microestruturas para a caracterização do tipo textual. A resposta apresentada por eles é de que os ACs seriam um gênero textual, mas que os ACs das áreas específicas, como por exemplo os ACs de Cardiologia ou os ACs de Radiologia, seriam tipos textuais, ou seja, uma subdivisão dos ACs. Para explicar melhor como os autores chegaram a essa conclusão dividiremos nossa argumentação em dois momentos distintos: (i) a diferença entre um gênero textual e um tipo textual; e (ii) a descrição mais detalhada da pesquisa que apresenta os ACs de especialidades como sendo tipos textuais e não gêneros. Faremos esta distinção por compactuarmos tanto com as ideias apresentadas pelos três autores, como com os resultados obtidos por eles no decorrer da pesquisa. Em outras palavras, nós também acreditamos que há uma subdivisão do gênero textual ACs, principalmente quando se trata das microcaracterísticas dos ACs, sendo cada área de especialidade uma tipologia textual diferente, dentro de um mesmo gênero.

Sabemos que a palavra **gênero** é comumente usada para designar qualquer tipo de discurso, seja falado ou escrito. Costa (2003, p. 19) define gênero como “classes de textos, que distribui gêneros textuais enquanto artefatos linguisticamente realizados, mas de natureza sociocomunicativa e sempre concretos”. Já o tipo textual seria “um conjunto limitado, teoricamente definido e sistematicamente controlado de formas abstratas e não artefatos materiais”. Desta forma, os tipos textuais são estratégias utilizadas para organizar os gêneros, algumas vezes independentes das estratégias comunicativas destes (narração, argumentação, exposição, descrição, injunção e diálogo). Sendo assim, apenas por meio da análise das microestruturas é possível o levantamento desses elementos. Segundo Costa (2003), um único texto pode conter mais do que um desses tipos. Por exemplo, uma carta pessoal (gênero) pode conter trechos narrativos, trechos descritivos, trechos argumentativos (tipos).

Segundo Marcuschi, é a tipologia textual que permite a análise do gênero sob um aspecto linguístico. Como exemplificou Possamai (2004, p. 2016), um artigo científico poderá conter elementos de narração e descrição (na apresentação da Metodologia de pesquisa ou na

Introdução) e elementos de argumentação (na seção Discussão). Narração, descrição e argumentação são tipos textuais.

Esquemáticamente podemos ter a seguinte distinção entre gênero e tipo:

Tabela 5. Tipos textuais e gêneros textuais

Tipos textuais	Gêneros Textuais
1. Construtos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas;	1. Realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas;
2. Constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados e não são textos empíricos;	2. Constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3. Sua nomeação abrange um número limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	3. Sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4. Designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	Exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete [...]

Fonte: Marcuschi, 2002, p.23.

Tendo esclarecido a diferença entre gênero e tipo textual, vamos para a segunda parte da nossa exposição, que busca responder se um AC da área de Geriatria e Gerontologia é um gênero textual, um subgênero ou um tipo textual.

Como já mencionado, a pesquisa que descrevemos agora foi elaborada por três pesquisadores da UFRGS, no ano de 2009, e publicada no Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, em Caxias do Sul. A proposta da pesquisa é observar algumas características dos artigos científicos de Cardiologia, a partir da análise de Corpora, com o instrumental da Linguística de Corpus (doravante LC). Zílio, Scheeren e Finatto (2009, p. 6) levantam a hipótese de que através de uma análise que leve em consideração as macro e microestruturas do texto seja possível encontrar características que diferenciem um gênero textual de um tipo textual. Eles defendem que o objetivo da análise cumulativa dos textos é a verificação sistemática e mais completa possível das diferenças significativas entre os principais gêneros textuais da comunicação especializada.

A pesquisa em questão apresenta dois estudos baseados em corpora. O primeiro procurou mostrar elementos que fazem do artigo de Cardiologia um tipo textual à parte. O segundo abordou um contraste entre artigos de Cardiologia em alemão e português,

procurando caracterizá-los para tradutores iniciantes. Os textos de Cardiologia utilizados na pesquisa integram a base textual TECNO-CIÊNCIA, uma parte do projeto ACERVO TERMISUL¹⁷. Os dois estudos têm como base teórica a Linguística Textual de tradição germânica, com a separação entre classes e tipos textuais. Vale ressaltar que a metodologia utilizada no estudo associa a análise textual cumulativa, proposta por Hoffmann (1988) à Linguística de Corpus. Os estudos demonstram a possibilidade de se delimitarem os gêneros em tipos textuais e revelam diferenças importantes a serem observadas por profissionais que se deparam pela primeira vez com textos de Cardiologia.

A análise textual cumulativa apresentada pelos pesquisadores aponta que a utilização de unidades simples ou complexas na prosa científica é determinada por: (i) a posição dos interlocutores no e em relação ao seu meio em sentido amplo; (ii) limitações formais; (iii) o objeto ou conteúdo da comunicação; (iv) a disponibilidade e pertinência dos meios linguísticos e gramaticais. Eles enfatizam que os itens (i) e (ii) são mais determinantes para a estrutura do texto. Abordando os elementos que diferenciam o que Hoffmann (1988) chama de gêneros textuais e os três pesquisadores chamam de tipos textuais, Hoffman propõe que se realize uma análise que parte da macroestrutura dos textos e vai até o nível do grafema (ou fonema). Nesse percurso, o pesquisador passa pelos níveis da sintaxe, do léxico e da morfologia. Dessa forma, Hoffmann (1988, p. 128) menciona que “o objetivo de nossa análise cumulativa de textos é a verificação sistemática e mais completa possível das diferenças significativas entre os principais gêneros textuais da comunicação especializada”.

Os autores da pesquisa em questão creem que, com os resultados acumulados em cada um dos níveis, é possível realizar uma descrição, a partir de um corpus, dos diferentes tipos textuais, apontando os elementos que os diferenciam ou aproximam em cada um dos níveis. Durante a pesquisa, para a observação macroestrutural dos textos, os aspectos observados foram as subdivisões dos artigos, que, nas áreas observadas, eram apresentadas por meio de títulos. Essa observação foi feita através da leitura dos textos dos corpora envolvidos. Assim como aconteceu com a nossa análise da macroestrutura dos ACs da área de Geriatria e Gerontologia, que descreveremos em detalhes na seção seguinte, pudemos notar que a macroestrutura dos ACs, em geral, parece ser menos vinculada à área e mais vinculada ao periódico em si.

¹⁷O ACERVO TERMISUL (Projeto contemplado no Edital de Ciências Humanas e Sociais de 2005) é um ambiente virtual direcionado a estudantes de Letras, pesquisadores, terminólogos, tradutores e redatores técnico-científicos. Compõe-se de três grandes conjuntos: a Base Textual, a Biblioteca Virtual e a Caixa de Ferramentas. Disponível em: <www.ufrgs.br/termisul/acervotermisul.php>.

A observação microestrutural foi mais elaborada e detalhada, já que diz respeito aos elementos linguísticos e à sua disposição nos textos. Para esse exame dos textos, foram utilizadas as ferramentas da LC como o programa *Wordsmith Tools*. Com as listas de palavras em mãos os pesquisadores perceberam que havia palavras que só apareciam nos corpora de Cardiologia e outras que só apareciam nos corpora de Radiologia. Eles perceberam que alguns compostos nominais investigados realmente fazem parte da área de Cardiologia, não chegando nem mesmo a aparecer em um corpus de Radiologia, ou aparecendo somente de forma marginal, como por exemplo o composto *raios-X* aparecendo em corpora de Cardiologia, ou o contrário, como os dois compostos mais frequentes em Cardiologia, *Herzinsuffizienz* [insuficiência cardíaca] e *Risikofaktoren* [fatores de risco], não aparecem no corpus de Radiologia.

No decorrer da análise, eles concluem que os ACs podem ser classificados como gêneros textuais, mas que os ACs de Cardiologia e Radiologia seriam tipos textuais e não gêneros. Primeiramente, eles concluíram que as macroestruturas dos ACs da área médica em geral seguem os mesmos padrões, com poucas exceções. Contudo, é na microestrutura que eles se diferenciam mais. A análise da microestrutura é feita cuidadosamente, já que é através dela que se estrutura toda argumentação em torno dos artigos classificados como sendo um tipo textual e não um gênero textual.

Assim como na pesquisa descrita, para nós, os ACs da área de Geriatria e Gerontologia são tipos textuais. Contudo, consideramos mais apropriado classificá-los como sendo gêneros textuais no nível macro e tipos textuais no nível micro, uma vez que após uma análise minuciosa foi dessa forma que os artigos se comportaram. Para um maior entendimento dessa ideia de macro e micro estruturas é cabível um aprofundamento dessas descrições, conforme faremos nas duas próximas seções.

2.4 A macroestrutura dos artigos científicos

Como vimos na seção 2.1, quando falamos do gênero textual e discorremos a respeito das ideias de Marcuschi, Bakhtin e Swales concluímos que Swales foi o único que fez um estudo prático a respeito dos gêneros textuais que chamamos de ACs. Descobrimos também que os ACs têm uma estrutura básica que os distingue de outros gêneros científicos, por exemplo, uma monografia ou uma dissertação (COSTA, 2003, p. 109). Dissemos ainda que os ACs de uma determinada área podem na verdade ser chamados de tipos textuais. Os tipos textuais (no caso, as características que fazem do AC um artigo da área de Geriatria e

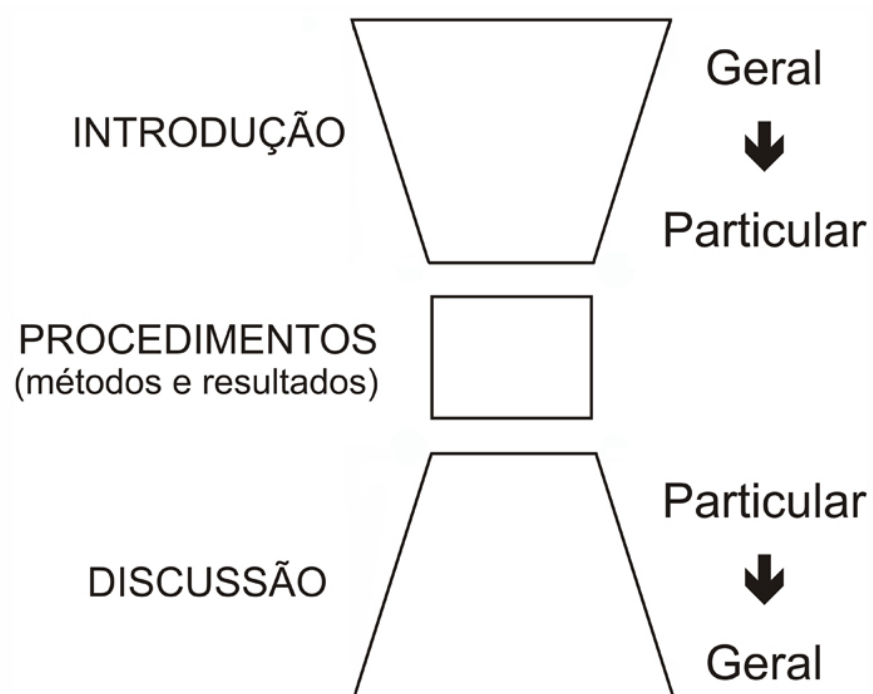
Gerontologia) constituem elementos fundamentais da infraestrutura geral dos textos. Costa (2003, p. 46) afirma que a infraestrutura geral dos textos é responsável pela organização sequencial ou linear do conteúdo temático - representações ou conhecimentos relativos a um determinado tema – ou seja, da macroestrutura.

Assim, se pensarmos apenas a respeito do gênero textual AC, sem levar em conta o tipo, teremos vários autores que discorrem sobre a sua estruturação (macroestrutura e superestrutura). Van Dijk (1989) diz que o AC é composto de uma justificativa, a colocação de uma situação problema, uma solução e uma conclusão. Já Gomes (2000) estrutura o AC como tendo uma contextualização, apresentação do estudo, metodologia, resultados obtidos ou prováveis e o ponto de vista. Ou ainda Marcantônio (1993), que apresenta uma estrutura bem simples com uma introdução, um corpo de trabalho ou o texto propriamente dito, conclusão ou resultados, indicação das referências e a bibliografia geral. Enfim, escolhemos para esta pesquisa apresentar a organização que mais aparece nos ACs que nos interessa, os AC da área médica.

Os ACs apresentam características próprias, especificadas pela natureza do evento. Costa (2003, p. 40) diz também que um texto científico é destinado a um grupo de especialistas de uma determinada área, pressupondo que os mesmos estejam familiarizados com aquele assunto. A certeza e expectativa de que o público-leitor geralmente conhece os métodos utilizados na área e se interessa pelo assunto é um fator importante para determinar a estrutura do evento e o estilo. Em outras palavras, o AC é destinado a um determinado público o que conseqüentemente vai repercutir na seleção lexical e nas escolhas sintáticas utilizadas na formação desse gênero.

Escolhemos então a definição de Costa (2003, p. 109), quando diz que a estrutura básica de um artigo científico é composta de: 1. Preliminares: Título, autor (es); 2. Corpo do artigo: introdução, texto e conclusão; 3. Parte Referencial: bibliografias. Ele diz ainda que esta superestrutura é composta predominantemente por sequências expositivas ou argumentativas.

Figura 2. A superestrutura do Artigo Científico



Fonte: Hill et all (1982) apud Swales (1990, p.134)

O diagrama apresentado serve para ilustrar a estrutura do modelo IMRD (Introdução-Método-Resultado-Discussão), que é normalmente seguida para a elaboração dos artigos científicos, principalmente os da área médica.

Em seu texto, Swales apresenta uma descrição dos elementos que tornam o artigo científico um gênero textual. Porém, a descrição feita por Swales (1990) das estruturas (IMRD) que compõem um artigo científico foi criticada por Possamai e Leipnitz (2007, p. 2022) no que tange à sua macroestrutura. Elas apontaram que a macroestrutura dos artigos na área de Ciência da Computação e Linguística [usados por elas como corpus de análise em uma pesquisa], não são estruturados da mesma maneira que artigos científicos da área da medicina que por sua vez, “parecem seguir à risca essa divisão”.

A nosso ver, seria um tanto inviável que uma descrição a respeito de um gênero textual, por mais completa que fosse, englobasse a heterogeneidade do discurso científico de

todos os campos de estudo. Essa certamente não era a intenção do Swales. Ele procurou apenas descrever a estrutura que compõe o artigo científico e as circunstâncias em que ele pode ser produzido de uma forma mais generalizada. Por outro lado, consideramos a crítica construtiva, pois ela reforça a necessidade e a inevitabilidade de se fazer um recorte dentro do universo de áreas em que um artigo científico pode ser redigido, assim como a necessidade da ampliação de pesquisas nessas áreas ainda pouco exploradas.

Concluimos que há uma diferenciação tanto entre a macroestrutura quanto entre a microestrutura do gênero artigo científico no que tange às diferentes áreas de estudo. Esse fato reforça também a subdivisão apresentada na seção anterior, que descreve a especialidade dos textos como sendo um fator da tipologia e não do gênero em questão.

Tanto para redigir como para traduzir um artigo científico, pode-se utilizar as sugestões básicas e mais generalizadas, como aquelas apresentadas por Swales (1990, 1992 e 2001). Porém, não se pode esquecer que cada área de estudo, cada campo de atuação científica tem suas características próprias. Por exemplo, Zílio, Scheeren e Finatto (2009) compararam ACs da área de Cardiologia com ACs da área de Radiologia em textos escritos em alemão, depois, compararam textos da área de Cardiologia escritos em alemão e português. Nas duas etapas, eles observaram as macro e microestruturas através do uso do instrumental da LC. Os pesquisadores perceberam que os artigos de Cardiologia tendem a seguir o padrão da Convenção de *Vancouver*, já descrita por nós na seção anterior (2.2.2), e que a macroestrutura parece ser menos vinculada à área e mais vinculada ao periódico em que o artigo será publicado. Segundo Zílio, Scheeren e Finatto (2009, p. 13), algumas revistas tendem a fugir dos padrões macroestruturais acadêmicos já reconhecidos. Isso demonstra que em relação à macroestrutura dos artigos científicos, o autor-tradutor deverá levar em consideração não apenas a sua estrutura padrão, mas também algumas questões que se apresentam fora do texto, como as orientações dos periódicos, por exemplo. Uma solução seria examinar outras publicações desse periódico e basear-se nelas como fonte de exemplos para a estruturação do AC. Essa pesquisa por parte do autor-tradutor faz parte do levantamento das normas operantes naquele contexto tradutório em que ele está trabalhando. Essas seriam as normas preliminares, ou seja, aquelas que não estão diretamente ligadas ao tradutor, mas sim à política de tradução. Cabe ao tradutor investigá-las e a partir daí traçar seu plano de trabalho em relação ao transporte daquele AC para a cultura-língua de destino. Um AC estruturado fora das expectativas daquele periódico-alvo poderá ser recusado, acarretando problemas para o autor e para o tradutor. Somente após o levantamento das normas preliminares é que o tradutor vai passar para o segundo passo, o levantamento das normas

iniciais. Nesse segundo passo ele vai escolher aproximar ou distanciar o texto do leitor-alvo, mas essas já são considerações microestruturais que veremos na seção seguinte. Assim, a primeira norma que descobrimos em relação à macroestrutura dos ACs é que apesar de apresentarem um formato padronizado, apesar do formato já ser estipulado e previsto por convenções como a Convenção de Vancouver, o que realmente determina a publicação e aceitação do AC, no que tange à macroestrutura, são as regras gerais estabelecidas pelo periódico em que se pretende publicar.

Resumindo, os ACs se estruturam de forma diferente em áreas científicas distintas, isso quer dizer que ACs de ciências da computação são estruturados diferentemente dos ACs da área de psicologia, por exemplo. Porém, os artigos da área médica em geral tendem a seguir uma mesma estruturação. Essa afirmação vale também para os ACs redigidos em inglês, como veremos mais à frente nas comparações apresentadas. Por outro lado, são os periódicos, ou seja, as revistas em que os ACs são publicados que determinam como os ACs devem ser estruturados.

2.5 A microestrutura dos artigos científicos

Para analisarmos a tradução das condicionantes culturais – as marcas culturais que carregam uma certa dificuldade de transposição para o tradutor – presentes em um artigo científico, precisamos conhecer um pouco da microestrutura desse gênero, para então considerarmos o seu transporte para uma outra língua-cultura. Swales (1990, p. 58) afirma que um “gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham os mesmos propósitos comunicativos”. Segundo ele, tais propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade discursiva de origem e, portanto, constituem o conjunto de razões (rationale) para o gênero. Essas razões moldam a estrutura esquemática do discurso e influenciam e impõem limites à escolha de conteúdo e de estilo (SWALES, 1990, p. 59). Portanto, ao descrevermos a microestrutura do AC estaremos conhecendo a relação de coesão e coerência entre os elementos que compõem os ACs, suas unidades sintáticas e lexicais, nas quais encontraremos especificidades da área e da linguagem técnica, neste caso as especificidades dos AC de Geriatria e Gerontologia.

Para analisar a microestrutura do AC poderíamos descrever detalhes e considerações a respeito de toda a sua estruturação, ou seja, os detalhes que estruturam a introdução, as características específicas de argumentação, os movimentos retóricos do resumo, da conclusão e da análise dos dados, assim sucessivamente. Contudo, nossas descrições seriam tão vastas que perderíamos o foco que caracteriza uma análise *stricto sensu* como a nossa. Por

essa razão, faremos um recorte na descrição e dissertaremos a respeito das características que consideramos mais marcantes para exemplificar o nosso propósito e atingir nosso objetivo – investigar as marcas culturais do gênero AC, do tipo Geriatria e Gerontologia – sem deixar, porém, de oferecer uma visão concisa dos aspectos mais relevantes.

Como abordado na seção anterior (2.4), os ACs são relativamente estáveis em sua estrutura, que está basicamente condicionada à sua função social. Eles pertencem não ao modelo discursivo científico, mas à modalidade escrita. Desta forma, apresentam traços da escrita e não da fala. Por exemplo, há o uso tanto do português padrão para os textos redigidos em português, quanto do inglês padrão para os respectivos transportes, onde se observam as regras gramaticais de cada variante; há também o uso de uma linguagem concisa e objetiva; assim como o uso de um vocabulário técnico específico. Eles apresentam conteúdo temático diferente, mesmo dentro de áreas similares. Sendo assim, um AC da área de Geriatria pode abordar temas relacionados ao envelhecimento ou até às condições de trabalho dos enfermeiros.

Para organizar nossa descrição, dividiremos a observação do texto em dois momentos: os **mecanismos textuais** e os **mecanismos enunciativos**, seguindo as concepções de Bronckart (1999, p. 259), quando afirma que um texto empírico constitui um todo coerente. “Ele é uma unidade comunicativa articulada a uma situação de ação e destinada a ser compreendida e interpretada como tal por seus destinatários”. A textualização e os enunciados são distintos em cada tipo de AC. Porém, como vimos na seção anterior, os ACs apresentam uma estrutura básica, que é decorrente da função que eles possuem, pois devem ser elaborados seguindo esses padrões preestabelecidos a fim de garantir a cientificidade do assunto que apresentam.

Em relação aos mecanismos textuais ou mecanismos de textualização, podemos dizer que eles contribuem para o estabelecimento da coerência temática, organizando as unidades sintáticas. São agrupados em três conjuntos: a conexão, a coesão verbal e a coesão nominal. Em relação aos mecanismos enunciativos podemos dizer que eles contribuem para a manutenção da coerência pragmática do texto, por exemplo, as vozes do autor e as modalizações presentes no texto.

Em sua descrição, Costa (2003) observou que os ACs apresentam uma sequência textual predominantemente **expositiva** (constatação inicial, problematização, resolução, conclusão-avaliação), podendo ainda apresentar mixagens argumentativas (premissa, argumento, contra-argumento e conclusão). As duas sequências são diferentes, pois a expositiva parte de uma tese aceita, em geral, por todos e requer apenas o desenvolvimento

para responder às questões ou às contradições. De acordo com o tipo de AC, Costa (2003, p. 47) afirma que podemos encontrar as seguintes sequências textuais: **argumentativa**, **expositiva** ou **explicativa**, **descritiva** e, mais raramente, **narrativa** – que só aparece como exemplo ou argumentos para defender determinada tese (grifo nosso).

No que tange à coesão nominal, há um predomínio do uso de expressões e grupos nominais definidos (substantivos). Já em relação à coesão verbal, há predominância do uso do presente do indicativo. No que tange aos enunciados, as vozes mostram a posição dos autores do artigo em relação aos conteúdos dos mesmos, havendo intertextualidade explícita, por meio das citações¹⁸. Em relação à modalização, há predominância de advérbios, auxiliares modais, locuções adverbiais e frases impessoais. As modalizações predominantes são aquelas que apresentam alguns elementos do conteúdo temático como certos, possíveis e prováveis. Segundo Costa (2003, p. 111-114), isso se dá pelo tipo de conteúdo temático e, principalmente, pelos artigos tratarem de assuntos objetivamente, tentando excluir a subjetividade.

De forma geral, a exemplificação dessas incidências descritas por Costa que acabamos de relatar depende do tipo de AC com o qual estamos lidando. Por exemplo, quando Ana Julia Perrotti-Garcia (2009) lançou mão da LC para analisar artigos científicos da área médica, ela tinha o objetivo de investigar o uso de um único verbo nos ACs em português e em inglês, o verbo *submit* / submeter. Já Possamai (2004) analisou apenas as marcas textuais mais recorrentes nos AC de ciências da computação. Portanto, cada tipo de AC traz consigo muitas características em comum com AC de outros tipos, possuindo, ao mesmo tempo, muitas marcas específicas referentes às áreas distintas a que pertencem.

Para uma melhor visualização das características microestruturais dos ACs faremos agora uma descrição detalhada de algumas características recorrentes em cada uma das partes que compõem o AC. Baseamos nossa descrição em uma pesquisa desenvolvida na UFRGS, por Aline Evers e Maria José Bocorny Finatto em janeiro de 2009 (p.24-39) e também nas instruções fornecidas pela *Convenção de Vancouver* (descrita no item 2.3.3), assim como nas instruções de alguns periódicos como a própria RBGG / BJGG.

A **Introdução** é uma parte importante do AC, é ela que situa o texto, apresentando os objetivos da pesquisa. Uma característica recorrente dessa seção é o uso de pessoalização, como o pronome na terceira pessoa, frases um pouco longas e o uso de conectores (portanto, conseqüentemente, entre outros). Costa (2003, p. 36) lembra que é comum nos textos de

¹⁸ As citações são típicas dos textos científicos em geral, são elas que dão sustentação à teoria dos autores.

divulgação científica, como os ACs, o uso desses recursos linguísticos como o emprego de uma linguagem objetiva, concisa e formal; o padrão lexical – nominalizações; vocabulário especializado; emprego de verbos na terceira pessoa do singular acrescido da partícula “se”, indicando a indeterminação do sujeito, ou na primeira pessoa do plural (sujeito universal, ocasionando o pagamento do sujeito). Portanto, podemos dizer que o apagamento do sujeito é uma norma operante do AC em português, assim como o uso de conectores conforme exemplificado anteriormente.

De acordo com as instruções da RBGG, a introdução dos artigos originais deve apresentar as razões explícitas para a realização do estudo, descrevendo o estado da arte do assunto. O contexto deve ser descrito, porém sem incluir resultados ou conclusões sobre o estudo. O último parágrafo da introdução deve especificar a principal questão do estudo e a principal hipótese, caso haja uma. A introdução não deve fazer discussões sobre a literatura e a seção deve ser curta.

A seção **Materiais e Métodos** apresenta muita incidência de construções com o uso da voz passiva (i.e. foi determinada, foi aferido, foi verificado), apresenta também impessoalização e distanciamento. Esta é a parte do texto que especifica os métodos e os materiais utilizados na pesquisa, assim, apresenta algumas subdivisões dentro da seção, muitas vezes itens, subitens ou subtítulos. Conforme vimos no Capítulo 1, a regularidade no uso de uma determinada estrutura nos permite descobrir qual é a norma operante naquele contexto. Sendo assim, podemos afirmar que o uso da voz passiva é uma norma do gênero artigo científico.

A seção de **Materiais e Métodos** apresenta o tipo de estudo que o AC descreve. Especificamente para os ACs da área médica, é nessa seção que se descreve o desenho do estudo, especificando, se apropriado, o tipo de randomização, cegamento, padrões de testes diagnósticos e a direção temporal (se retrospectivo ou prospectivo). Por exemplo, "estudo clínico randomizado", "estudo clínico duplo-cego controlado por placebo", "estudo de acurácia". A segunda parte da seção aborda a amostra, os participantes ou os pacientes. Logo depois aparece o local onde o estudo foi desenvolvido, o tipo de instituição. As instruções do periódico ressaltam a importância de evitar o nome da instituição onde o estudo foi desenvolvido para cegamento do texto para revisão, apenas o tipo de instituição deve ficar claro. Por exemplo, hospital municipal público. Em seguida aparece o procedimento de pesquisa e depois as principais medidas, as variáveis e o desfecho.

A seção dos **Resultados** também apresenta grande incidência de impessoalização. Ou seja, frases sem sujeito ou frases na terceira pessoa do plural, indicando um sujeito

universal, ou ainda construções na terceira pessoa do singular com a partícula “se” (i.e. acredita-se, entende-se). Apresenta também frase-parágrafo e o uso do pretérito perfeito (i.e. acarretou, ocorreu, aumentou, reduziu). Esta seção tende a apresentar os resultados em forma de itens.

É na seção Resultados que os principais achados são descritos. De acordo com as regras gerais descritas pela RBGG e pela Convenção de Vancouver, os Resultados descrevem também o fluxo dos participantes em cada fase do estudo (inclusões e exclusões), o período de acompanhamento e o número de participantes que concluiu o estudo. Muitos artigos apresentam um fluxograma.

A seção que apresenta a **Discussão** faz relação dos resultados do estudo com outros estudos, as ponderações também tendem à impessoalização. Nessa seção encontram-se as descobertas estatísticas, as tabelas e os gráficos. Swales (1990, p. 171) descreve que a estrutura da seção Discussão está mais correlacionada com o número e o tipo de perguntas da pesquisa situada na Introdução. Ou seja, esta parte do AC vai responder as perguntas levantadas na introdução do AC. A Discussão fornece a interpretação dos resultados. Ela leva em consideração as hipóteses do estudo e as conclusões. Essa seção enfatiza quais são os fatores novos e importantes encontrados no estudo, assim como as limitações dos achados que precisam ser notadas e possíveis implicações para pesquisas futuras.

A seção que apresenta a **Conclusão** apresenta incidência de gerúndio, pessoalização, mas apenas com o uso da terceira pessoa do plural, ou seja, sujeito universal. Esta seção apresenta os efeitos causados pelas investigações realizadas, retoma os estudos descritos no início da pesquisa e no último parágrafo traz uma síntese e uma prescrição. Nenhuma informação nova aparece na conclusão, apenas fatores que já foram descritos no decorrer do artigo. Na Conclusão, o autor especifica apenas as conclusões que podem ser sustentadas, junto com a significância clínica e evita as generalizações. Na Conclusão a mesma ênfase deve ser dada a estudos com resultados negativos ou positivos.

As **Referências** são apresentadas no final do texto. Nos ACs, principalmente os da área médica, as referências costumam aparecer numeradas. As referências dos ACs da área médica são bastante extensas. Logo após as referências há espaço para o nome do autor, sua ocupação e titulação e o endereço para correspondência. A sequência textual das referências é apenas expositiva e apresenta em ordem alfabética o título dos livros utilizados na pesquisa. No caso da RBGG o número de itens é registro e deve ser respeitado. A maioria dos periódicos da área médica segue as referências bibliográficas no estilo Vancouver, como indicado pelo Comitê Internacional de Editores de Revistas Biomédicas – ICMJE. As

referências são dispostas na parte final do AC e numeradas de acordo com a ordem de citação. As referências citadas nas legendas de tabelas e figuras também seguem a sequência com que aparecem no texto.

Observando as células da microestrutura, ou seja, as palavras, as frases, as construções, podemos dizer que os parágrafos são longos e há uso de frases-parágrafo. Há também presença de pessoalização e impessoalização, isso vai depender da seção do AC. Contudo, mesmo nas seções onde o sujeito da frase aparece, ele é quase sempre um sujeito universal (terceira pessoa do plural). No que diz respeito às frases, no geral elas seguem a ordem direta, sujeito, verbo e predicado. Em relação às estruturas recorrentes, os termos e as construções especializadas são três aspectos distintos que aparecem no artigo científico, mas que vão caracterizar o discurso de uma área específica, de um tipo determinado de AC. Sendo assim, artigos da área de Geriatria e Gerontologia apresentam estruturas, termos e construções específicas do tipo de artigo que são. Os ACs apresentam alguns termos técnicos característicos da área estudada. No caso da área de Geriatria, eles apresentam palavras e expressões típicas como: idoso, idosa, disfunção de memória, queda, instituição de longa permanência. Já outras áreas médicas apresentam outras palavras e expressões, como por exemplo, rinite alérgica, ligação covalente, entre outras. Caberá ao tradutor investigar e descobrir as equivalências na cultura receptora, tendo em mente que além do vocabulário técnico e das expressões, ele precisa ainda se preocupar com o jeito de dizer da cultura-alvo e com as colocações.

As estruturas recorrentes diferem dos termos técnicos e das construções especializadas. Evers e Finatto (2009) destacam a importância do levantamento dessas estruturas e dizem que perceber as construções recorrentes e convencionais é fundamental para que o texto não provoque estranheza na comunidade que o está recebendo. Segundo Daniel Gouadec (1994, p. 176), elas são “cadeias de caracteres especializadas e associações que se repetem”. Por exemplo, em artigos da área de pediatria, Evers e Finatto (2009) destacam três estruturas recorrentes: “diferença significativa”, “envolvimento pulmonar”, “prevalência da pressão arterial”. A pesquisa feita por elas deu origem ao Catálogo de Construções Recorrentes em Pediatria.¹⁹

Em relação às palavras, nos ACs de pediatria verifica-se a preferência por determinados conectores. Em um estudo contrastivo envolvendo as áreas de Pediatria, Química e Física, Evers e Finatto (2009) encontraram uma incidência no uso de conectores

¹⁹ Disponível em: < www.ufrgs.br/textquim >.

causais. Elas constataram, em pediatria, uma preferência pelo uso de *Pois, Assim e Devido*²⁰. Porém, baixa incidência no uso de conector *porque*, sendo esse um conector bem simples. As autoras concluíram que a baixa incidência no uso desse conector poderia estar associada a um discurso menos culto ou aos diferentes usos e sentidos do *porque* apresentariam um certo grau de dificuldade ao redator o que levaria à escolha de um outro conector que expressasse a ideia de causa. No que tange à escolha de palavras, podemos dizer que as linguagens científicas possuem terminologia própria, sendo seu reconhecimento fundamental tanto para o redator do AC como para o tradutor.

A descrição da microestrutura que acabamos de fazer tem por objetivo auxiliar no reconhecimento do gênero. Contudo, não podemos esquecer a natureza do estudo tradutório dessa pesquisa. Assim, estamos desenhando a microestrutura do gênero para que a transposição dele para uma outra língua-cultura se dê de forma a causar menos estranheza possível na comunidade-alvo. Para tanto, o tradutor vai novamente lançar mão do levantamento das normas operantes, do mesmo modo que sugerimos na seção anterior quando falamos das normas preliminares em relação à análise da macroestrutura.

O tradutor / pesquisador consegue detectar que normas operam em um determinado contexto não apenas quando analisa as incidências de determinadas estruturas no texto-fonte e no texto-alvo, mas também quando analisa o impacto que as escolhas feitas pelo tradutor tiveram naquela comunidade-alvo. Daí a importância de investigar outras publicações do mesmo gênero. No caso da microestrutura, as normas estão relacionadas às tomadas de decisões feitas durante o processo tradutório. A partir da observação de outros textos do mesmo gênero, tendo em mente o objetivo de verificar que normas norteiam aquelas escolhas, o tradutor poderá fazer escolhas mais conscientes e ao mesmo tempo justificar prática e teoricamente as opções que fez. Lembrando que as normas operacionais podem ser divididas em matriciais e textuais, ressaltamos que as matriciais vão determinar os acréscimos, as omissões e as alterações que o tradutor fez em relação ao texto de partida. Nesse caso, um tradutor-pesquisador alerta vai verificar que impacto aquelas escolhas (omissões, explicações, acréscimos) tiveram na comunidade alvo. Por exemplo, se o texto foi aceito pelo periódico ou não, se já foi acessado na página onde está disponível, quantos acessos teve. Em caso de recusa do texto, quais foram os motivos apresentados pelos editores, ambiguidades, frases longas demais, escolha imprópria de termos. Enfim, essas respostas, essa avaliação do impacto que a tradução obteve na cultura-alvo é que determina as normas operantes nesse

²⁰ É possível encontrar mais exemplos sobre o assunto na Biblioteca virtual do Projeto TextQuim no sítio: <<http://www6.ufrgs.br/textquim/arquivos/AlineSIC20082.pdf>Palavras?>.

contexto. O mesmo vai acontecer em relação às normas operacionais do tipo textuais. Elas regem as opções linguísticas e estilísticas e afetam o nível microtextual, os pequenos detalhes da construção de uma frase, a escolha das palavras, o uso dos marcadores textuais como itálico, negrito, aspas e similares, empregadas para dar ênfase ou simplesmente destacar pontos importantes. Portanto, essas normas textuais afetam diretamente as seções que acabamos de descrever, as frases, os parágrafos e as expressões recorrentes.

Após dissertarmos a respeito das bases teóricas que fundamentam esse trabalho, a noção de normas no capítulo 1 e o gênero textual artigo científico no capítulo 2, passaremos para a descrição da metodologia e do corpus que utilizamos para a investigação.

2.62.6 O artigo científico como um gênero culturalmente condicionado

Ao longo de todo esse capítulo foi possível verificar que a investigação a respeito da estrutura do gênero é uma ferramenta fundamental para o trabalho do tradutor. As revistas e periódicos internacionais procuram manter uma estrutura padronizada dos artigos que recebem para publicação. As exigências são bastante rígidas, não apenas na macroestrutura e na parte formal, mas também no nível textual, no nível da microestrutura. Por outro lado, apesar das instruções serem pré-definidas e raramente apresentarem alterações, o artigo científico não deixa de ser um gênero diversificado, cheio de particularidades e rico em nuances para investigações e culturalmente condicionado.

Nesta seção apresentamos as considerações a respeito do gênero AC como sendo um gênero culturalmente condicionado. Azenha Júnior (1999, p. 37), menciona em seu texto que vários são os fatores condicionantes que podem complicar o trabalho com tradução. Segundo ele, “o fio condutor para a orientação nesse quadro de condicionantes é a função comunicativa do texto”. O autor ressalta que essa função comunicativa não tem a ver com o texto-fonte, mas sim com a função comunicativa do texto-alvo, na situação e na cultura de chegada. Para ele, uma vez que a função comunicativa do texto de chegada estiver definida ela será “a bússola que deverá nortear toda estratégia de produção da tradução” (AZENHA JR, 1999, p. 37). Como os artigos científicos têm função pré-definida, partilhamos da opinião de Azenha Júnior, quando diz que não há outra coisa a fazer senão manter a função do texto na língua de chegada, através da estruturação de uma nova rede de relações nessa cultura-alvo. Entretanto, para que essa nova rede seja montada, é preciso haver uma preocupação não apenas com as

características macroestruturais do gênero, mas também com as microestruturas, dentre elas o transporte das marcas que são culturalmente condicionadas. Aubert (2006, p. 01) afirma que até mesmo a identificação dos marcadores culturais depara-se com certas dificuldades teóricas e metodológicas, como a própria conceituação de marcador cultural; suas subcategorias, linguísticas e extralinguísticas; os procedimentos apropriados para proceder à sua identificação.

De acordo com Hurtado Albir (2001, p. 481), o tradutor precisa saber decodificar as convenções próprias do gênero a que pertence o texto original e saber utilizar as próprias convenções do gênero na língua e cultura de chegada, quando essa for a finalidade da tradução. Nesse trecho, Hurtado se refere exatamente às preocupações e considerações que descrevemos no capítulo anterior, como as questões da macro e microestruturas do gênero AC. Descobrimos que existem marcas de conteúdo e de estilo que são definidas - como nos disse Swales e Bakhtin - pelas esferas de atividades e pelas comunidades discursivas. Essas marcas, além de deixar pistas a respeito das normas operantes naquela esfera e na estrutura do gênero, também estão culturalmente condicionadas. Caberá ao tradutor atender às expectativas do seu público-alvo, transportando o texto de uma cultura para outra de forma a não causar estranheza. No caso dos ACs da área médica, que são escritos por médicos e têm como público-leitor outros médicos, o uso do “medicalês”, ou seja, da linguagem de médico-para-médico, é uma norma que opera nos dois pólos, no texto original e no texto-alvo. O uso desse tipo de linguagem, a adesão a essa norma, é inevitável, caso o autor-tradutor queira que seu AC seja publicado. Por exemplo, caso o autor-tradutor utilize o termo **dor de cabeça** em vez de **cefaléia**, não podemos dizer que seja uma escolha errada. Ela causará um impacto de estranheza ao leitor, já que não atendeu à sua expectativa. O mesmo pode acontecer caso escolha traduzir *myalgia* por dor nos músculos, em vez de **mialgia**.

Se olharmos para essas questões das normas e do gênero por uma dimensão qualitativa, descobriremos que a reconstrução dos dados investigados a partir da comparação do original com a tradução pode apresentar descobertas significativas, quando levados em consideração tanto o ponto de vista sociológico quanto os dados textuais. Assim, em relação à tradução dos ACs da área médica, podemos considerar dois aspectos importantes. O primeiro seria o fato deles terem características predeterminadas e que são essas características que os definem como um gênero textual. O segundo seria o fato deles serem destinados a um contingente social de pessoas bem específico. Contudo, apesar dessas predeterminações, eles não são textos menos complexos. A ligação entre o contingente textual e o contingente social ainda precisa ser feita na cultura-alvo, sendo essa a principal tarefa do tradutor.

Mas o que seriam condicionantes culturais? Como já definido no item 1.4 do Capítulo 1, uma condicionante cultural é uma constelação de fatores externos que influenciam a produção dos textos, já as marcas textuais são os registros dessas influências. Sendo assim, quando afirmamos que o texto técnico é culturalmente condicionado estamos dizendo que ele sofre influências nucleares tanto da cultura em que foi criado como da cultura para a qual está sendo transportado. Quando identificadas, as condicionantes culturais passam a representar uma marca dentro do texto, uma marca textual culturalmente condicionada, uma marca cultural. As condicionantes culturais vão além do campo terminológico, vão além do próprio texto e podem ser identificadas em um texto através das marcas textuais.

Com o intuito de exemplificar essa ideia complexa, destacamos algumas pesquisas relevantes na área de tradução de textos jornalísticos, que consideramos proeminente citar, dada a natureza técnica dos corpora pesquisados e o foco no estudo das condicionantes culturais. A primeira, do ano de 2002, é de autoria da Doutora Meta Elisabeth Zipser, na Universidade de São Paulo e a segunda, uma dissertação do ano de 2005, da pesquisadora Silvana Ayub Polchlopek, na PGET, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Nas considerações finais de sua pesquisa, Polchlopek (2005, p. 146) afirma que enquanto instituição social, a imprensa está exposta a fatores externos que influenciam a sua produção textual e o modo como nós, os leitores, entendemos e discutimos o mundo. Esses fatores, segundo ela, são chamados de **condicionantes culturais** e são também responsáveis pela existência de **marcas culturais** que atuam no tratamento dispensado à notícia, especialmente em ambientes internacionais. Ela diz ainda que essas **marcas** revelam traços da cultura para a qual se destinam. O conceito de condicionantes descrito carrega a mesma conceituação que abordamos na nossa pesquisa, um condicionamento que vai além do léxico e da terminologia, mas que é expresso através deles, ou seja, pelas marcas textuais. Zipser (2002, p. 11) completa a ideia afirmando que a percepção dessas marcas interculturais constitui a essência das atividades desenvolvidas por tradutores e jornalistas, além de ter uma base dinâmica: da autoconsciência cultural para o encontro com o Outro em sua diferença e de volta ao Próprio. Assim como concluiu a autora, vemos que os textos de especialidades, no caso os artigos científicos, também estão expostos a fatores externos que influenciam não só sua produção textual, como também a forma pela qual os leitores entendem o mundo médico da Geriatria e Gerontologia.

Polchlopek (2005) iniciou sua pesquisa com a hipótese de que condicionantes culturais influenciariam as reportagens por ela pesquisadas, notícias sobre o 11 de setembro, e que seriam demonstráveis via valores da cultura de chegada impressos nos textos, ou seja,

apresentando “marcas culturais”; e também via sintaxe, impressa no corpus, fato que ela comprovou quando exemplificou a mudança de enfoque no conteúdo dos textos. Zipser (2002, p. 12) partiu do pressuposto de que existem diferenças na abordagem de um mesmo fato no interior de uma mesma cultura. Segundo a pesquisadora, podemos supor que o transporte de um fato de uma cultura para outra faz multiplicar o número de variáveis envolvidas nesse processo. Contudo, não apenas isso. Zipser vai mais longe e afirma que esse transporte e essas condicionantes têm consequências para a reflexão sobre a tradução em geral, não apenas para os textos jornalísticos. Sendo assim, essas duas pesquisas aliadas às ideias do Azenha Junior (1999) e as definições de Aubert (2006) são os fios condutores que guiam nossas concepções a respeito das condicionantes culturais.

De uma forma geral, o livro do professor Azenha Junior (1999), apesar de trazer no título a expressão “primeiros passos para um estudo integrado”, apresenta de uma forma bem embasada toda a estrutura necessária para a conceituação do que vem a ser uma condicionante cultural. De acordo com o autor (1999, p. 66), não se pode deixar de lado a moldura estabelecida pela relação entre cultura e linguagem, no constante processo de transformação por que passam conceitos e suas denominações nas diferentes culturas ao longo do tempo. Ele ressalta que, em relação à tradução, esse intercâmbio entre as áreas técnicas e o dia-a-dia das pessoas se dá de forma diferenciada e condicionada por aspectos histórico-culturais, num tempo e num lugar. Como exemplo, cita o caso do léxico relacionado ao transporte ferroviário. Para um cidadão alemão médio, que utiliza esse tipo de transporte diariamente, o léxico relacionado com esse campo é parte integrante do seu dia-a-dia, o que certamente não haveria uma correspondência se compararmos o grau de familiaridade de um cidadão brasileiro médio com esse vocabulário técnico. Azenha Junior ressalta ainda a importância desse tipo de conhecimento, essa preocupação com os valores culturais que emolduram as situações de comunicação. Quando inclui no exemplo do léxico ferroviário, o fato de que caso o tradutor não esteja atento, ele poderá produzir no texto/cultura de chegada um efeito totalmente diverso daquele obtido no texto/cultura de partida, já que na passagem da cultura alemã para a brasileira o texto técnico sobre transporte ferroviário pode ganhar uma dimensão de sentido nostálgica, de tempos passados quando a ferrovia era um meio de transporte importante no Brasil. Azenha Junior (1999, p. 67) resumiu suas afirmações dizendo que a frequência e a coincidência de recursos expressivos podem ser consideradas critérios de diferenciação entre duas linguagens técnicas. Contudo, ele lembra que é preciso considerar que a sua validade se restringe a uma língua/cultura, a um determinado lugar e período de tempo. Essa restrição também é reforçada por Aubert (2006, p. 31), quando afirma que

somente o co(n)texto de atualização do termo poderá apontar qual o domínio que, em determinado momento de determinado discurso, pode ser considerado dominante. No entanto, o próprio co(n)texto pode revelar-se, deliberadamente ou não, ambíguo.

No estudo do pesquisador Francis Henrik Aubert (2006, p. 23), apesar de não ser diretamente dedicado às marcas culturais dos textos técnicos, as ponderações, os levantamentos e as colocações são mais abrangentes e se destinam a qualquer gênero. Entretanto, complementam e exemplificam o que queremos ilustrar nesse momento, uma conceituação e uma exemplificação das condicionantes culturais. Ele menciona em seu artigo que nos estudos linguístico-descritivos que abordam os processos tradutórios e seus produtos, os textos traduzidos, é frequente a remissão a questões de ordem cultural. Três são as hipóteses levantadas por ele no início do texto: a primeira concebe cada língua e cada ato de fala como construção de marcas culturais; a segunda identifica tais marcas culturais como colocando desafios significativos à consecução do ato tradutório; e, por conseguinte, a terceira prevê que as marcas culturais presentes nos textos originais darão ensejo a comportamentos tradutórios específicos, diversos em natureza ou em distribuição daqueles encontrados nos segmentos de texto não marcados culturalmente. Para o autor fica claro que aceitar essas hipóteses, a identificação das marcas culturais torna-se tarefa fundamental para as pesquisas descritivas em tradução e em linguística contrastiva.

Para Aubert (2006, p. 24), a identificação das marcas culturais **não** é uma operação simples e a própria conceituação do que vem a ser uma marca cultural é questão passível de controvérsia. Segundo ele, o risco decorrente dessas imprecisões é atribuir a questões de ordem cultural tudo aquilo que não encontra explicação convincente no quadro da descrição linguística.

O ponto em comum dentre todas as imagens descritas até agora a respeito das condicionantes (Azenha Junior, 1999; Zipser, 2002; Polchlopek, 2005; Aubert, 2006) está no fato de todos concordarem que tais condicionantes existem e que o seu reconhecimento por parte dos tradutores é fundamental para o sucesso da tradução. Contudo, como isso pode ser feito? Como encontrar e reconhecer essas condicionantes? Essas são algumas indagações levantadas por Aubert (2006) no seu artigo “Indagações acerca dos Marcadores culturais na tradução”. As questões descritas por ele e as conclusões apresentadas são as que mais se aproximam da tentativa de formulação de uma conceituação do que venha a ser uma condicionante cultural.

Aubert (2006, p. 24) postula que toda língua é um fato cultural. Ela integra e articula toda uma gama de comportamentos dos grupos sociais que dela se servem. Portanto, **tudo** na

língua porta em si uma ou mais marcas reveladoras deste vínculo cultural. Estas marcas podem ser reveladas em diferentes planos, ou seja, essas marcas

são traços que remetem a conjuntos de valores, de padrões comportamentais, linguísticos e extralinguísticos que, tanto quanto os traços pertinentes fonológicos, gramaticais e semânticos, individualizam e caracterizam ou tipificam determinado complexo língua/cultura em relação a outras línguas/culturas, próximas ou distantes (por critério de proximidade ou distância que se queira adotar) (AUBERT, 2006, p. 24).

Segundo Aubert (2006), mesmo os aspectos restritos à dimensão gramatical não deixam de conter essas marcas. Por exemplo, as expressões de tempo marcadas pelas conjugações dos verbos, as marcações de gênero, número e grau, entre outras. Ele enfatiza ainda um aspecto muito relevante para os pressupostos desta pesquisa: o fato de que as marcas culturais aparecem também no plano discursivo. Muitas vezes, de acordo com o autor, essas marcas são encontradas nas intertextualidades que fazem sentido em uma língua/cultura, porém apresentam outros sentidos (ou sentido algum) em outros complexos língua/cultura. Como no texto médico, principalmente os das áreas de Geriatria e Gerontologia, quando nos referimos àqueles chamados “cuidadores”. No Brasil, essa pessoa é descrita como um membro da família, geralmente, uma filha solteira ou uma tia, imagem completamente diferente do que temos para “*caregiver*” em inglês, que se refere exclusivamente a um profissional da saúde. Atualmente, com a implantação de cursos preparatórios para cuidadores esse perfil esta se transformando, mas o cenário descrito previamente ainda é o que prevalece.

Aubert apresenta também como exemplo a palavra *Klokke*, que em norueguês pode significar relógio, sino, campanário e horas. Segundo ele, uma peculiaridade linguístico-cultural do norueguês, sendo altamente improvável que uma indagação pedindo informação sobre o horário venha evocar, na mente dos interlocutores, o badalar de um campanário, simplesmente porque o texto exclui a atualização deste sentido. Aubert (2006, p. 27) lembra ainda que o termo **cadeira**, usado em um catálogo de uma loja de móveis, não evocará o sentido acadêmico como **cátedra** ou **disciplina**, embora este sentido esteja consignado no potencial do vocábulo cadeira em português. Sendo assim, a tradução do termo encontrado no catálogo poderá ser feita sem a necessidade de incluir esse potencial de evocação.

Um outro exemplo da mesma situação seria a palavra **ensaios**, que pode significar tanto experiência, análise, tentativa ou o ato de ensaiar antes de uma apresentação. Ela constitui uma peculiaridade linguística do português. Mas, é improvável que, quando usamos o termo **ensaio** em um contexto médico, ou quando relacionamos o termo **ensaio** com outras palavras como **ensaio clínico**, haja confusão com o outro significado de ensaio, como o de

ensaio para uma peça teatral. O mesmo ocorre com o termo **vírus** no contexto biológico e médico e no contexto da área de informática, entre outros exemplos do mesmo estilo.

Seja como for, Aubert (2006) reforça que a existência do marcador cultural somente se revela no confronto pela diferenciação. Dito de outro modo, a noção de marcador cultural remete a um elemento distintivo, isto é, a algo que diferencia determinada solução expressiva linguisticamente formulada de outra tida por parcial ou totalmente equivalente (AUBERT, 2006, p. 29). A partir do momento em que comparamos o texto original com a sua respectiva tradução, estamos investigando as referências de ligações entre os dois sistemas. O marcador cultural aparece como decorrente dessa diferenciação. Segundo Aubert, essa **referencialidade** pode ocorrer no nível intralinguístico, no nível intertextual e no nível extralinguístico.

Por exemplo, a referencialidade intralinguística pode ser encontrada nos dêiticos típicos da linguagem. No caso do “medicalês” presente nos ACs ou no “juridiquês” presente no texto de direito. Sendo assim, *hereinafter* e *herein* seriam exemplos desses referentes por serem termos marcados de uso característico do mundo jurídico. Em outra tipologia poderíamos usar *in this*, *as from this point*, que seriam termos não marcados, pois podem fazer parte de outro tipo de linguagem que não apenas a jurídica. O mesmo aconteceria com os exemplos que citamos anteriormente sobre mialgia e dor nos músculos, cefaléia e dor de cabeça ou ainda *fracture* e *break*. Em um AC da área médica, não encontraríamos termos como quebra, dor de cabeça ou dor nos músculos, certamente estariam presentes em textos de outro gênero. Dessa forma, mialgia e cefaléia seriam termos marcados intralinguisticamente e dor nos músculos e dor de cabeça não. Pensando na tradução desses termos, podemos dizer que, caso o tradutor de um AC traduza mialgia por dor nos músculos em vez de *myalgia*, ele instituiria uma diferença entre o original e a tradução, que pode parecer não afetar a compreensão e a estrutura do AC, mas é uma opção que destoa de tal modo da norma de escrita de um AC da área médica, que passa a ser considerado como uma inadequação estilística.

No caso do nível intertextual, de acordo com Aubert (2006, p. 30) há também um conjunto de marcadores culturais específico, mas que, diferente do anterior, não se ancora na estrutura léxico-gramatical. Eles estão presentes no acervo dos dizeres, das falas, dos discursos. Por exemplo, as obras literárias de grande difusão, determinados textos religiosos, peças publicitárias, canções, filmes, novelas, seriados, enfim, os modos de dizer que constituem sinais de reconhecimento mútuo. Para Aubert, essas características possuem efeito particularizado e podem gerar dificuldades específicas no processo tradutório. Por outro lado, expressões como “não é uma Brastemp” ou “Dona Flor e seus dois maridos” não fazem parte

do contexto microestrutural do gênero AC, sendo este tipo de incidência raro de se encontrar na área de Geriatria e Gerontologia. Mesmo em textos e estudos de caso muito específicos, como por exemplo, o caso de AC que relata o perfil do familiar cuidador de idosos doente e / ou fragilizado no contexto sociocultural de Jequié, na Bahia, não apresenta nenhum exemplo de uma marca cultural que possa ser caracterizada como uma intertextualidade.

No caso do nível extralinguístico, Aubert (2006, p. 31) explica que a referência trata dos termos, dos vocábulos e das expressões em que o significado designa um referente não-linguístico. Por exemplo, as frutas açaí e jabuticaba não se referem apenas às frutas em si, mas também aos hábitos alimentares de uma determinada região e cultura. Sendo assim, somente o co(n)texto de atualização do termo poderá determinar a qual domínio o termo se refere. Para investigarmos esses domínios e como essas marcas culturais são traduzidas, precisamos investigar e descrever como as traduções foram feitas. Apenas comparando o texto original com o texto traduzido podemos fazer um levantamento de algumas dessas marcas, sendo esse o objetivo do último capítulo.

3. O CORPUS E A METODOLOGIA

Neste capítulo, nosso objetivo é apresentar o corpus de análise utilizado nesta dissertação, a Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia e sua versão para o inglês, *Brazilian Journal of Geriatrics and Gerontology*. Em seguida definimos a metodologia adotada e apresentamos as adaptações feitas ao modelo para análise de tradução literária desenvolvido por José Lambert e Hendrik van Gorp (1985).

Antes de iniciarmos a descrição do corpus que escolhemos analisar, ressaltamos que nossa escolha não se baseou na qualidade do periódico ou na qualidade da versão apresentada, não fazemos julgamento de valor. Nossa intenção é investigar a estrutura do gênero e a partir daí levantar algumas normas que operam na tradução de ACs da área de Geriatria e Gerontologia. Destacamos principalmente os itens culturalmente condicionados, ou seja, as marcas culturais presentes nos artigos e a análise das estratégias utilizadas pelo tradutor para tratar essas condicionantes.

3.1 A descrição da Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia

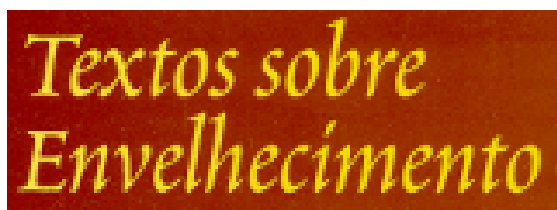
A Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia é uma publicação do Centro de Referência e Documentação sobre Envelhecimento, da Universidade Aberta da Terceira Idade – UnATI, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Ela é uma continuação da revista *Textos sobre Envelhecimento*, fundada em 1998. O objetivo da revista é publicar e disseminar a produção científica no âmbito da geronto-geriatria e contribuir para o aprofundamento das questões atinentes ao envelhecimento humano.

Figura 3. A Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia – Brazilian Journal of Geriatrics and Gerontology



Figura 4. Título anterior da revista: Textos sobre Envelhecimento

Primeiro título da revista: 1998 – 2005



Título atual da revista: 2006 - 2011



A revista *Textos sobre Envelhecimento*, primeiro título da RBGG, foi fundada em 1998 e reunia a produção científica apenas nesse âmbito de conhecimento. Os objetivos primordiais eram subsidiar discussões e contribuir para o aprofundamento das questões sobre o envelhecimento humano, além de uma produção do Centro de Referência e Documentação sobre Envelhecimento da UnATI-UERJ. Em seus oito anos de existência, ela se estabeleceu como fonte de consulta permanente para área de Geriatria e Gerontologia. O periódico recebeu o novo título no ano de 2005, passando então a se chamar *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*²¹, ganhando também uma versão para a língua inglesa chamada *Brazilian Journal of Geriatrics and Gerontology*. O professor Renato Veras é o diretor geral da UnATI e o editor da revista. Na página de abertura da publicação, ele diz que a RBGG iniciou suas atividades em 2006, com uma sólida bagagem e a chancela da UnATI/UERJ, instituição de prestígio acadêmico consolidado: é Centro Cooperante da Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde – BIREME / OPAS / OMS e Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde para a Terceira Idade e Saúde.

Além de difundir o conhecimento, a publicação visa também atender à demanda por uma revista científica mais robusta, indexada e de padrão internacional, como consequência do crescimento da produção científica na área do envelhecimento humano. Alinhada com a política de acesso livre e amplo ao conhecimento adotada pela UnATI, a RBGG é uma publicação bilíngue, disponibilizada de forma aberta na Internet, o que permite maior acesso internacional à produção científica brasileira e latino-americana.

²¹ De acordo com as instruções bibliográficas da revista, o título da mesma pode ser abreviado em bibliografias, notas de rodapé, referências e legendas bibliográfica seguindo esse padrão: Rev. Bras. Geriatr. Gerontol. Contudo, escolhemos representá-la apenas usando a sigla RBGG para facilitar a visualização e as referências nesta pesquisa.

A linha editorial da RBGG segue os pressupostos básicos do trabalho bem sucedido desenvolvido na UnATI nos últimos quinze anos, reconhecido como paradigma de modelo de cuidado integral à saúde. Sendo assim, o foco da revista está no debate, na pesquisa, na interdisciplinaridade, na participação social, na promoção, na assistência e na reabilitação da saúde. O editorial diz ainda que também compõem a grade de interesse da revista os mais relevantes conceitos de Saúde Coletiva e de Metodologia Científica relacionados ao campo geriátrico e gerontológico. A concepção da RBGG leva em conta o escopo e a complexidade do envelhecimento humano, reclamando uma superação dos modelos predominantes no país.

O professor Renato Veras afirma ainda que a intenção da revista é oferecer ao público leitor a diversidade da área como subsídio para os profissionais que queiram se engajar na implantação de serviços que busquem a melhoria da saúde do idoso. A Revista visa a estimular a criatividade e a incitar a busca de soluções para melhorar a qualidade de vida das pessoas desse grupo etário. Sendo assim, o compromisso com a mudança e com a inovação permite a troca de experiências e de projetos diferenciados. O rigor científico e a qualidade acadêmica estão presentes e são observados pelos editores, em consonância com o profissionalismo e amadurecimento da área de Geriatria e Gerontologia.

Em uma entrevista, o Prof. Dr. Renato Peixoto Veras, diretor da UnATI e editor da RBGG, nos disse que devido ao alto custo dos serviços de tradução e versão, a revista não continuou sendo publicada nos dois idiomas. Porém, ele garante que a RBGG é a publicação mais robusta da área. Segundo ele, durante a elaboração do periódico são seguidos princípios internacionais de publicação e, diferente de outras revistas, a publicação de um AC na RBGG não tem custo algum para o pesquisador. “Não cobramos nada para publicar um artigo na nossa revista, nós queremos preencher a lacuna de pesquisas sobre envelhecimento, invocando novas posturas e novos procedimentos.”²²

Quando questionado a respeito da produção e da escrita dos AC publicados na RBGG, o professor disse que a revista fornece instruções claras sobre como os artigos devem ser redigidos, e que um pesquisador pode dizer uma mesma coisa de várias maneiras diferentes, porém o estilo que vai utilizar é muito importante. Perguntamos se como pesquisador, escritor, leitor, ele já havia se deparado com algum empecilho para compreender algum termo ou expressão culturalmente condicionada, já que sabemos que redige seus artigos em inglês. Segundo ele, se pensarmos culturalmente na hora de redigir um AC, não é apenas uma questão de termo ou vocábulo que temos que levar em consideração, principalmente na área

²² Entrevista concedida em 19/10/2010, na direção da UnATI, às 11h.

de estudos sobre o envelhecimento, mas sim, a questão do estilo. O estilo reflete a forma de escrever. Para o professor Renato, nós, brasileiros, ficamos “dando voltas” e não vamos direto ao ponto que interessa em um estudo ou um AC. Segundo ele, o processo de envelhecimento é visto de forma diferente nas diferentes culturas. Por exemplo, as doenças que acometem o idoso geralmente têm o mesmo nome nos dois idiomas ou há um equivalente bem próximo. A diferença está na forma como ela é vista e tratada. Os falantes da língua inglesa costumam ser muito mais diretos no modo de abordar um problema, o que também se reflete nos ACs. Podemos perceber essa falta de objetividade quando lemos ACs que tratam de temas polêmicos e que, geralmente, procuramos mitigar e diminuir o impacto, como o custo dos cuidadores, a morte, o estado terminal dos idosos, a questão da ética nos tratamentos, da vida e da morte ou ainda o custo altíssimo dos tratamentos dispensados aos idosos e a economia da saúde.

Segundo o professor, as leis brasileiras são muito diferentes das leis de outros países no que tange ao cuidado com os idosos. Apenas o Brasil tem um Estatuto do Idoso, onde cabe ao Estado cuidar do idoso. A saúde no Brasil é vista como um bem. Na hora de refletir essas ideias em um AC, “damos muitos contornos e voltas”, enquanto os falantes da língua inglesa são muito mais diretos. Para o professor Renato, podemos perceber isso quando analisamos os questionários que os americanos desenvolvem para investigar o comportamento dos idosos. Geralmente precisam ser adaptados em relação à maneira como as perguntas são redigidas. Em inglês, de forma direta, e em português de uma forma mais mitigadora e suave.

Escolhemos para esta investigação o primeiro exemplar da nova publicação: o volume 9, que segue a sequência da revista *Textos sobre Envelhecimento*. Sendo assim, a RBGG usada por nós é o volume 9, número 1. Ela foi publicada em janeiro de 2006 em português e em inglês. A RBGG é associada à ABEC (Associação Brasileira de Editores Científicos). É um periódico especializado, de periodicidade quadrimestral, que publica produção científica no âmbito da Geriatria e Gerontologia, com o objetivo de contribuir para o aprofundamento das questões atinentes ao envelhecimento humano. Conforme abordado no Capítulo 2, quando descrevemos o gênero artigo científico, existem vários tipos de ACs. A RBGG aceita para publicação as seguintes categorias de trabalhos:

Artigos originais²³: são relatos de trabalho original, destinados à divulgação de resultados de pesquisas inéditas de temas relevantes para a área pesquisada, apresentados com estrutura constituída de Introdução, Metodologia, Resultados, Discussão e Conclusão, embora

²³ Os artigos publicados na RBGG podem ser reproduzidos, total ou parcialmente, para uso interno ou pessoal, desde que sejam consignados a fonte de publicação original e o autor.

outros formatos possam ser aceitos (máximo de 5.000 palavras, excluindo referências bibliográficas, tabelas e figuras e 35 referências). Para aceitação de artigo original, abrangendo ensaios controlados aleatórios e ensaios clínicos, a RBGG solicita o número de identificação de registro dos ensaios e a revista fornece exemplos de como proceder para registrá-los.

Revisões: síntese crítica de conhecimentos disponíveis sobre o tema, com análise da literatura consultada e conclusões. O autor deve apresentar a sistemática de levantamento utilizada (máximo de 5.000 palavras e 50 referências).

Relatos de caso: a RBGG aceita prioritariamente relatos de interesse multidisciplinar e/ou práticos, relacionados ao campo temático da revista (máximo de 3.000 palavras e 25 referências).

Atualizações: trabalhos descritivos e interpretativos, com fundamentação sobre a situação global em que se encontra um assunto investigativo, ou potencialmente investigativo (máximo de 3.000 palavras e 25 referências).

Comunicações breves: relatos breves de pesquisa ou de experiência profissional com evidências metodologicamente apropriadas. Relatos que descrevem novos métodos ou técnicas são também considerados (máximo de 1.500 palavras, 10 referências e uma tabela/figura).

Resenhas: resenha crítica de livros e trabalhos relacionados ao campo temático da revista, publicados nos últimos dois anos (máximo de 1.500 palavras e 10 referências).

Como apontado na descrição do gênero textual artigo científico, é comum que os ACs tenham mais de um autor, geralmente até mais de três. Para a RBGG, o conceito de autoria está baseado na contribuição de cada um, no que se refere à concepção e planejamento do projeto de pesquisa, obtenção ou análise e interpretação dos dados, redação e revisão crítica e cabe ao autor fornecer essa informação adequadamente.

Outras informações a respeito de participantes que não sejam autores do AC, ou seja, que não se enquadrem nesses critérios, devem figurar na seção **Agradecimentos**. Explicitar a contribuição de cada um dos autores é uma informação importante para a revista. Cabe aos autores a obtenção de autorização escrita das pessoas nomeadas nos agradecimentos, já que é possível aferir que tais pessoas subscrevem o teor do trabalho.

O exemplar escolhido apresenta quatro artigos originais: (i) Queixa de memória e disfunção objetiva de memória em idosos que ingressam na Oficina de Memória® na UnATI/UERJ; (ii) *Factores de risco presentes e intervenientes em caídas hogareñas*; (iii) Uso do tempo no cotidiano de idosos: um método indicador do estilo e modo de vida na velhice;

(iv) Perfil do familiar cuidador do idoso e/ ou fragilizado do contexto sociocultural de Jequié-BA. Dos quatro artigos descritos selecionamos três para nossa análise. Eliminamos o número dois (ii), pois o original não foi escrito em português, mas em espanhol.

O exemplar da RBGG selecionado apresenta também dois artigos de revisão: (i) Custo do tratamento do câncer colorretal em pacientes idosos; (ii) A promoção da saúde nas instituições de longa permanência: uma reflexão sobre o processo de envelhecimento no Brasil. Além desses seis artigos temos ainda uma resenha: “Das especificidades do Envelhecimento: o caso da deficiência mental”. Por último, a RBGG apresenta seis resumos de teses e dissertações que estão em andamento ou que acabaram de ser publicadas: (i) Memória operacional e linguagem no envelhecimento normal e na doença de Alzheimer; (ii) Tuberculose pulmonar no idoso em comparação com a do adulto jovem; (iii) Ouvindo o idoso hospitalizado: direitos envolvidos na assistência cotidiana de enfermagem; (iv) O grupo de movimento e o bem-estar subjetivo da velhice: um estudo de caso com idosos de Castelo – ES.; (v) Determinantes do estado nutricional de idosos do município de São Paulo: fatores socioeconômicos, redes de apoio social e estilo de vida; (vi) Avaliação da composição corporal de idosos: densitometria e impedância bioelétrica.

Para melhor visualização, incluímos a tabela abaixo:

Tabela 6. Artigos da RBGG que compõem o corpus

Artigos Originais	Artigos de Revisão	Resenhas	Resumos de teses e dissertações
4	2	1	6

Para facilitar a visualização da análise do corpus a ser apresentado no último capítulo desta dissertação, criamos uma legenda de identificação para cada artigo investigado, sem distinção de tipos, seguindo apenas a sequência em que aparecem na revista. Sendo assim, o primeiro artigo da RBGG será chamado AC1P, ou seja, artigo científico 1 escrito em português. O mesmo acontece com a respectiva versão em inglês que recebe o nome de AC1I, artigo científico 1 escrito em inglês.

A Revista original em português foi publicada contendo 106 páginas, porém a sua versão para o inglês apresenta apenas 101 páginas. Na versão para a língua inglesa foram omitidos quatro resumos de teses e dissertações, publicadas recentemente ou ainda em andamento. Portanto, os textos que não apresentam a versão em língua inglesa não foram analisados na nossa pesquisa, mas constam na tabela que segue apenas para nos fazer pensar

no motivo pelo qual foram omitidos. Em entrevista por e-mail com o tradutor de alguns artigos, ele não soube explicar o motivo, já que não recebeu a revista completa para executar a versão, apenas alguns dos artigos foram encaminhados para ele pelos próprios autores. Os editores também não explicaram a causa dos cortes feitos na versão para o inglês.

Quando nos referimos ao tradutor dos ACs da RBGG estamos falando de mais de uma pessoa. Na verdade, isso caracteriza um aspecto rotineiro da invisibilidade do tradutor. Conseguimos contato com um dos tradutores, que não sabia quais artigos havia traduzido, mas sabia que não eram todos. Alguns autores afirmam que eles próprios haviam vertido os textos para o inglês, como no caso do professor Renato Veras. Contudo, consideramos essa informação irrelevante para nossa investigação, já que o que nos interessa é o resultado das escolhas já realizadas e publicadas, não quem as fez.

Sendo assim, nesta dissertação foram analisados ao todo cinco textos em português e suas respectivas versões em língua inglesa, sendo três artigos originais e os dois artigos de revisão. Os títulos foram reproduzidos conforme aparecem nas duas publicações – em português e em língua inglesa. Os artigos investigados aparecem em negrito na tabela que segue.

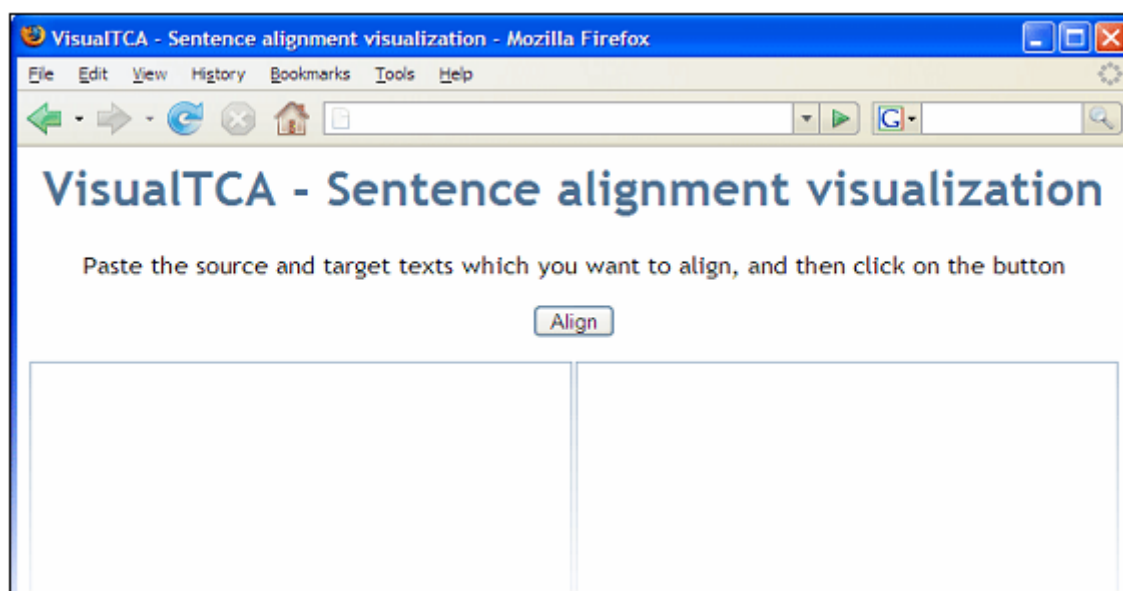
Tabela 7. Os ACs da RBGG e os ACs da BJGG

Artigo / Sigla	Título do artigo
AC1P	Queixa de memória e disfunção objetiva de memória em idosos que ingressam na Oficina de Memória® na UnATI/UERJ
AC1I	Memory complaints and objective memory dysfunction among elderly people who come to the Oficina da Memória (Memory Workshop) of UnATI/UERJ
AC2P	Uso do tempo no cotidiano de idosos: um método indicador do estilo e modo de vida na velhice
AC2I	Use of time in elderly people's daily lives: an indicator method for lifestyle in old age
AC3P	Perfil do familiar cuidador de idoso doente e/ ou fragilizado do contexto sociocultural de Jequié – BA
AC3I	Profile of family caregivers for ill and / or frail elderly in the sociocultural context of Jequié – BA
AC4P	Custo do tratamento do câncer colorretal em pacientes idosos
AC4I	Cost of colorectal cancer treatment in elderly patients
AC5P	A promoção da saúde nas instituições de longa permanência: uma reflexão sobre o processo de envelhecimento no Brasil
AC5I	Health promotion in long-stay institutions: a reflection on the aging process in Brazil

Lançamos mão de uma ferramenta da Linguística de Corpus para nos auxiliar na descrição mais detalhada do corpus. As ferramentas são instrumentos para a pesquisa linguística informatizada que podem ser utilizados nos textos que se pretende investigar. Nós escolhemos a plataforma chamada VisualTCA²⁴ – *Sentence Alignment Visualization*. Ela é gratuita e de fácil acesso na *internet*. Essa plataforma permite que o usuário analise o texto que ele quiser, sem precisar converter o documento, nem fazer nenhum tipo de *download*. Basta copiar o texto original de um lado e o texto traduzido do outro que a ferramenta alinha frase a frase em uma tela.

A VisualTCA²⁵ consiste em um alinhador sentencial automático *online*, cujos alinhamentos produzidos podem ser visualizados e estudados. Por ser *online*, a ferramenta não precisa ser instalada em um computador pessoal para ser utilizada. Ao abrir a ferramenta, o usuário encontra duas caixas de texto em branco, como exibido na Figura 6. Nelas, ele deverá colocar o par de textos paralelos que deseja alinhar. Coloca-se na caixa à esquerda o texto na sua língua original (chamado texto-fonte) e, na caixa à direita, coloca-se a tradução (chamado texto-alvo).

Figura 5 – Tela inicial da ferramenta VisualTCA



²⁴ Para mais informações: Gomes, F.T.; Pardo, T.A.S.; Caseli, H.M. Visual TCA: uma ferramenta visual *online* para alinhamento sentencial de textos paralelos, 2007. Ou ainda: Caseli, H.M. (2003).

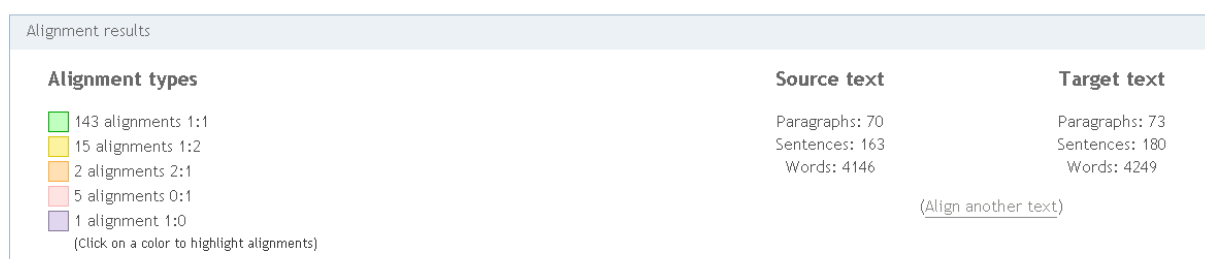
²⁵ Disponível em: <http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/tools/pagina-visualtca/visualtca/tca.htm#>>

Ao acionar o alinhamento (clicando-se botão *Align*), os textos previamente especificados são alinhados e exibidos na tela, lado a lado. Durante o processo de alinhamento, uma pequena janela aparece no meio da tela. Ela informa ao usuário sobre o início do alinhamento e também sobre a categoria dos alinhamentos realizados pela ferramenta, tão logo eles sejam produzidos. Ao término do processo, a janela informa ao usuário sobre a conclusão do trabalho e desaparece em alguns segundos.

Para alinhar os ACs em português com os ACs em inglês nós usamos essa ferramenta. Ela é oferecida gratuitamente na página do NILC – Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional, criado em 1993 para estimular e desenvolver a Linguística computacional. Foi originalmente concebido por pesquisadores da USP em São Carlos, mas agora abrange cientistas, linguistas e pesquisadores da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), em Araraquara. As frases são alinhadas através de cores. A ferramenta foi elaborada sob a supervisão do professor doutor Thiago A. S. Pardo. É uma ferramenta de visualização *online* que alinha paralelamente o texto no nível fraseológico.

Ao submeter os ACs ao programa, descobrimos o número de palavras de cada AC, o número de frases e o número de parágrafos, como mostra a figura abaixo. Essa figura aparece no final do quadro onde os textos são alinhados. É possível verificar que existem três parágrafos a mais no texto em inglês, 17 frases e 146 palavras.

Figura 6. O Alinhamento do AC1P e AC1I



Analisando brevemente esta descrição, podemos afirmar que a escolha de manter o texto em inglês tão similar à estrutura que o texto apresenta em português foi devido ao fato da revista ser bilíngue e do leitor ter imediato acesso tanto à publicação em português quanto em inglês. Sabendo que o seu texto seria lido e imediatamente comparado, o tradutor procurou seguir a conhecida noção de equivalência um-a-um, que caracteriza esse tipo de tradução e publicação bilíngue.

Tendo descrito o corpus que analisamos aqui, deixaremos as questões referentes à análise dos dados para o Capítulo 4 e passaremos agora para a descrição da metodologia utilizada na dissertação.

3.2 Questões metodológicas

Qualquer processo de tradução é *per se* um fenômeno bastante complexo e singular. Por isso, a investigação da tradução técnica ou de especialidade requer a utilização de uma metodologia que nos permita uma aproximação com o objeto de estudo em questão: o artigo científico de Geriatria e Gerontologia. Analisar o caso específico dos ACs dessa área nos possibilita um estudo detalhado de uma unidade particular, mas ao mesmo tempo complexa.

Ao estudar o caso da versão dos ACs de Geriatria e Gerontologia pretendemos contribuir para a construção do conhecimento acerca desse gênero textual e sua versão para o inglês, apresentando possíveis diferenças na abordagem tradutória de textos técnicos e outros tipos de textos. A metodologia adotada proporcionará a exploração de características particulares e relevantes dos artigos científicos dessa área em questão. A seleção dos materiais que apresentamos na seção anterior (3.1) tem por objetivo oferecer dados autênticos e reais que, apesar de caracterizados como possuidores de uma linguagem de especialidades e serem classificados como textos técnicos, possuem expressões e marcas culturalmente condicionadas, que apresentam determinada problemática de transporte para outra língua-cultura-alvo. Contudo, apesar desse ser um caso bem específico, ou seja, ser apenas uma revista dentre várias publicadas sobre o mesmo assunto, consideramos um estudo de caso muito relevante para o campo da tradução de ACs. Ao investigarmos o caso da RBGG também selecionamos outros materiais de fontes diferentes que nos auxiliaram no entendimento da estruturação da revista (a entrevista com o editor, a investigação a respeito do tradutor, os levantamentos sobre o público leitor, a definição e descrição do gênero, a noção de normas). São esses instrumentos de pesquisa distintos que contribuem para maior credibilidade e confiabilidade dos dados analisados. Nossa intenção é apresentar dados confiáveis a respeito do transporte dos ACs de Geriatria e Gerontologia do português para o inglês. Portanto, a utilização de fontes variadas e diferentes instrumentos é parte importante do processo de investigação.

Entre as fontes de informação das quais fazemos uso nesta dissertação estão: (i) os ACs redigidos em português e em inglês; (ii) o editorial da RBGG; (iii) a entrevista concedida pelo professor Renato Veras, editor da revista e diretor da UnATI; (iv) a entrevista feita por e-

mail com o tradutor de alguns dos artigos e com os autores que verteram seus próprios textos; (v) as consultas à página na *Internet*, onde os ACs estão disponibilizados para verificação dos comentários dos leitores e número de acessos. No que tange à instrumentalização, utilizamos a comparação entre o texto original em português e sua versão para a língua inglesa e uma adaptação do modelo para análise de traduções literárias de Lambert e van Gorp (1985). As informações acumuladas a partir desses dois processos serão analisadas qualitativamente no capítulo final desta pesquisa. Assim como fez Antunes (2007, p. 19), não pretendemos que nossas conclusões acerca da tradução dos dados analisados expliquem todos os outros processos tidos, à primeira vista, como semelhantes. Não pretendemos que nossas conclusões se apliquem a todos os outros casos, pois não acreditamos na possibilidade de generalizações absolutas acerca do comportamento humano. Como vimos no Capítulo 2, quando descrevemos o gênero artigo científico, as considerações a respeito da área de Geriatria e Gerontologia são tão específicas e repletas de particularidades que dificilmente as conclusões de um estudo se aplicariam, em toda a sua extensão, a outros. Como afirma Antunes (2007, p. 19), essas semelhanças existem, mas certamente não são absolutas.

Segue uma discussão a respeito do modelo investigativo proposto por Lambert e van Gorp e, posteriormente, são apresentadas as adaptações realizadas no modelo, necessárias para a análise dos artigos científicos (tabela 8).

3.2.1 O modelo de Lambert e van Gorp adaptado à tradução de artigos científicos

Como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, o modelo elaborado por Lambert e van Gorp (1985) foi formulado para a descrição de traduções literárias. Esse modelo tornou-se uma referência para os investigadores da tradução por sua simplicidade e facilidade de aplicação. Outros pesquisadores já realizaram adaptações ao modelo para realizar investigações sobre diferentes tipos de tradução, como, por exemplo, a pesquisadora Carolina Alfaro de Carvalho (2005), que adaptou o modelo para analisar a tradução de legendas.

Além de colaborar para a orientação do processo em que se alternam a formulação de hipóteses e as constatações reais, o modelo também corrobora com a padronização contextualizada do objeto estudado em níveis sistêmicos variados. Para exemplificar as adaptações que fizemos ao modelo, apresentamos um resumo dos quatro níveis (dados preliminares; nível macro-estrutural; nível microtextual; e contexto sistêmico) em que ele pode ser dividido e acrescentamos nossas considerações a respeito da tradução dos artigos científicos. Mesmo fazendo essa distinção entre os quatro níveis e não apresentando uma análise detalhada dos quatro, sabemos que o pesquisador geralmente transita com facilidade

entre um nível e outro, por isso consideramos fundamental a descrição dos quatro. Cada um dos níveis de adaptação que descrevemos aqui vai dar origem a uma seção específica do Capítulo 4, onde apresentaremos a análise dos dados desta dissertação. Sendo assim, o nível um, que se refere aos dados preliminares, será analisado na seção um do Capítulo 4 (4.1) e assim sucessivamente. Passemos então às adaptações.

Tabela 8. As adaptações do modelo de Lambert e van Gorp

Modelo original (tradução literária)	Adaptações para a tradução de artigos científicos da área de Geriatria e Gerontologia
Dados preliminares: título (indicação do gênero, nome do tradutor); metatextos e paratextos (prefácio, notas); estratégia geral (tradução parcial ou completa?)	Dados preliminares: tipo de artigo (original, revisão, estudo de caso); composição da revista ou periódico (base de indexação, regras de publicação, periodicidade, público leitor); metatextos (citações que o artigo recebeu, número de acessos ao artigo <i>online</i>); paratextos (apresentação do AC, espaço para publicar, capa e índice do periódico, versão impressa ou <i>online</i>); apresentação da tradução (nome do tradutor, título traduzido); classificação e nota do periódico (<i>Qualis</i> , <i>Capes</i>); estratégia geral da tradução do AC (completa ou parcial, ampliada ou reduzida)
Nível macroestrutural: divisão do texto (capítulo, atos, cenas); título dos capítulos; apresentação das cenas, relação entre os tipos de narração: diálogo e descrição, diálogo e monólogo; estrutura interna da narrativa; comentários do autor.	Nível macroestrutural: estrutura interna do AC (IMRD); tabelas e figuras (reprodução total ou parcial, tradução de legendas das figuras e tabelas); relação adequação e aceitabilidade; determinações específicas dos periódicos; políticas gerais de tradução (omissões e acréscimos, notas, referências, agradecimentos, contato com os autores, <i>email</i> dos autores, biografia dos autores);
Nível microestrutural: escolhas gramaticais, lexicais, sintáticas e semânticas; seleção das palavras, padrões gramaticais dominantes; estruturas literárias formais; reprodução do discurso (metra e rima, discurso direto ou indireto); narrativa, perspectiva e ponto de vista; modalizações (passivas e ativas, expressões de incerteza)	Nível microestrutural: escolhas gramaticais, lexicais, formais e estilísticas (registro de médico-para-médico); coerência e coesão interna; referências (nomes de próprios, nomes de lugares, nomes de doenças, nomes de tratamentos e procedimentos específicos); itens culturalmente marcados (adaptações de procedimentos médicos e tratamentos específicos para pacientes de culturas distintas, lugares geograficamente diferentes).
Contexto sistêmico: oposição entre as macro e microestruturas; entre o texto e a teoria (normas e modelos); relações intertextuais (outras traduções e trabalhos criativos); relações intersistêmicas (estruturas do gênero, estilo)	Contexto sistêmico: relações macro e micro sistêmicas do AC (relação entre o médico escritor/autor e o médico leitor; o tema do AC e no contexto de origem e no contexto de chegada)

Conforme afirma Carvalho (2005, p. 90), o pesquisador transita entre um nível e outro, formulando hipóteses a partir de suas observações em um dos níveis e avaliando e refinando

essas hipóteses com as constatações feitas em outro nível — e assim sucessivamente. É preciso lembrar que, se considerarmos a dimensão analítica que o modelo proporciona, as análises seriam praticamente infinitas. É fundamental e inevitável que um recorte seja feito. Mesmo sendo uma pesquisa descritiva, ela não precisa ser exaustiva. Se pensarmos na obra de Swales a respeito do artigo científico, observaremos que ele possui inúmeras publicações a respeito desse gênero textual e que os estudos são divididos e organizados por partes. O autor possui publicações apenas sobre as introduções dos ACs, publicações e estudos apenas sobre os resumos dos ACs, outros artigos sobre a estruturação do corpo e da metodologia e assim por diante. Esse exemplo ilustra que seria impossível, nesta dissertação, abarcarmos todos os aspectos referentes à análise tradutória de um artigo científico, e não é essa a nossa intenção. Investigamos sua estrutura macro e destacamos algumas das normas operantes neste contexto intra e extratextual. Contudo, focamos nossa análise nas estratégias usadas pelo tradutor para a tradução das marcas culturais presentes nos ACs. O artigo científico também é um texto culturalmente condicionado e o transporte dessas marcas para uma outra língua-cultura pode ser feito através de diferentes estratégias. O tradutor pode escolher aproximar o texto do leitor-alvo ou distanciá-lo, ou até mesmo usar técnicas híbridas de tradução. Apesar desse foco bem específico procuramos fornecer uma visão ampla e abrangente de como esse gênero é estruturado.

Há no Brasil alguns estudos sistematicamente contextualizados e bem fundamentados a respeito da tradução de artigos científicos. Pesquisas e projetos como os elaborados pela pesquisadora Maria José Borcony Finatto, membro do projeto Termisul da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é um exemplo desse tipo de pesquisa. Ao acessar sua página na *internet* o tradutor encontra um pequeno roteiro com considerações e um passo-a-passo que ele pode seguir na hora de traduzir um AC. Contudo, como profissional da área, consideramos insatisfatório que a grande maioria dos estudos acadêmicos ainda seja apenas a respeito das traduções literárias. Deixando os textos de especialidade em segundo plano ou considerando-os como sendo mais simples, sem exigir tanto trabalho do tradutor, que precisaria apenas saber a terminologia da área e o problema estaria resolvido. Consideramos a terminologia importante, entretanto ela não é o único componente que deve ser levado em consideração. Acreditamos que a aplicação do modelo de Lambert e van Gorp, principalmente quando abordamos as considerações e adaptações mencionadas nesta seção, pode contribuir para a reversão desse quadro. O emprego do modelo descrito acima vai produzir reflexões e contribuições importantes que vão colaborar para ampliar e melhorar não apenas a tradução dos ACs, assim como o ensino desse tipo de tradução.

4 A ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo guarda a essência de toda a nossa pesquisa. Ele aborda questões detalhadas e concretas por meio de exemplos práticos extraídos do corpus que descrevemos anteriormente. Mostramos aqui a análise e a interpretação necessárias para alcançar os objetivos traçados na introdução da pesquisa: investigar o gênero artigo científico e suas condicionantes culturais a partir da perspectiva do conceito de normas nos estudos da tradução. Para a análise dos dados utilizamos o modelo de Lambert e van Gorp (1985) descrito anteriormente no Capítulo 1 e adaptado por nós no Capítulo 2. Resumidamente, investigamos as quatro etapas do modelo, percorrendo os quatro níveis propostos pelos autores, isto é, os aspectos preliminares, os aspectos macro e microestruturais e o contexto sistêmico. Contudo, nossa atenção está focada nas estratégias tradutórias utilizadas para traduzir as marcas culturais, estejam elas presentes nos níveis macro ou microestruturais.

Sendo este capítulo o cerne da pesquisa, faremos aqui a ligação entre todos os elementos descritos ao longo da dissertação, começando pela noção de normas estudadas no Capítulo 1. É preciso que o tradutor lide de forma correta e consciente com as normas referentes ao gênero textual que está transportando para uma outra língua-cultura. Ele deve seguir os parâmetros próprios do meio no qual o produto será inserido, distribuído, publicado ou veiculado, sem esquecer as regras impostas por seus clientes diretos ou indiretos. Por exemplo, os médicos que querem publicar os artigos ou os periódicos que os contrataram para verter os textos. No nosso caso, o gênero textual é o artigo científico da área de Geriatria e Gerontologia. Este tipo de texto possui um grande número de normas que lhe são particulares e que foram estabelecidas ao longo do tempo em função das necessidades de disseminação de seus conteúdos, da demanda por pesquisas nessa área que cresce à medida que a população envelhece e envelhece com saúde.

Ao analisarmos as traduções dos ACs, fazemos as relações dos dados macro e microestruturais com as teorias apresentadas nos capítulos anteriores. Como as normas se materializam em situações distintas, começaremos nesta seção um levantamento daquelas que consideramos mais relevantes para a tradução de artigos científicos da área de Geriatria e Gerontologia. As seções seguintes são divididas em três partes distintas. O quarto item do modelo, o contexto sistêmico, não receberá uma seção especial por se tratar de uma revisão dos três itens anteriores, suas considerações serão subdivididas ao longo das três seções.

As seções seguem a divisão de níveis de análise que apresentamos na adaptação do modelo investigativo de Lambert e van Gorp (1985) no capítulo anterior (Capítulo 3). Sendo

assim, a seção 4.1 trata dos dados preliminares, a 4.2 trata do nível macroestrutural, a 4.3 aborda a análise microestrutural e as condicionantes culturais.

4.1 Dados preliminares: as normas referentes à publicação dos artigos científicos

Como a RBGG é uma publicação bilíngue, os ACs foram aceitos pela revista em português e posteriormente vertidos para a língua inglesa. Sendo assim, o tradutor dos ACs da RBGG, aparentemente, não precisou se preocupar com nenhum tipo de modificação durante a tradução dos ACs, pois isso não comprometeria a aceitação do AC para a publicação, aceitos anteriormente. A primeira norma preliminar que destacamos ao longo dessa pesquisa como fundamental para a publicação de um AC é a consideração das instruções fornecidas pelo periódico onde se pretende a publicação. Contudo, percebemos que no caso do trabalho de versão da RBGG, o tradutor procurou manter as características originais do texto de partida, que por sua vez já atendia às exigências internacionais de publicação dos ACs. A nosso ver, o tradutor da RBGG obteve sucesso ao manter os padrões de publicação do texto de partida no texto de chegada, mesmo sabendo que tal atitude não comprometeria a publicação dos ACs. Dessa maneira, fatores como o tema do artigo, as autorizações dos indivíduos que participaram das investigações, a divisão do texto em seções (IMRD), a inclusão de referências e agradecimentos, o contato dos escritores, entre outras coisas, só precisaram ser seguidas pelo tradutor. Em uma palavra, repetir o que foi feito no texto-fonte. Por outro lado, a decisão quanto ao modo de dizer, ao vocabulário e expressões ou quanto ao número de palavras utilizadas ainda precisam ser considerados.

Seguindo a noção de normas que apresentamos no início da dissertação e lançando mão do modelo proposto por Lambert e van Gorp, analisamos o processo tradutório dos ACs investigando quais são as normas preliminares operantes no contexto pesquisado. O modelo adaptado sugere que o pesquisador observe: (i) o tipo de artigo; (ii) o tipo de publicação em que ele está inserido; (iii) os metatextos; (iv) os paratextos; e (v) a forma de apresentação da tradução. Tendo em mente que as normas preliminares são todas aquelas que aparecem fora texto, procuramos agrupar algumas normas operantes no mercado de tradução dos ACs de Geriatria e Gerontologia que afetam diretamente a sua tradução e, conseqüentemente, a sua publicação, ao passo que descrevemos o que o tradutor da RBGG fez.

Temos então na RBGG (i) três artigos originais e dois artigos de revisão, (ii) publicados em um periódico bilíngue, (iii) que possui como metatexto os índices de acessos aos textos *online* tanto na página da UnATI quanto na página da OMS / WHO e também os *e-*

mails recebidos pelos autores dos ACs com questionamentos e perguntas dos leitores brasileiros e estrangeiros, assim como as citações recebidas. (iv) Os paratextos da RBGG trazem informações sobre a catalogação, o editorial e todos foram devidamente lembrados pelo tradutor.

A revista também é publicada em uma edição impressa e uma edição *online*. Elas apresentam diferenças entre si. A versão impressa traz a identificação de quais artigos são originais e quais são artigos de revisão, o que já não aparece na versão *online*, onde há apenas uma lista com os nomes dos artigos. (v) O tradutor da RBGG procurou seguir nos mínimos detalhes a forma original de apresentação da RBGG quando a verteu para BJGG, mantendo praticamente o mesmo número de páginas e a mesma diagramação das figuras e tabelas. Ele se preocupou com a tradução dos títulos e a repetição dos nomes de todos os autores. A técnica geral de tradução escolhida pelos tradutores da RBGG foi a de uma reprodução quase palavra-por-palavra do texto original. Sendo a única diferença a ausência das quatro últimas pesquisas divulgadas na RBGG e que não aparecem na BJGG (seção Teses e Dissertações). Acreditamos que essas escolhas representam a preocupação em manter o texto-alvo muito próximo do texto-fonte, por se tratar de uma publicação bilíngue, onde o leitor tem acesso fácil às duas edições.

Tabela 9. As normas referentes à publicação dos ACs da RBGG.

Itens analisados	Resumo dos resultados
(i) Tipo de artigo	Três artigos originais e dois artigos de revisão
(ii) O tipo de publicação em que está inserido	Periódico bilíngue
(iii) Os metatextos	Possui como metatexto o índice de acessos aos textos <i>online</i> . Os e-mails recebidos pelos autores com questionamentos e perguntas dos leitores
(iv) Os paratextos	Informações sobre a catalogação, o editorial. Publicação impressa e <i>online</i> .
(v) a forma de apresentação da tradução	O tradutor procurou seguir em detalhes as características do original.

Sabendo que a divulgação de um artigo da área médica em apenas uma revista nacional não é suficiente para a disseminação apropriada e merecida dos resultados obtidos nas pesquisas da área de saúde, tanto o autor do trabalho como os respectivos leitores têm interesse que a divulgação dos estudos seja feita internacionalmente e de forma ampla,

portanto, em mais de um idioma, na maioria das vezes, em inglês. Analisando a distribuição dos trabalhos de autores e coautores de instituições brasileiras, segundo o idioma de publicação, nota-se a predominância absoluta de trabalhos em língua inglesa, considerado “idioma científico internacional.” (MUGNAINI, R.; JANNUZZI, P; QUONIAM, L.; 2004, p. 129).

Como nos lembra Perrotti-Garcia (2009, p. 16), publicar é uma necessidade, tanto para os pesquisadores quanto para a comunidade científica. Muitos pesquisadores brasileiros têm necessidade de redigir um artigo médico em inglês, para poder divulgar seus trabalhos científicos. Entretanto, essa necessidade de publicar não é apenas para a disseminação da pesquisa. Para o autor, as vantagens de ter um artigo publicado estão relacionadas ao reconhecimento de seu esforço, prestígio, garantias financeiras para o financiamento dos seus projetos, assim como a obtenção de posições acadêmicas superiores e de prestígio. É importante para o periódico que o artigo selecionado esteja de acordo com os padrões de publicação, já que a reputação e o prestígio das revistas dependem também da qualidade do material publicado.

Assim, antes de começar a traduzir um artigo científico, o tradutor deve tomar ciência das políticas de tradução em relação à seleção dos textos que podem vir a ser publicados, assim como das exigências editoriais dos periódicos e revistas onde pretende publicar o artigo. Outro fator importante seria respeitar as preferências do cliente, para que assim o tradutor possa manter-se no mercado. Por experiência, podemos dizer que na maioria das vezes o autor do artigo científico, ou seja, o médico que realizou o estudo, não conhece as regras fornecidas pela revista ou periódico em que gostaria de publicar seu artigo, deixando a cargo do tradutor seguir as instruções fornecidas pelos editores. Desta forma, é fundamental que o tradutor siga as instruções fornecidas explicitamente pela revista, observando as necessidades, caso haja, de discutir com o cliente, autor do artigo, alguma delas. O ideal é que isso ocorra de modo a não interferir em procedimentos e prazos já estabelecidos com o cliente no início do projeto de tradução.

Observar e reconhecer o contexto onde o artigo está inserido é uma estratégia para o levantamento das normas operantes naquele contexto, já que o veículo de publicação fornece pistas a respeito dos corpora em questão. Um artigo científico dificilmente será encontrado em um capítulo de um livro ou na introdução de uma revista. Assim, sabendo que o contexto mais típico são os periódicos acadêmicos, geralmente patrocinados por associações profissionais ou instituições universitárias (um exemplo é a revista da AMB – Associação Médica Brasileira ou a própria RBGG que analisamos aqui), outras formas de publicação

podem ser editoras especializadas ou sítios de associações científicas. Por conseguinte, algumas das normas preliminares podem ser levantadas através da contextualização do ambiente onde o artigo será publicado. Por exemplo, na RAMB (Revista da Associação Médica Brasileira), os artigos podem ser escritos em português, espanhol ou na língua inglesa. Porém, caso sejam escritos nos dois últimos idiomas, o custo de publicação é diferenciado. O conteúdo do material enviado para publicação na RAMB não pode estar em processo de avaliação, já deve ter sido publicado, nem pode ser submetido posteriormente para publicação em outros periódicos. O conselho editorial adota critérios de seleção de artigos que o tradutor não deve ignorar, eles incluem o perfil editorial da revista, o perfil dos leitores, a área de interesse do tema principal do trabalho, título e resumos adequados, redação bem elaborada, metodologia bem definida e correta. Sendo alguns desses critérios um tanto quanto subjetivos e lembrando que a revista não oferece exemplos do que seria uma redação “bem elaborada” ou qual seria um título e um resumo “adequado”, cabe ao tradutor investigar estas informações através da análise de outros artigos já publicados e aceitos anteriormente na revista. Fazendo isto, ele passará a considerar não apenas as normas preliminares como também as normas iniciais operantes naquele caso específico, que passam a ser mais claras e objetivas, facilitando o trabalho tradutório.

Verificamos que no caso da RBGG há uma lista com orientações para os autores a respeito da estruturação dos ACs. Na verdade, as orientações não fogem aos padrões de descrição do gênero que apresentamos no Capítulo 2. O artigo científico é estruturado de forma muito parecida tanto em inglês quanto em português, ambos seguem uma estrutura pré-determinada. É muito importante que o tradutor tenha esses padrões em mente e tente segui-los durante o processo de tradução. Contudo, verificamos que a norma operante nessa situação – e aquela que vai garantir que o artigo seja ou não publicado no mercado – é a consideração das instruções de cada revista por parte do autor-tradutor do AC. Caso o autor-tradutor considere apenas as características do gênero, ignorando as orientações do periódico, sua publicação estará fadada à recusa. O gênero segue uma padronização e desvendar essa estrutura é o primeiro passo para a obtenção da publicação. Contudo, se o tema do estudo não for pertinente para aquele periódico ou se o autor-tradutor não levar em consideração aspectos como a qualificação do periódico, o seu público-alvo, a forma de veiculação, a periodicidade da revista e algumas exigências específicas de cada publicação, ele poderá criar obstáculos que vão dificultar seu intuito de publicar.

A RBGG, por exemplo, prevê que as pesquisas envolvendo seres humanos devem vir acompanhadas de uma aprovação do Comitê de Ética da instituição onde a pesquisa foi

realizada e cumprir os princípios éticos contidos na Declaração de Helsinki, além do atendimento à legislação pertinente. Essa permissão pode aparecer na parte da Metodologia e deve ser construída no último parágrafo, contendo uma clara afirmação deste cumprimento. Portanto, caso o artigo seja escrito ou traduzido com vistas à publicação nesse periódico e não apresente tal exigência poderá ser recusado, mesmo que possua excelente redação, ótimo nível de inglês e siga os padrões do gênero.

Dando continuidade à análise dos dados, a próxima seção trata do nível macroestrutural do AC, apresentando considerações sobre a divisão dos ACs em partes, a tradução das tabelas e das figuras, a relação de adequação e aceitabilidade, as determinações dos periódicos e as políticas gerais de tradução a respeito das partes macro dos textos, analisando se há ocorrências de omissões ou acréscimos de itens como as notas de rodapé, os agradecimentos e os contatos com os autores (*e-mails*, biografias).

4.2 As normas referentes à macroestrutura dos artigos científicos

Esta seção trata da análise tradutória da macroestrutura dos ACs da RBGG. Para facilitar a visualização da análise numeramos os artigos e colocamos as letras **P** (português) e **I** (inglês) na sigla de cada um deles. Respectivamente temos **AC1P** e **AC1I**, ou seja, **Artigo Científico 1** escrito em português e **Artigo Científico 1** escrito em inglês e assim sucessivamente, **AC2P** e **AC2I**, **AC3P** e **AC3I**, até um total de 5 artigos. No decorrer da análise da tradução dos ACs partilhamos da ideia de Azenha Júnior (1999, p. 100), quando este afirma que não tem a intenção de generalizar os resultados do que constatou, “trata-se, isso, sim, de oferecer ao leitor um panorama dos resultados a que se chegou e que poderá servir de base para outras investigações”. Assim, fizemos uso do modelo de Lambert e van Gorp (1985) com algumas adaptações e dispusemos do instrumento na prática para descrever a tradução dos ACs da RBGG, no par de línguas português-inglês. Para colocar em prática a sequência de análise proposta por Lambert e van Gorp descrita no Capítulo 3 sobre metodologia, estruturamos uma análise dos fatores presentes na urdidura do texto, que revela como a situação comunicativa é articulada para chegar às normas operantes nesse contexto, assim como o levantamento das possíveis marcas culturais.

Esses fatores dizem respeito à estrutura do gênero, ou seja, à macroestrutura (IMRD), à presença de tabelas e figuras e ao tema principal dos ACs. Consideramos ainda as estratégias do tradutor de adequação e aceitabilidade, assim como as opções por seguir as determinações específicas dos periódicos. Uma vez que uma análise mais detalhada de todos

esses itens certamente excederia os objetivos propostos e as características de uma pesquisa *stricto sensu*, propomos uma abordagem parcial, porém que exponha os elementos linguísticos que estruturam a situação comunicativa, assim como as normas iniciais operantes na situação tradutórias dos ACs. Os resultados são listados a seguir.

Ao longo da tradução dos cinco ACs que analisamos foi possível perceber que o tradutor procurou manter a mesma estrutura do texto-alvo no texto-fonte. Sendo assim, os ACs originais que possuem a estrutura IMRD foram vertidos para o inglês mantendo a mesma formação. Os artigos de revisão receberam o mesmo tratamento. Mesmo não possuindo as subdivisões IMRD, eles tiveram suas características mantidas no transporte para a língua inglesa. A escolha desse procedimento técnico de tradução (repetição) é bem comum no caso de publicações bilíngües e, a nosso ver, não proporciona nenhum tipo de alteração, perda ou acréscimo no texto-alvo.

Vale lembrar que o respeito à **estrutura** dos ACs é fundamental para o autor-tradutor que queira ter o seu AC publicado em um periódico de renome. Como vimos na descrição do gênero (Capítulo 2), o AC é um gênero textual consagrado, que tende a ter um formato bastante fixo (IMRD – Introdução, Método, Resultados e Discussão), embora com algumas variações estruturais, tais como o acréscimo ou a subdivisão de alguns itens que compõem o artigo. Como exemplo, a separação dos Objetivos em uma seção logo após a Introdução, ou a inclusão dos Participantes dentro da seção de Métodos e Materiais (AC1P e AC1I). Vale ressaltar que as variações destacadas – estamos nos referindo apenas aos ACs da área de Geriatria e Gerontologia – tendem a alterar as subdivisões das seções pré-existentes. Sendo assim, todos os **artigos originais** que analisamos seguem pelo menos a estrutura IMRD, diferente do que acontece com os AC de revisão. Os ACs originais sofrem acréscimos e subdivisões, mas não corte das seções fixadas.

Usando a nomenclatura mais adequada aos nossos propósitos, podemos afirmar que a estrutura do gênero AC que segue a sequência IMRD é uma regra básica da estruturação desse gênero, sendo as possíveis subdivisões que encontramos nos diferentes tipos de AC original apenas uma convenção que poderá até chegar a virar uma norma, caso se verifique uma reincidência na escolha de uma mesma subdivisão. Consideramos essa característica como uma convenção, ou seja, um tipo de norma ainda incipiente, por acreditarmos que ela ainda esteja em um eixo distante da regra, mas que ainda não pode ser caracterizada como uma norma. Como o processo de formação da norma é um o processo que envolve a “negociação ou a re-negociação” (TOURY, 1999, p. 14) constante dos fatores, essas subdivisões ainda

podem virar regras gerais com o tempo de uso. Consideramos essas subdivisões como sendo convenções, porque as convenções são mais vagas do que as normas.

Em relação à macroestrutura dos AC1P e o AC1I, por exemplo, percebemos que ambos são publicados seguindo uma estruturação muito similar: Título, Resumo/*Abstract*, Introdução, Objetivos, Métodos e Participantes, Instrumentos, Resultados e Discussão, Conclusão, Notas, Agradecimentos e Referências. O AC2P e o AC2I também apresentam uma estrutura muito parecida, porém, a seção Objetivos ficou incluída na introdução. A seção de Métodos, que no primeiro par foi chamada de Métodos e Participantes, recebeu o nome de Métodos e Materiais, nomenclatura mais comum neste tipo de AC. O segundo par também não apresenta uma seção intitulada Instrumentos, que só aparece no AC1P e AC1I. Outro ponto que não aparece no AC2, mas aparece no AC1 é a seção Conclusão. Observe a comparação nas tabelas que seguem. Apresentamos as questões relacionadas aos ACs Originais e aos ACs de Revisão.

Tabela 10. Resumo do modelo de análise adaptado: a macroestrutura dos ACs.

Modelo de análise adaptado
1)Estrutura interna do AC (IMRD)
2)Tabelas e figuras (reprodução total ou parcial, tradução de legendas das figuras e tabelas)
3)Relação de adequação e aceitabilidade
4)Determinações específicas dos periódicos
5)Políticas gerais de tradução (omissões e acréscimos, notas, referências, agradecimentos, contato com os autores, e-mail dos autores, biografia dos autores)

Tabela 11. AC1P e AC1I – Macroestrutura – Artigo Original

AC1P – Artigo Científico 1 em português	AC1I – Artigo Científico 1 em inglês	Observações
Título	<i>Title</i>	A publicação original em português apresenta o título nos dois idiomas.
Autores (sempre mais de um)	<i>Authors</i>	Os nomes acompanham número de nota de rodapé para as biografias. ²⁶
Resumo	<i>Abstract</i>	A versão em inglês traz o resumo em português também
Introdução	<i>Introduction</i>	Seguem os padrões descritos no Capítulo 2.
Objetivos	<i>Objectives</i>	Geralmente aparecem dentro da seção Introdução.
Métodos e Participantes	<i>Methods and Participants</i>	Geralmente chamado de Métodos e Materiais / <i>Methods and Materials</i>
Instrumentos	<i>Instruments</i>	Esta seção geralmente aparece dentro da seção Métodos e materiais.
Resultados e Discussão	<i>Results and Discussion</i>	Segue o formato padrão, mas também podem aparecer separados
Conclusões	<i>Conclusions</i>	Seguem os padrões
Notas	<i>Notes</i>	Geralmente apresentam a biografia dos autores ²⁷
Agradecimentos	<i>Acknowledgments</i>	Aparecem apenas em alguns ACs ²⁸
Referências	<i>References</i>	Presente em qualquer tipo de AC, sempre muito longa e detalhada.

Além da comparação dos ACs em português e inglês, comparamos a estruturação dos ACs publicados na *BJGG*, que serve de base para esta pesquisa, com a macroestrutura dos artigos publicados nos cinco primeiros periódicos do ranking das melhores publicações da área, assim também com os periódicos *Journal of the American Geriatrics Society*, uma sociedade da sociedade americana de geriatria e o *Geriatrics & Gerontology International Journal*, uma publicação oficial da Sociedade Japonesa de Geriatria e Gerontologia. Consideramos importante esse paralelo com publicações de renome por dois motivos. O primeiro seria investigar o quão adequado estaria o corpus escolhido por nós para a pesquisa, em relação às demais publicações da área, já que trata-se de uma publicação nacional; e o

²⁶ Esse detalhe está previsto nas instruções que a revista fornece aos autores.

²⁷ A RBGG recomenda que os autores forneçam e-mails para contato e uma pequena biografia.

²⁸ A RBGG, assim como outras publicações científicas, limitam o número de agradecimentos, assim como o número de referências.

segundo seria a possibilidade de usar um corpus de referência com reputação comprovada no meio acadêmico. Para tanto, lançamos mão de uma publicação chamada SCImago²⁹. Lembramos, que a nossa intenção foi analisar as questões referentes às macroestruturas do artigo *tout court*. Assim, podemos ter uma ideia um pouco mais ampla e com uma base sólida de comparação, por isso não oferecemos maiores detalhes dessa comparação, nem desse corpus de referência, o que fugiria completamente dos nossos propósitos investigativos.

Tabela 12. AC2P e AC2I – Macroestrutura – Artigo Original

AC2P – Artigo Científico 2 em português	AC2I – Artigo Científico 2 em inglês	Observações
Título	<i>Title</i>	A publicação original em português apresenta o título nos dois idiomas.
Autores (sempre mais de um)	<i>Authors</i>	Neste AC são dois os autores citados
Resumo	<i>Abstract</i>	Diferente dos outros ACs, esse resumo apresenta um total de oito palavras-chave
Introdução	<i>Introduction</i>	A introdução apresenta subdivisões e não há uma separação distinta de onde ela termina e de onde começa a seção de Métodos. Diferente do AC1, no AC2 os objetivos aparecem listados dentro da introdução.
Coleta de Dados	<i>Data collection</i>	Essa seção de coleta de dados substitui o que vimos no AC1 como Métodos, pois nela está descrito o método de análise e os participantes da pesquisa.
Conclusões	<i>Conclusions</i>	Logo após a seção Coleta de Dados aparece a conclusão, porém é possível identificar a Discussão de dados apresentada nos últimos parágrafos antes da conclusão. Mesmo não apresentando o título “discussão” a seção está presente no AC. A conclusão aparece normalmente como no AC1 e AC3.
Notas	<i>Notes</i>	Neste AC as notas referem-se a biografia dos dois autores do AC. Não há uma seção de agradecimentos.
Referências	<i>References</i>	As referências são longas, como de costume.

²⁹ O SCImago calcula o impacto, a influência e o prestígio da publicação. Ele leva em conta o número médio de citações recebidas durante o ano selecionado pelo documento e nos três anos anteriores, ou seja, os documentos selecionados por nós consideram as citações de 2009-2011. Disponível em: <<http://www.scimagojr.com/journalrank.php?category=2717>>. Consulta em: 06/03/2011.

Tabela 13. AC3P e AC3I – Macroestrutura – Artigo Original

AC3P – Artigo Científico 3 em português	AC3I – Artigo Científico 3 em inglês	Observações
Título	<i>Title</i>	A publicação original em português apresenta o título nos dois idiomas.
Autores (sempre mais de um)	<i>Authors</i>	Este AC possui sete autores
Resumo	<i>Abstract</i>	Este AC mantém o padrão de cinco palavras chave após o resumo.
Introdução	<i>Introduction</i>	A introdução é um pouco mais longa do que a do AC2, os objetivos são apresentados no decorrer do texto da introdução.
Metodologia	<i>Methodology</i>	Diferente do AC1 e do AC2, esta seção é intitulada “Metodologia” e não Métodos como de costume.
Resultados e discussão	<i>Results and Discussions</i>	Seção longa com muitas tabelas
Conclusões	<i>Conclusions</i>	Diferente dos AC1 e AC2, as conclusões são apresentadas como tópicos. Elas são marcadas por numeradores e itens
Notas	<i>Notes</i>	Neste AC as notas referem-se a biografia dos dois autores do AC. E apresentam também informações a respeito da pesquisa e da universidade.
Reconhecimento e Agradecimentos	<i>Acknowledgments</i>	O tradutor optou por traduzir apenas agradecimentos, omitindo a palavra reconhecimento na versão para o inglês.
Referências	<i>References</i>	As referências são longas, como de costume.

Foi possível constatar que, no que tange à macroestrutura dos artigos, tanto em português quanto em inglês, o tradutor procurou repetir em inglês as estruturas que os ACs originais possuem. Essa reprodução estrutural praticamente idêntica proporciona ao leitor que compara os textos em português e em inglês uma “sensação” de estar lendo uma tradução que podemos chamar de “fiel”, já que visualmente os textos não apresentam grandes diferenças. Sendo assim, podemos dizer que o fato dos periódicos procurarem seguir a mesma estrutura nas duas edições de uma revista bilíngue é uma norma. A nosso ver, essa é uma comprovação da preocupação de publicações nacionais, como a escolhida por nós para este estudo, de se adaptar ao mercado internacional. Como nos lembra Perrotti-Garcia (2009, p. 39), é cada vez maior o número de revistas científicas brasileiras na área médica que “optam por apresentar seu conteúdo em língua inglesa”. Na verdade, publicar em inglês é um fato, mas publicar de

forma a garantir o impacto, a influência e o prestígio de uma publicação internacional já é bem diferente.

No caso dos três ACs Originais, podemos verificar que o tradutor optou por um transporte exatamente idêntico da macroestrutura do AC em português para a macroestrutura do AC em inglês, ou seja, uma transcodificação um-a-um. Todos os ACs da publicação em português e da publicação em inglês seguem exatamente a mesma macroestruturação. Primeiramente, pensamos que a escolha feita pelo tradutor de manter a mesma estrutura do texto-fonte no texto-alvo, no caso do corpus, fosse devido ao fato da publicação ser bilíngue e, portanto, possuir o mesmo macro formato de publicação, o mesmo número de páginas, os mesmos desenhos, as mesmas tabelas e as mesmas figuras. Porém, mesmo que o tradutor tivesse mudado alguma das características da macroestrutura dos ACs, isso provavelmente não afetaria o impacto causado no leitor-alvo. Para o médico-leitor internacional que vai acessar essa publicação no site da OMS, a macroestruturação do texto pode não afetar a compreensão do seu conteúdo. Uma prova disso é o fato de que, no volume publicado em inglês, a seção que apresenta as teses e as dissertações em andamento não são idênticas. Como vimos na descrição do corpus, essa seção apresenta dois artigos em inglês e seis em português. Esse fato passa imperceptível ao leitor-alvo, aquele que vai ler apenas o texto em inglês, já que os títulos dos textos não aparecem no sumário nem no índice, que traz apenas o título “teses e dissertações”, mas não especifica quais teses e dissertações são essas publicadas no volume em português e no volume em inglês.

Por outro lado, caso os médicos-autores submetam seu AC para a publicação em um periódico de prestígio internacional, algumas alterações provavelmente poderiam ser levadas em consideração pelo tradutor, de forma a facilitar a aceitação desse AC pelo periódico pretendido. Não basta transpor a estrutura do AC em português para inglês sem considerar as convenções e normas regidas pelo periódico pretendido, pois cada periódico possui suas próprias regras gerais para que uma publicação seja aceita. Mesmo sendo um gênero textual amplamente conhecido e muito bem estruturado, são os periódicos e apenas eles que comandam a política de escolhas dos artigos.

No que tange à macroestrutura dos artigos, de revisão podemos dizer que ela se difere dos ACs originais em alguns poucos aspectos, conforme as tabelas que seguem.

Tabela 14. AC4P e AC4I – Macroestrutura – Artigo de Revisão

AC4P – Artigo Científico 4 em português	AC4I – Artigo Científico 4 em inglês	Observações
Título	<i>Title</i>	A publicação original em português apresenta o título nos dois idiomas.
Autores (sempre mais de um)	<i>Authors</i>	Neste AC são dois os autores citados
Resumo	<i>Abstract</i>	Esse resumo apresenta um total de quatro palavras-chave
Contexto Clínico	<i>Clinical Context</i>	Essa seção apresenta a introdução do artigo logo no primeiro parágrafo. Mas, a palavra “introdução” não aparece no corpo do AC. Em seguida, a seção descreve o que seria no AC original a seção Métodos.
Conclusões	<i>Conclusions</i>	A conclusão aparece logo após o que chamaríamos de Método e Discussão, porém nesse AC de revisão, esses títulos não aparecem. Contudo, é possível identificar a Discussão de dados apresentada nos últimos parágrafos antes da conclusão. Mesmo não apresentando o título “discussão” a seção está presente no AC. A conclusão aparece normalmente como nos ACs originais.
Notas	<i>Notes</i>	Neste AC as notas referem-se a biografia dos dois autores do AC. Não há uma seção de agradecimentos.
Referências	<i>References</i>	As referências são longas, como nos ACs originais.

Observando a descrição dos ACs de revisão apresentadas nas tabelas 12 e 13, podemos perceber que os artigos de revisão têm como alvo o início de projetos de pesquisa, pois o autor leva em conta outros trabalhos já publicados sobre o assunto. Eles são estudos sobre assuntos que já foram publicados anteriormente. Tanto na RBGG como em outros periódicos, os ACs de Revisão são publicados em número menor do que os ACs Originais. Como o próprio nome diz, eles revisam outros artigos e outras publicações científicas e podem apresentar uma síntese dos dados coletados na pesquisa. Sendo assim, eles apresentam uma macroestrutura um pouco diferente dos ACs Originais. No caso da área de ciências da saúde,

os ACs de revisão tendem a ser mais didáticos e a historiar um tema de pesquisa, uma doença e seus tratamentos. Contudo, apesar das diferenças a respeito da abordagem do assunto, a macroestrutura não é muito diferente dos outros tipos de ACs. Podemos observar nos dois ACs investigados aqui, que ambos possuem praticamente a mesma estrutura dos ACs originais. Contudo, eles não recebem a divisão por seções que marca os ACs originais (IMRD). Apesar dos títulos dessas seções não aparecem no corpo do AC, é possível identificá-las no decorrer do texto, sendo os primeiros parágrafos referentes à introdução e os objetivos, seguidos dos métodos e das discussões e por fim, a conclusão, as notas e as referências.

Tabela 15. AC5P e AC5I – Macroestrutura – Artigo de Revisão

AC5P – Artigo Científico 5 em português	AC5I – Artigo Científico 5 em inglês	Observações
Título	<i>Title</i>	A publicação original em português apresenta o título nos dois idiomas.
Autores (sempre mais de um)	<i>Authors</i>	Neste AC são dois os autores citados
Resumo	<i>Abstract</i>	Esse resumo apresenta um total de quatro palavras-chave
Envelhecimento e a saúde	<i>Aging and Health</i>	Comum nos ACs de revisão a presença de um texto sem subdivisões. Essa seção apresenta uma introdução, métodos e discussão. Porém, nenhum subtítulo com essas palavras, apenas uma redação única.
Conclusões	<i>Conclusions</i>	. A conclusão aparece normalmente como nos ACs originais.
Notas	<i>Notes</i>	Neste AC as notas referem-se ao contato (<i>e-mail</i>) dos autores do AC. Nos outros ACs, essa informação aparece logo na primeira página como uma nota de rodapé
Referências	<i>References</i>	As referências são longas, como nos ACs originais

Em se tratando da tradução desses ACs de Revisão podemos dizer que o tradutor utilizou o mesmo procedimento técnico de tradução dos ACs Originais (repetição). Ele procurou reproduzir de forma similar as estruturas presentes nos ACs do texto-fonte, quase de forma literal. Ele optou pela reprodução total da macroestrutura dos ACs, reproduzindo todas

as tabelas, gráficos e figuras, assim como a tradução das legendas dessas figuras e gráficos, repetindo as normas da cultura de partida no texto de chegada. Analisando de forma geral o procedimento técnico de tradução da macroestrutura dos ACs da RBGG e o seu efeito na cultura receptora, nós podemos afirmar que há uma tendência à aceitabilidade. O tradutor procura atender às expectativas do leitor que espera encontrar um texto com a macroestrutura correspondente a de um AC da área de Geriatria e Gerontologia que ele está familiarizado. Contudo, essa macroestrutura é muito similar àquela utilizada na macroestrutura dos ACs da cultura fonte. Quando reproduz de forma idêntica a macroestrutura do texto original no texto-alvo, pode parecer que ele pretende subscrever às normas da língua e cultura de partida e correr o risco de perder a ligação com a cultura-alvo. Porém, não é isso o que acontece, já que, se pensarmos que o texto original foi escrito com o intuito de atender às expectativas de internacionalização do periódico, ele se aproxima da cultura-alvo e não sofre nenhuma perda em seu contexto original. Sendo assim, há na verdade uma predominância da norma de aceitabilidade no que tange ao transporte da macroestrutura dos ACs de uma cultura para outra, a partir do momento que percebemos a escolha do tradutor de não modificar a macroestrutura do texto-fonte no transporte para a cultura-alvo.

4.3 As normas referentes à microestrutura dos artigos científicos: as condicionantes culturais

Nesta seção focaremos a microestrutura dos ACs como as escolhas gramaticais, lexicais e estilísticas. Nosso foco é destacar as marcas culturais e os procedimentos técnicos utilizados pelo tradutor no momento de traduzir essas marcas. Tendo em mente que o AC é um gênero textual culturalmente condicionado, procuramos destacar os procedimentos técnicos do tradutor verificando se o mesmo aproxima ou distancia o leitor-alvo da cultura fonte, assim como fizemos com a macroestrutura na seção anterior.

Além de observar as escolhas gramaticais, lexicais, formais e estilísticas (registro de médico-para-médico), observamos também as escolhas relacionadas à coerência e à coesão interna do AC, as referências (os nomes próprios, nomes de lugares, nomes de doenças, nomes de tratamentos e procedimentos médicos específicos, tradução de acrônimos), porque acreditamos que são nessas marcas textuais onde as condicionantes culturais se materializam. Conforme definido anteriormente, o marcador cultural, também chamado de marcador textual é a materialização do que chamamos de condicionante cultural. Uma condicionante cultural é

uma constelação de fatores externos que influenciam a produção dos textos, e as marcas textuais são os registros dessas influências. Quando afirmamos que o texto técnico é culturalmente condicionado estamos dizendo que ele sofre influências nucleares tanto da cultura em que foi criado como da cultura para a qual está sendo transportado.

Analisando as escolhas, descobrimos que o uso do “medicalês” – a linguagem de médico-para-médico – é uma norma que opera nos dois polos, no texto-fonte e no texto-alvo. Manter essa linguagem predominante no texto-fonte também no texto-alvo proporciona o efeito de aceitabilidade, já que o leitor médico tem exatamente essa expectativa quando lê um AC da sua área de interesse.

Assim como ocorreu com a macroestrutura, acreditamos que a escolha de manter o texto em inglês tão similar à estrutura que o texto apresenta em português foi devido ao fato de a revista ser bilíngue e de o leitor ter imediato acesso tanto à publicação em português quanto em inglês. Ou seja, sabendo que o seu texto seria lido e imediatamente comparado, o tradutor procurou seguir a velha noção de equivalência um-a-um que caracteriza esse tipo de tradução e publicação bilíngue.

Tabela 16. As marcas culturais nos ACs de Geriatria e Gerontologia

N	Marca Cultural	Texto-fonte	Texto-alvo	Procedimento Técnico da tradução	Efeito
1	Identidade do idoso Forma de tratamento	Idoso, Idosa, Idosos	Elderly people, elders	Tradução literal	Aceitabilidade
<p>Exemplo extraído do ACP2 e ACI2</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ “Uso do tempo no cotidiano de idosos: um método indicador do estilo e modo de vida na velhice.” ■ “Use of time in elderly people’s daily lives: an indicator method for lifestyle in old age.” <p>(tradução literal – aceitabilidade – apesar da diferença entre <i>elder</i>, <i>senior</i>, <i>old aged</i> e <i>elderly</i>)</p>					

Analisando a tradução dos ACs e as escolhas do tradutor para o **exemplo 1** da tabela 16 (idoso, idosa, idosos) é possível perceber que as características mais internalizadas ainda

causam perturbações e dúvidas. Como nos referir ao idoso? *Seniors, senior citizens, elderly, elders, old people*? Será que uma simples consulta ao dicionário resolveria o problema? No caso da RBGG, o tradutor optou traduzir idosos por *elderly people* e o singular, no caso idoso por *elder*. A nosso ver, essas são expressões culturalmente condicionadas e o contexto onde se inserem devem ser levados em consideração no momento da tradução. Vejamos o que podemos encontrar em uma fonte de pesquisa um pouco maior, como um corpus publicado na *internet*.

O BNC (*British National Corpus*), que contém aproximadamente cem milhões de palavras de textos orais e escritos de fontes variadas – trechos de jornais, periódicos, cartas, memorandos, entre outros, compilados entre 1970 e 1993 – e que pode ser facilmente consultado *online*, possui uma interface que possibilita encontrar a frequência de palavras e frases em diferentes tipos de registro (textos falados, acadêmicos, poesias, textos médicos etc.), além de fazer comparações entre os registros, como, por exemplo, os verbos mais comuns em textos legais ou textos médicos ou até quais os substantivos são empregados com determinada palavra, assim como os sinônimos de mais de 60.000 palavras. Ao consultar o BNC, pode-se constatar que o termo “*elderly*”, quando comparado com o termo “*elder*”, apresenta maior ocorrência em todos os tipos de texto. Entretanto, o termo “*elder*”, o segundo mais usado depois de “*elderly*”, quase não aparece nos textos de medicina. O mesmo fenômeno acontece no *Corpus of Contemporary American English*, outro corpus do mesmo estilo do BNC, porém formado por textos compilados a partir de publicações norte-americanas. Outro fato interessante são os sinônimos apresentados pelo corpus para a palavra “*elderly*”: *old, senior, aged* e *mature*. Os termos referentes aos idosos são vários, *seniors*, no inglês americano, *senior citizens* e *elderly*, tanto no inglês americano como no britânico.

Até mesmo em português a questão terminológica traz inquietações, como escolher entre “velho” ou “idoso”, que levanta questões que estão muito além dos dicionários. Quando uma pessoa pode ser considerada idosa? Qual o limite entre a meia-idade e a terceira idade? Essas são considerações que não têm o mesmo sentido em todas as sociedades. São questões que ilustram a dificuldade para escolher o termo mais adequado e que respeite as concepções de uma determinada comunidade e que certamente não terão a mesma resposta. No Brasil, a terceira idade começa aos 60 anos, mas isso varia de acordo com a expectativa de vida de cada país. Nos países desenvolvidos a terceira idade começa aos 65 anos e nos países em desenvolvimento, aos 60. Na maior parte do mundo, as mulheres vivem, em média, quatro anos a mais que os homens. No Brasil, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (2005), a expectativa de vida é de 68 anos para os homens e de 75 anos para as mulheres. Nos

países pobres, como a Etiópia, a expectativa de vida para ambos os sexos é entre 60 e 65 anos. As pessoas podem ser consideradas idosas devido aos diferentes papéis e atividades sociais, quando se tornam avós, se aposentam, começam a produzir menos. Enfim, o tradutor não pode se limitar apenas a transferir frases de uma língua para outra. Fica claro que essa noção unilateral de correspondência não é possível, nem mesmo em um texto tipicamente técnico. Pode-se pensar que, a partir do momento que o tradutor tome consciência das normas que predominam e operam tanto na comunidade-fonte como na cultura-alvo, ele possa fazer escolhas mais assertivas, o que possivelmente acarretará em maior facilidade para a execução das escolhas tradutórias.

Tabela 17. As marcas culturais nos ACs de Geriatria e Gerontologia (continuação)

N	Marca Cultural	Texto-fonte	<i>Texto-alvo</i>	Procedimento Técnico da tradução	Efeito
2	Cuidadores Caregivers	<p>“Os familiares cuidadores principais de idosos.”</p> <p>Cuidadores geralmente uma mulher solteira da família, ou uma viúva</p>	<p><i>“The main family caregivers for the elderly.”</i></p> <p>Caregivers um enfermeiro ou uma enfermeira, quase sempre um profissional da saúde.</p>	Tradução literal	Aceitabilidade
<p>Exemplo extraído do ACP3 e ACI3</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ “Os cuidadores não se aborreceriam na ajuda/dispensa de cuidados em face dos comportamentos repetitivos/queixumes constantes, ou cuidados de difícil realização.” ■ “The caregivers did not get annoyed about helping and providing care when faced with repetitive behavior and constant complaining, or with difficult care activities.” <p>(tradução literal – aceitabilidade)</p>					

Há também as marcas nas intertextualidades que fazem sentido em uma língua-cultura, mas outro sentido, ou sentido algum, em outra língua-cultura. Segundo Aubert (2006, p. 24), essas marcas aparecem no plano discursivo. Por exemplo, o caso dos cuidadores no Brasil e dos *caregivers* nos outros países, exemplo já citado na seção 2.6 do Capítulo 2 e que foi também incluído na tabela 17, **exemplo 2**. O cuidador de um idoso não é apenas um

enfermeiro, ele determina todo o perfil de um determinado indivíduo, que no Brasil é caracterizado especificamente por uma mulher, geralmente solteira e mais nova do que o paciente. Por outro lado, essa não é a visão que um americano tem daquele que cuida de um idoso, uma pessoa que recebe uma remuneração pelo serviço e que geralmente possui uma formação especializada. De acordo com uma pesquisa de 2004 nos Estados Unidos, o perfil do cuidador americano é muito diferente do cuidador brasileiro. 60% dos cuidadores são mulheres, porém têm mais de 45 anos e são casadas. Fazem o trabalho por remuneração, porém há também as chamadas *family caregivers*. A grande maioria possui curso superior e renda mensal (NAC & AARP, 2004).

Tabela 18. As marcas culturais nos ACs de Geriatria e Gerontologia (continuação)

N	Marca Cultural	Texto-fonte	Texto-alvo	Procedimento Técnico da tradução	Efeito
3	Acrônimos	PSF – programa de saúde da família ³⁰ INCa – Instituto Nacional do Câncer	<i>PSF – Family health program</i> <i>INCa – National Institute for Cancer</i>	Repetição com explicação	Aceitabilidade Adequação
<p>Exemplo extraído do ACP4 e ACI4.</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ “Segundo as Estimativas publicadas pelo INCa, o número de casos novos previstos para o ano 2003 foi de 9.530 entre homens e de 10.535 entre mulheres.” ■ “According to the Estimates of Incidence and Mortality due to Cancer published by the National Institute for Cancer (INCa), the number of new cases foreseen for the year 2003 was 9,530 in men and 10,535 in women.” <p>(Repetição com explicação – adequação)</p>					

No **exemplo 3** (PSF e INCa), o tradutor usa o procedimento da repetição, incluindo uma explicação para os acrônimos. O procedimento de inserir uma glosa intratextual, ou seja, uma explicação para o termo em questão, resultou no efeito de aceitabilidade no caso de PSF e adequação no caso de INCa. No caso da expressão **PSF** ou **INCa** que aparecem respectivamente nos AC4P e AC5P, o tradutor optou por colocar as siglas por extenso em

³⁰ A sigla PSF é uma marca do texto médico e não apresenta nenhum tipo de referência quanto ao seu significado, mesmo em português.

inglês, como uma estratégia de aproximar o texto do leitor-alvo, traduzindo então PSF por *Family Health Program* e INCa por *National Institute for Cancer*. Contudo, o tradutor deixou ambas siglas seguindo a forma como aparecem no texto original. A nosso ver, esta estratégia deixa marcas da cultura fonte no texto-alvo, o que lembrará o leitor da origem do AC e, por conseguinte, a origem da pesquisa realizada, uma pesquisa científica brasileira. Esses acrônimos podem parecer não possuir nenhuma marca cultural no texto-fonte, porém, quando transportados para a cultura-alvo passam a ser considerados marcas culturais, pois são representantes de entidades típicas de uma cultura. A nosso ver, uma solução simples, no caso de INCa, seria a de substituição de *National* por *Brazilian*, uma forma de marcar no texto-alvo de que se trata de uma instituição tipicamente brasileira e que, portanto, não deve ser confundida com nenhuma outra que possa vir a existir em outro país. Percebemos que mais uma vez o tradutor opta por uma tradução mais literal. O efeito dessa vez foi de distanciamento (adequação), uma vez que um leitor mais atento perceberia que essa instituição não se trata de uma instituição em seu país, mas sim de um hospital no Brasil.

Tabela 19. As marcas culturais nos ACs de Geriatria e Gerontologia (continuação)

N	Marca Cultural	Texto-fonte	<i>Texto-alvo</i>	Procedimento Técnico da tradução	Efeito
4	Acrônimos	“...tratou-se da relevância dessas instituições de longa permanência (ILP)”	“... <i>the relevance of long-stay institutions (LSI) is examined by relating aging to healthcare.</i> ”	Transferência Decalque	Aceitabilidade
<p>Exemplo extraído do ACP5 e ACI5</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ “A Promoção da saúde nas instituições de longa permanência: uma reflexão sobre o processo de envelhecimento no Brasil.” ■ “Health promotion in long-stay institutions: a reflection on the aging process in Brazil.” <p>(Transferência – aceitabilidade) (Transferência do tipo – decalque – Barbosa, 2004)</p>					

No caso do AC5, que trata das “Instituições de Longa Permanência”, **exemplo 4** da tabela 19, o tradutor optou por traduzir quase literalmente a expressão usando a solução *long-*

stay institution. Ao longo do AC aparecem outros termos do mesmo tipo, como “idoso institucionalizado” ou a “institucionalização do idoso”, apesar da palavra institucionalização em português significar o ato ou o efeito de institucionalizar, ou seja, dar o caráter de instituição, dar forma institucional (REZENDE, 2004). É possível concluir que no caso de idoso institucionalizado a palavra recebeu um novo significado, já que ao contrário não faria sentido algum. Dessa forma, entendemos que um idoso institucionalizado é aquele que vive em uma instituição. No Brasil, essas instituições que recebem pessoas idosas são chamadas de asilos e geralmente recebem idosos que não possuem família ou que seus familiares não podem ou não querem mais abrigá-los. Tendo essa conotação de rejeição e abandono, os asilos são muitas vezes chamados de Lar do Idoso, Casa dos Idosos ou coisas do gênero. Segundo Rezende (2004), em inglês, o verbo *institutionalize* tem uma acepção a mais; ele também significa colocar alguém aos cuidados de uma instituição especializada (epiléticos, delinquentes, alcoolatras, idosos). A nosso ver, o efeito dessa escolha tradutória no nível textual foi de pleno reconhecimento e total comunicação do texto com o leitor-alvo, visto que, para o médico falante da cultura-alvo, as expressões *Institutionalized elderly people* ou *long-stay institutions* fazem parte do “medicalês” cotidiano dos ACs. Em algumas passagens do artigo, o autor usa a palavra asilo³¹ em vez de instituição³². Porém, o tradutor opta por *institution* ao transportar o vocábulo, uma solução que aproxima o texto do leitor e evita a inadequação. Verificamos que as expressões *Long-stay Institution* e Instituição de longa permanência textualmente representam o mesmo lugar. Contudo, culturalmente, representam lugares distintos, podendo se referir a um hospital, um asilo, uma casa, uma clínica, apenas o co(n)texto poderá determinar a variável mais adequada para cada situação. Essa possibilidade de interpretação apresentada é um exemplo de uma condicionante cultural, é um fator externo que influenciam a produção do texto original e do texto traduzido, e a marca textual é o registro dessa influência.

³¹ A Política Nacional do Idoso, de acordo com a Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, artigo 3º, regulamentada pelo Decreto nº 1.948, de 3 de julho de 1996, entende asilo como o atendimento em regime de internato ao idoso sem vínculo familiar ou sem condições de prover a própria subsistência de modo a satisfazer as suas necessidades de moradia, alimentação saúde e convivência social. Declara que a assistência ocorre no caso da inexistência do grupo familiar, abandono, carência de recursos financeiros próprios ou da própria família. (REZENDE, 2004).

³² A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), em seu Manual de Funcionamento, chama de asilo Instituições de Longa Permanência (ILPI). Define como “estabelecimentos para atendimento integral institucional, cujo público alvo são pessoas de 60 anos e mais, dependentes ou independentes, que não dispõem de condições para permanecer com a família ou em seu domicílio”. (REZENDE, 2004).

Tabela 20. As marcas culturais nos ACs de Geriatria e Gerontologia (continuação)

N	Marca Cultural	Texto-fonte	Texto-alvo	Procedimento Técnico da tradução	Efeito
5	Acrônimos	UnATI	<i>UnATI</i>	Repetição	Adequação
		IBGE	<i>IBGE</i>		Adequação
		APAE	<i>APAE</i>		Adequação
<p>Exemplo Extraído do ACP5 e do ACI5</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ “projetando-se, segundo o IBGE (IBGE, 1997), até o nível de reposição por volta de 2000, quando se espera observar discreto declínio.” ■ “According to the projection from IBGE (IBGE, 1997), it would decline to replacement level by around the year 2000.” <p>(Repetição – adequação)</p>					

No **exemplo 5** da tabela 20 é possível verificar que o tradutor distancia o leitor-alvo do texto-fonte usando procedimentos como a repetição de um termo tipicamente brasileiro, sem explicação do que ele representa. Por exemplo, a sigla da UnATI, reproduzida na versão em inglês sem nenhuma nota explicativa. O mesmo acontece com IBGE e APAE.

O tradutor não deu à palavra *UnATI* nenhum tratamento especial, não a colocou em itálico, nem em negrito, demonstrando de forma imediata que aquele termo pode ser tido como palavra da língua inglesa, o que sabemos não ser possível. Consideramos que essa escolha leva em consideração que o tradutor pode ter escolhido não traduzir o termo UnATI, devido à fama e boa reputação da universidade no meio médico. Contudo, mesmo possuindo uma página em inglês na OMS/WHO e sendo uma referência internacional na área médica, não há registros de que esse tipo de entidade, uma universidade para idosos, exista fora do Brasil, pelo menos uma que apresente as mesmas características daquelas que possuímos aqui. No máximo, encontramos registros de grupos comunitários que acolhem os idosos e oferecem atividades e serviços, mas geralmente funcionam em condomínios, clubes e igrejas, não havendo registro desses serviços em universidades americanas ou européias. Entendemos que, mesmo que o tradutor tivesse optado pelo uso do nome da UnATI em inglês, conforme aparece na página da OMS/WHO (Third Age Open University), o efeito ainda estaria culturalmente condicionado. Uma *Third Age University* até existe na Inglaterra, mas não funciona dentro de uma Universidade e as características são diferentes daquelas que vemos

na UnATI. Na Inglaterra, essa entidade funciona mais como uma agência de empregos para idosos que já se aposentaram mas ainda têm interesse em trabalhar.

Uma possível solução seria a inclusão de uma nota de rodapé ou uma pequena explicação do que é a UnATI. Apesar de entendermos as desvantagens e o impacto que essa estratégia causou no leitor fonte, também lembramos que a estruturação de um AC para a publicação em um periódico é limitada em seu espaço físico e que a decisão de não sufocar o AC com notas explicativas, aumentando ainda mais o tamanho do artigo, pode ter relação com a adaptação ao espaço físico da publicação ou com a intenção de não se quebrar o ritmo da leitura. Entretanto, como afirma Antunes (2009, p. 207), “as notas e os glossários são instrumentos importantes que podem ajudar a promover esse respeito [respeito pela diferença entre culturas], na medida em que auxiliam na construção de um sujeito estrangeiro com características próprias e distintas”. Segundo a autora, elas promovem também a construção da competência do leitor e, conseqüentemente, auxiliam o ato cooperativo da leitura e a interpretação de uma obra.

Tabela 21. As marcas culturais nos ACs de Geriatria e Gerontologia (continuação)

N	Marca Cultural	Texto-fonte	<i>Texto-alvo</i>	Procedimento Técnico da tradução	Efeito
6	Nome Próprio	Oficina de Memória®	<i>Oficina de Memória® (Memory Workshop)</i>	Explicação ou inserção de uma glosa	Adequação
<p>Exemplo extraído do ACP1 e ACI1</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ “Queixa de memória e disfunção objetiva de memória em idosos que ingressam na Oficina da Memória® na UnATI/UERJ.” ■ “Memory complaints and objective memory dysfunction among elderly people who come to the Oficina da Memória® (Memory Workshop) of UnATI/UERJ.” <p>(explicação com inserção de glosa – adequação)</p>					

Ao analisarmos o **exemplo 6** da tabela 21 verificamos que o tema do AC1P é a queixa de memória e disfunção objetiva de memória em idosos que ingressam na *Oficina da Memória®* na UnATI/UERJ. Quando o tradutor transportou o AC para a língua inglesa,

mesmo correndo o risco de perder a ligação com a cultura receptora, ele decidiu por manter a expressão Oficina de Memória® em português. A nosso ver, essa escolha não gerou nenhuma perda para o leitor-alvo, pois no título do AC o tradutor fez uso de uma nota explicativa onde colocou a expressão *Memory Workshop* entre parênteses ao lado do original oficina de memória. Essa escolha do tradutor segue a norma da adequação, que por sua vez é caracterizada pela decisão de subescrever à cultura de partida. Contudo, se levarmos em consideração o contexto e analisarmos a expressão na sua dimensão referencial intralinguística (Aubert, 2006), ou seja, apenas no contexto morfológico e sintático, a expressão Oficina de Memória® pode ser considerada apenas como uma marca textual e não como uma marca cultural. Por outro lado, Oficina de Memória® e a solução encontrada pelo tradutor, *Memory Workshop*, serão caracterizadas como sendo uma marca cultural se considerarmos o contexto extralinguístico (Aubert, 2006). No Brasil, uma oficina de memória possui características variadas, assim como em países falantes da língua inglesa como os Estados Unidos da América, podendo se referir a uma oficina onde se ensina a montagem de *scrapbooks* para o registro de lembranças ou ainda a uma oficina para o desenvolvimento de memória para componentes de informática. Sendo assim, apenas o contexto de atualização do termo é que poderá determinar a que domínio ele realmente pertence.

Ao longo da análise foi possível verificar que alguns termos relacionados com a área de Geriatria e Gerontologia podem ser facilmente vertidos para a língua inglesa, ou vice-versa, apenas com uma rápida consulta ao dicionário. Porém, alguns termos e expressões apresentam diferenças culturais que os condicionam e exigem do tradutor mais reflexão do que uma simples consulta ao dicionário, como vimos com *elders*, *caregiver* e *long-stay institutions*.

No decorrer da análise dos ACs podemos perceber que muitos termos se repetem em vários artigos, principalmente aqueles mais utilizados pela área de Geriatria, os chamados Gigantes da Geriatria. Palavras, expressões e situações recorrentes que estão relacionadas às doenças, aos pacientes, aos tratamentos e toda área da Geriatria e Gerontologia, por exemplo, imobilidade, instabilidade postural, queda, debilidade, cuidados com o idoso, cuidadores, insuficiência, incontinência, qualidade de vida, saúde funcional, depressão, entre outras. Essa reincidência no uso das mesmas palavras e das mesmas expressões ao longo dos artigos limita o número de exemplos de marcas culturais, principalmente se considerarmos que esta pesquisa selecionou apenas cinco ACs para investigar. Entretanto, não é a quantidade de exemplos que nos preocupa, pelo contrário, nossa intenção é exemplificar que mesmos textos de especialidade como os ACs da área de Geriatria e Gerontologia são culturalmente

condicionados. Essa sim é a grande novidade e preocupação desta pesquisa, mostrar que os ACs possuem marcas culturais distintas e que o tradutor que observa esses aspectos pode produzir um texto de chegada capaz de proporcionar ao público alvo uma leitura fluente, até mesmo capaz de influenciar na aceitação ou não de um AC por um periódico internacional.

Tabela 22. Resumo das marcas analisadas

N	Marca Cultural	Texto-fonte	Texto-alvo	Procedimento Técnico da tradução	Efeito
1	Identidade do idoso Forma de tratamento	Idoso, Idosa, Idosos	Elderly people, elders	Tradução literal	Aceitabilidade
2	Cuidadores Caregivers	“Os familiares cuidadores principais de idosos.” Cuidadores geralmente uma mulher solteira da família, ou uma viúva	“ <i>The main family caregivers for the elderly.</i> ” Caregivers um enfermeiro ou uma enfermeira, quase sempre um profissional da saúde.	Tradução literal	Aceitabilidade
3	Acrônimos	PSF – programa de saúde da família ³³ INCa – Instituto Nacional do Câncer	<i>PSF – Family health program</i> <i>INCa – National Institute for Cancer</i>	Repetição com explicação	Aceitabilidade Adequação
4	Acrônimos	“...tratou-se da relevância dessas instituições de longa permanência (ILP)”	“... <i>the relevance of long-stay institutions (LSI) is examined by relating aging to healthcare.</i> ”	Transferência	Aceitabilidade
5	Acrônimos	UnATI	<i>UnATI</i>	Repetição	Adequação
		IBGE	<i>IBGE</i>		Adequação
		APAE	<i>APAE</i>		Adequação
6	Nome Próprio	Oficina de Memória®	<i>Oficina de Memória® (Memory Workshop)</i>	Explicação ou inserção de uma glosa	Adequação

³³ A sigla PSF é uma marca do texto médico e não apresenta nenhum tipo de referência quanto ao seu significado, mesmo em português.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação investigou o gênero artigo científico e suas condicionantes culturais a partir da perspectiva do conceito de normas nos estudos da tradução. Com a investigação da tradução dos artigos científicos foi possível fazer um levantamento de algumas normas operantes no fazer tradutório dos ACs de Geriatria e Gerontologia, das características do gênero e dos procedimentos técnicos da tradução de algumas condicionantes culturais, assim como o efeito provado por esses procedimentos.

Utilizando o modelo de José Lambert e Hendrik Van Gorp (1985) para a análise da tradução literária, adaptado para a análise da tradução de textos de especialidade, foi possível realizar um levantamento detalhado da tradução dos ACs. Verificamos que o modelo citado é um instrumento eficaz para a análise de textos de especialidade, como os utilizados por nós. Concluimos que, apesar de elaborado para analisar textos literários, a instrumentalidade do modelo pode ser facilmente adaptado às necessidades da tradução de textos técnicos.

Ao analisarmos os procedimentos tradutórios utilizados para a versão dos artigos científicos verificamos que eles tendem a apresentar técnicas variadas de tradução. Grande parte dos procedimentos procura aproximar o texto do público leitor – *elderly, caregiver, ILP*, havendo também uma certa incidência de técnicas de distanciamento, mas em número um pouco maior. Podemos afirmar que o tradutor procura equilibrar esses dois lados, contudo, na maioria das vezes, lança mão da tradução palavra-por-palavra, tradução literal. Vemos essa opção como uma consequência relacionada ao fato da publicação ser bilíngue.

Verificamos que a tradução de ACs tira muito proveito do estudo de gêneros, pois concluimos que o conhecimento detalhado do mesmo proporciona escolhas tradutórias passíveis de justificativas por parte do tradutor.

Podemos destacar o fato de que, no caso dos ACs, consideramos como sendo textos de especialidade, ou seja, textos técnicos, que possuem uma linguagem especializada. Pode-se esperar então que esse tipo de linguagem, pela própria *raison d'être* da terminologia, possua uma relação biunívoca de sentido entre as línguas-culturas. Porém, sabemos que isso não acontece nem mesmo quando o assunto é uma ciência básica, um sistema de medição ou um padrão técnico internacional. Sendo assim, a expectativa em relação ao transporte da marca cultural é de que, no texto técnico, elas sejam neutralizadas ou anuladas, entretanto, com base nas descobertas desta pesquisa vimos que isso nem sempre ocorre. Apesar da dificuldade de

percepção textual dessas marcas, foi possível exemplificar o condicionamento cultural a que os ACs da área de Geriatria e Gerontologia estão expostos.

Durante nossa análise foi possível perceber que, diferente do que fez com a tradução da macroestrutura dos ACs, o tradutor da RBGG equilibrou as estratégias tradutórias das microestruturas dos ACs, ora lançando mão de técnicas que aproximam o texto da cultura de chegada, ora reproduzindo as normas linguísticas e textuais do texto original.

De acordo com Gunilla Anderman (1999, p. 43), as pessoas agora sabem como escrever caso queiram ser vertidas para o inglês. Há certos ingredientes no texto que devem estar presentes. Segundo a pesquisadora, basta olhar as obras que se tornaram *bestsellers* e veremos exatamente quais são esses ingredientes. A nosso ver, durante o fazer tradutório, há uma forma mais simplificada que pode auxiliar o tradutor no seu trabalho tanto em relação às escolhas quanto ao levantamento das normas operantes em uma determinada situação, e o caminho seria através da sua formação. Uma vez que o tradutor deseje fazer parte de uma comunidade de tradutores reconhecidos como competentes, ele precisará adequar seu comportamento às normas vigentes aquela comunidade. Ao invés de continuar insistindo nas mesmas escolhas, trabalhando sempre da mesma forma, algumas vezes sendo criticado por essas escolhas, é possível acreditar que, caso o tradutor possua uma base teórica, ou seja, a oportunidade de discutir com outros pesquisadores sobre suas opções e escolhas tradutórias e fundamentá-las teórica e academicamente, seu trabalho poderá ser facilitado, sua aceitação na comunidade de tradutores poderá ser acertada e suas escolhas, mesmo quando inovadoras e diferentes, poderão ser justificadas.

Apesar de detectarmos um equilíbrio entre aceitabilidade e adequação, com base no levantamento das marcas culturais e suas respectivas traduções podemos identificar algumas perdas sofridas pelo texto-alvo devido à falta de procedimentos técnicos eficientes que pudessem transportar as marcas culturais sem exigir do leitor um conhecimento que esteja além da sua esfera cultural. Na verdade, pode parecer que, como se trata de um leitor médico, ele já possui todo o tipo de conhecimento prévio exigido para o entendimento de um artigo que aborde a linguagem de especialidade usada no seu dia-a-dia. Sendo assim, o uso de procedimentos técnicos como as substituições ou adequações não seriam então necessárias no transporte de marcas culturais desse gênero. Por outro lado, nossa pesquisa comprova que o efeito dessa escolha por uma tradução mais literal traz perdas para o público-leitor e compromete o entendimento da mensagem. Enfim, não basta ser médico para traduzir uma AC da área médica, como também não basta ser tradutor para se arriscar a escrever a respeito de um tema se não tiver competência para fazê-lo. Essa consciência tanto por parte do médico

quanto por parte do tradutor pode evitar alguns equívocos, como, por exemplo, entre o que seria no periódico a seção que traz a Resenha e a seção que traz os Artigos de Revisão, ambos escritos em inglês como sendo *Reviews*. Não havendo então a diferenciação entre um *Review Article* (artigo de revisão) e um *Book Review* (resenha), consideramos que o ideal seria um trabalho em conjunto entre o médicoautor e o tradutor.

Nesta dissertação pretendemos investigar a tradução do gênero textual artigo científico da área de Geriatria e Gerontologia, a partir da noção de normas tradutórias. Esse é um gênero textual culturalmente condicionado e passível de sofrer diferentes tipos de técnicas tradutórias.

Quando comparamos o texto original em português e o texto vertido para o inglês e publicado na RBGG/BJGG, nossa primeira intenção foi abandonar o corpus devido às críticas que recebemos por parte de alguns pesquisadores que consideravam a versão para a língua inglesa inadequada e equivocada. Contudo, apesar dos erros que encontramos na publicação, ela está publicada no site da OMS, no site da UnATI, foi impressa, é vendida na livraria da universidade e o número de acessos aos textos é sempre muito alto tanto para os textos em português quanto para os textos em inglês. Portanto, apesar das críticas, esse corpus é lido diariamente por médicos geriatras, estudantes de medicina e outros profissionais interessados na área do estudo sobre o envelhecimento, internacionalmente. Sentimos que caso abandonássemos esse estudo e escolhêssemos uma fonte primária estaríamos contrariando todo o sentimento que originou essa investigação, a vontade de trazer a tradução técnica e o seu estudo para um nível de reconhecimento tão alto e considerável como aquele dedicado a qualquer outro tipo de texto. A nossa pesquisa colabora exatamente para que os equívocos e inadequações que vimos na versão da RBGG não se repitam, mas que, mesmo que isso aconteça, os textos ainda possam ser investigados e outras considerações levantadas em trabalhos futuros. Sendo assim, cumprimos a nossa missão.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda J. Usos e Abusos dos Estudos de Caso. **Cadernos de Pesquisa**, v.36, n.129, p.635-651, set-dez. 2006.

ANDERMAN, Gunilla. The first Debate. In: SCÄFFNER, Christina (Ed.). **Translation and Norms**. Clevedon: Multilingual Matters, 1999. p.33-49.

ANTUNES, Maria Alice Gonçalves. **O respeito pelo original: João Ubaldo Ribeiro e a autotradução**. São Paulo: Annablume, 2009.

_____. **O respeito pelo original: uma análise da autotradução a partir do caso de João Ubaldo Ribeiro**. 2007. 270f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

ASKEHAVE, I.; SWALES, J. Genre Identification and Communicative purpose: a problem and a possible solution. **Applied Linguistics**, p. 195-212, 2001.

_____. **Indagações acerca dos Marcadores Culturais na Tradução**. Estudos Orientais 5 Miolo. Pmd. 2006. p.23-36.

AZENHA JR., João. **Tradução Técnica e Condicionantes Culturais: primeiros passos para um estudo integrado**. São Paulo: Humanitas, 1999.

BAKER, Mona. Linguística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução? In: MARTINS, M.A.P. (Org.). **Tradução e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999. p.15-34.

_____. **Routledge Encyclopedia of translation Studies**. London & New York: Routledge, 1998.

BAKHTIN, Michail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Huciteg, 2002.

_____. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. Tradução, mercado e profissão no Brasil. **Revista Confluências** – Revista de tradução científica e técnica, n.3, p.6-24, nov. 2005.

BASSNETT, Susan. Culture and Translation. In: KUHIWCZAK, P.; LITTAU, K. (Org.). **A companion to Translation Studies**. Clevedon: Multilingual Matters, 2007. p.13-24.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros Textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BHATIA, Vijay K. **Analyzing Genre : Language using in professional setting**. London / New York: Longman, 1993.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

CARVALHO, Carolina Alfaro de. **A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor.** 2005. 160 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras, PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2005.

CASELI, H.M. **Alinhamento sentencial de textos paralelos português-inglês.** 2003. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

CHESTERMAN, A. From 'is' to 'ought': Laws, norms and strategies in translation studies. **Revista Target**, v. 5, p.1-20, 1993.

COSTA, Adriano Ribeiro da. **O Gênero Textual Artigo Científico: estratégia de organização.** 2003. 159 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes; NASCIMENTO, Elvira Lopes (Org.). **Gêneros Textuais: teoria e prática I.** Londrina: Fundação Araucária, 2004.

_____. **Gêneros Textuais: teoria e prática II.** Palmas e União da Vitória: Kaygangue, 2005.

CRONIN, Michel. **Translation and Globalization.** Londres: Routledge, 2003.

DAVIS, J. Social Creativity. In: HANN, C.M. (Ed.). **When History Accelerates: essays on Rapid Social Change, Complexity and Creativity.** London and Atlantic Highlands, NJ: The Anthlone Press, 1994. p. 95-110.

DUFLOU, V. Norm Research in conference interpreting: some methodological aspects. In: SCHMITT, P. A.; JÜNGST, H. E. (Ed.). **Translationsqualität,** Peter Lang, Frankfurt am Main, 2007a. p. 91-99.

_____. Norm Research in conference interpreting: How can the study of documentary sources contribute to a better understanding of norms? In: GERZYMISCH-ARBOGAST, H.; BUDIN, G. (Ed.). **LSP Translation scenarios - Proceedings of the Marie Curie Euroconferences.** MuTra: LSP Translation Scenarios, 2007b. Disponível em: <http://www.euroconferences.info/proceedings/2007_Proceedings/2007_Duflou_Veerle.pdf>

EVEN-ZOHAR, I. **Polysystem Studies.** Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, and Durham: Duke University Press, 1990.

EVERS, Aline; FINATTO, Maria Jose Borcony. **Caracterização do artigo de pediatria: macro e microestrutura.** Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <www.ufrgs.br/textquim> Acesso em: fev. 2011. _____

_____. The position of translated literature within the literary polysystem. In: HOLMES, J.S. et al. (Ed.). **Literature and Translation: new perspectives in Literary Studies.** Leuven: Acco, 1978. p.117-127. Versão revisada em: EVEN-ZOHAR, 1990. p 45-51.

GENTZLER, E. **Contemporary Translation Theories.** 2. ed. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.

GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello. **A divulgação científica em Ciência Hoje:** características discursivo-textuais. 2000. 286 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

GOMES, F.T.; PARDO, T.A.S.; CASELI, H.M. *VisualTCA: Uma Ferramenta Visual Online para Alinhamento Sentencial de Textos Paralelos*. 2007. Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC) - Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GONÇALVES, A. K. **Ser idoso no mundo:** o indivíduo idoso e a vivência de atividades físicas como meio de afirmação e identidade social. 1999. 214 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

GOUADEC, D. Nature et traitement des entités phraséologiques. In: **Actes de la deuxième université d'automne en terminologie**. Paris: La Maison du Dictionnaire, 1994. p.167-93. Disponível em: <www.jpmed.com.br> Acesso em: jan. 2011.

HALLIDAY, M. A. K. Language theory and translation practice. **Rivista Internazionali di Tecnica della Traduzione**, p. 15-25, 1992.

_____. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M.A.K; HASAN, R. **Language, context and text:** aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HERMANS, Theo. **Translation in Systems:** Descriptive and System-oriented Approaches Explained. United Kingdom: St. Jerome Publishing, 1999. Reimpresso em 2009.

_____. The first Debate. In: SCHÄFFNER, Christina (Ed.). **Translation and Norms**. Clevedon: Multilingual Matters, 1999. p. 33-49.

_____. Translational norms and correct translations. In: LEUVEN-ZWART, K. M.; NAAIJKENS, T. (Ed.). **Translation Studies: the state of the art** — proceedings of the First James S Holmes Symposium on Translation Studies. Amsterdam-Atlanta: Rodopi, 1991.

_____. Translation Studies and a new paradigm. In: HERMANS, T. (Ed.). **The manipulation of literature**. London: Croom Helm, 1985. p. 7-15.

HOLMES, J.S.; LAMBERT, J.; VAN DEN BROECK, R. **Literature and Translation:** new perspectives in Literary Studies. Leuven: Acco, 1978.

_____. **Translated!** Papers on Literary Translation and Translation Studies. Amsterdam: Rodopi, 1988.

HURTADO ALBIR, Amparo. A Aquisição da Competência Tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio (Org.). **Competência em Tradução:** cognição e discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

HURTADO ALBIR, Amparo. **Traducción y traductología**. Introducción a la traductología. Madrid: Cátedra, 2001.

JOLKESKY, Lucia Maria Pinho De Valhery. **Legibilidade de diálogos**: a colocação de pronomes nas traduções brasileiras de Pinóquio de 2002. 2007. 11 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. (Org.). **Gêneros Textuais**: reflexões e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

LAMBERT, J. Entrevista com José Lambert. In: GUERINI, Andréia; COSTA, Walter. **Entrevista com José Lambert**. PGET. Tradução de Gilles Abes; revisão de Cláudia B. de Fáveri, 2009. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores/AndreiaGuerini/Andreia_Guerini_-_Entrevista_com_Jose_Lambert.doc> Acesso em: 15 fev. 2011.

LAMBERT, J.; VAN GORP, H. On Describing Translations. In: HERMAN, T. (Ed.). **The Manipulation of Literature**. London and Sydney: Croom Helm, 1985. p. 42-53.

LEVÝ, J. **Die Literarische Übersetzung**: Theorie einer Kunstgattung (Walter Schamschula, trad.) Frankfurt am Main and Bonn: Athenäum, 1969, 1963.

MALMKJAER, Kirsten. Norms and nature in translation studies. In: ANDERMAN, Gunilla; ROGERS, Margaret (Ed.). **Incorporating corpora**: the linguist and the translator. Multilingual Matters, 2008. p. 49-59.

MARCANTÔNIO, A.T.; SANTOS, M.M.; LEHFELD, N.A. de S. **Elaboração e divulgação do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. (Org.). **Gêneros Textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTIN, J.R. Language, register and genre. In: CRISTIE, F. (Ed.). **Language studies**: children's writing: reader. Deakin University Press, 1984.

_____. **Grammar meets genre**: reflections on the Sydney School. Inaugural Lecture at Sydney University Arts Association. 31 de Agosto de 2000. Disponível em: <<http://linguisticlist.org>> Acesso em: dez. 2010.

MARTINS, Marcia Amaral Peixoto. Descriptive Translation Studies: uma revisão crítica. **Revista Gragoatá**, Niterói, n.13, p.33-52, 2. sem. 2002.

_____. **A instrumentalidade dos estudos descritivos para a análise de traduções**: o caso dos Hamlets brasileiros. 1999. 324p. Tese (Doutorado em Comunicação e

Semiótica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MUGNAINI, R.; JANNUZZI, P; QUONIAM, L. Indicadores bibliométricos da produção científica brasileira: uma análise a partir da base Pascal. **Ciência da Informação**, Brasília, DF; v. 33, n. 2, p. 123-131, maio-ago. 2004.

NAC & AARP. **Caregiving in the USA**. National Alliance for Caregiving and AARP. Funded by MetLife Foundation. California, abril, 2004.

NEWMARK, P. **Approaches to translation**. Oxford: Pergamon Press, 1981.

OMS. **Envelhecimento Ativo: uma política de saúde**. Tradução de Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2005. Título original em inglês: Active ageing: a policy framework.

PERROTTI-GARCIA, Ana Júlia. **Artigos Médicos em inglês, Publicados em Periódicos do Brasil e do Exterior: uma análise a partir de corpora comparáveis**. 2009. 129 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – PUC-SP, São Paulo, 2009.

POLCHLOPEK, Silvana; AIO, Michelle de Abreu. Tradução Técnica: armadilhas e desafio. **Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores**. São Paulo, v.19, p.101-113, 2009.

POLEZZI, Loredana. The First Debate. In: SCÄFFNER, Christina (Ed.). **Translation and Norms**. Clevedon: Multilingual Matters, 1999. p. 33-49.

POSSAMAI, Viviane. **Marcadores Textuais do Artigo Científico em Comparação Português e Inglês: um estudo sob a perspectiva da tradução**. 2004. 165 f. Dissertação (Mestrado em Teorias do texto e do Discurso) – UFRGS, Porto Alegre, 2004.

POSSAMAI, Viviane; LEIPNITZ, Luciane. Os estudos de gênero e a tradução: uma relação proveitosa demonstrada por meio da abordagem da tradução de artigos científicos. In: Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros, 4, 2007, Tubarão. **Anais...** Santa Catarina: UNISUL, 2007. p. 2016-2027.

PRADO, S.D.; SAYD, J.D. A pesquisa sobre envelhecimento humano no Brasil: grupos e linhas de pesquisa. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 57-67, 2004.

REIß, K.; VERMEER, H. J. **Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie**. Tübingen: Niemeyer, 1984.

REZENDE, J.M. **Linguagem Médica**. 3. ed. Goiânia: AB Editora e Distribuidora de Livros Ltda, 2004.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. Prefácio. In: AGUIAR, Ofir Bergemann de (Org.). **Tradução: fragmentos de um diálogo**. Goiânia: Ed. UFG, 2003. p. 5-8.

SANCHES, Karina Penariol. **Relações dialógicas em artigos científicos**: análise de um periódico de Saúde e Segurança do Trabalho. 2009. 299 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SCHÄFFNER, C. The Concept of Norms in Translation Studies. In: SCHÄFFNER, C. (Ed.). **Translation and Norms**. Clevedon: Multilingual Matters, 1999. p.1-8.

SWALES, J. Occluded genres in the academy: the case of the submission letter. In VENTOLA, E.; MAURANEN, A. (Ed.). **Academic writing: Intercultural and textual issues**. Amsterdam: John Benjamins, 1996.

_____. **Genre Analysis. English in Academic and Research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. **Research genres: explorations and applications**. Cambridge: Cambridge UP, 2004.

_____. Re-thinking genre: another look at discourse community effects. In: **Re-thinking Genre Colloquium**. Ottawa: Carleton University, 1992.

TELLIS, Winston. Introduction to Case Study. **The Qualitative Report**, v.3, n.2. July 1997.

TOURY, G. A Handful of Paragraphs on ‘Translation’ and ‘Norms’. In: SCHÄFFNER, Christina (Ed.). **Translation and norms**. Clevedon: Multilingual Matters, 1999. p. 9-31.

_____. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdam and Philadelphia: Benjamins, 1995.

_____. **In Search of a Theory of Translation**. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and semiotics, Tel Aviv University, 1980.

TOURY, G. The first Debate. In: SCHÄFFNER, Christina (Ed.). **Translation and Norms**. Clevedon: Multilingual Matters, 1999. p.33-49.

_____. The nature and role of norms in literary translation. In: HOLMES, J.S. et al. (Ed.). **Literature and Translation: new perspectives in Literary Studies**. Leuven: Acco. 1978. p. 83-100. Versão revisada In: TOURY, G. 1995. p. 53-69.

VAN DIJK, Teun. A. **La ciência del texto: um enfoque interdisciplinario**. Barcelona: Paidós, 1989.

VERAS, Renato Peixoto. **Entrevista concedida a Simone Vieira Resende**. UnATI – sala da direção. Rio de Janeiro: UERJ, 19 de outubro de 2010.

_____; DUTRA, Sidney. **Perfil do Idoso Brasileiro**: questionário BOAS. Rio de Janeiro: UnATI/UERJ, 2008.

ZANOTTO, Normelio. **E-mail e carta comercial**: estudo contrastivo de gênero textual. Rio de Janeiro e Caxias do Sul: Lucerna e EDUCS, 2005.

ZIPSER, Meta Elisabeth. **Do fato à reportagem**: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural. 2002. 274 f. Tese (Doutorado) – Depto. de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ZÍLIO, Leonardo; SCHEEREN, Fernanda; FINATTO, Maria José Bocorny. **Artigos científicos de Cardiologia**: contraste de macro e microestruturas para caracterização de tipo textual. Comunicação apresentada no Simpósio Internacional de Estudos de gêneros Textuais – O Ensino em Foco – Agosto de 2009. Caxias do Sul. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/termisul/biblioteca/artigos/artigo_V_SIGET_2009_ZILIO_SCHEEREN_FINATTO.pdf> Acesso em: fev. 2011.